

FACULDADE DE PSICOLOGIA E DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

**Prevenção primária da Sida na Infância:  
contributo para uma sexualidade  
responsável usando actividades com pais e  
filhos apoiadas pelo computador**

Mafalda Sofia Rodrigues Martins Nunes do Vale

Coimbra, 2008

FACULDADE DE PSICOLOGIA E DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

**Prevenção primária da Sida na Infância:  
contributo para uma sexualidade  
responsável usando actividades com pais e  
filhos apoiadas pelo computador**

Mafalda Sofia Rodrigues Martins Nunes do Vale

Dissertação de Mestrado em Síndrome da  
Imunodeficiência Adquirida (SIDA); da  
Prevenção à Terapêutica, áreas de especialização  
em Educação para a Saúde e em Medicina,  
apresentada à Faculdade de Psicologia e de  
Ciências da Educação da Universidade de  
Coimbra e realizada sob a orientação do Doutor  
João Carlos Matos Paiva e como co-orientador a  
Doutora Maria Cristina Cruz Sousa Portocarrero  
Canavarro

Coimbra, 2008



## **Agradecimentos**

Gostaria de começar por agradecer ao meu Orientador, Doutor João Carlos Matos Paiva e à Doutora Maria Cristina Cruz Sousa Portocarrero Canavarro (co-orientadora) que me apoiaram com disponibilidade e empenho durante a investigação do presente trabalho.

Agradeço às Professoras da Escola EB1 de Montes Claros de Coimbra, pela forma como me receberam e colaboraram na investigação.

Às crianças e aos seus pais das crianças, que tornaram este estudo possível.

Ao meu marido, Tiago Correio, pelo apoio e ajuda na criação do site para o estudo em causa.

# Índice

Introdução .....	ix
1. Contextualização Teórica .....	1
1.1. Sida um flagelo contemporâneo.....	1
1.1.1. Definição e origem da doença.....	1
1.1.2. Evolução da doença .....	2
1.1.3. Sida, hoje .....	6
1.2. Sexualidade, Família e Sida.....	8
1.2.1. Desenvolver um sentimento de segurança .....	13
1.2.2. Compreender a percepção da criança sobre a doença .....	14
1.2.3. Revelar o diagnóstico à criança .....	14
1.2.4. Compreender o impacto do HIV/SIDA no processo psicoterapêutico.....	16
1.3. Prevenção Primária da Sida e comportamentos Sexuais .....	18
1.3.1. O que é a prevenção primária .....	18
1.3.2. Sexualidade responsável: um contributo para a prevenção primária da Sida.....	20
1.3.3. Necessidades de educação sexual nos alunos do 1º Ciclo do Ensino Básico.....	21
1.3.4. Mitos e verdades da sexualidade.....	23
1.4. TIPS: uma estratégia envolvendo pais e filhos .....	26
1.4.1. Algumas notas sobre parentalidade.....	26
1.4.2. Enquadramento teórico das TIPS.....	30
1.4.3. Definição das TIPS .....	35
1.4.4. Importância das TIPS como forma de interacção entre pais e filhos .....	41
1.4.5. Utilização das TIPS em Portugal .....	42
1.5. A Internet ao serviço das dinâmicas pedagógicas.....	45
1.5.1. As novas tecnologias e a prevenção da Sida.....	49
2. Recursos produzidos no âmbito da investigação.....	51
2.1. TIPS sobre sexualidade na infância e família .....	51
2.2. Página Web de suporte: “Sexualidade e afectos” .....	52
3. Estudo de campo.....	59
3.1. Objectivos e contextualização do estudo .....	59
3.2. Metodologia e desenho da investigação .....	59
3.3. Análise de conteúdo.....	62
3.3.1. Amostra (participantes).....	64
3.3.2. Material .....	65
3.3.3. Procedimentos.....	66
3.3.4. Resultados.....	67
3.3.5. Discussão dos resultados.....	77

4. Notas finais .....	82
4.1.    Algumas conclusões .....	82
4.2.    Autocrítica e reflexões .....	83
4.3.    Autocrítica da usabilidade do site .....	83
4.3.1. Sítio e a Web 2.0.....	85
4.4.    Projectos Futuros .....	85
5. Bibliografia.....	87
6. Anexos .....	a

## Índice de Imagens

Imagem 1. Visão global da infecção HIV. 39 milhões de pessoas (33-46 milhões) vivem com HIV, 2005 .....	4
Imagem 2. Funções ligadas à parentalidade .....	27
Imagem 3. Política de Educação Sexual na escola.....	31
Imagem 4. Comunicação casa-escola-alunos .....	37
Imagem 5. TIPS do projecto Banda Larga – Sistema Respiratório.....	44
Imagem 6. Página de entrada nas TIPS – Sexualidade e afectos .....	54
Imagem 7. TIPS – Etapas do desenvolvimento do embrião.....	55
Imagem 8. TIPS – As diferenças entre os sexos .....	56
Imagem 9. TIPS – SIDA.....	58

## Índice de gráficos

Gráfico 1. Distribuição de casos por categorias de transmissão e ano de diagnóstico.....	5
Gráfico 2. Percentagem de mulheres em relação aos homens de casos diagnosticados.....	7

## Índice de Quadros

Quadro 1. Mitos e verdades sobre a sexualidade .....	25
Quadro 2. Sexo dos inquiridos .....	64
Quadro 3. Idade dos inquiridos.....	65
Quadro 4. Habilitações literárias dos inquiridos .....	65
Quadro 5. Concelhos e freguesias de residência dos inquiridos .....	65
Quadro 6. Computador e acesso à Internet em casa .....	67
Quadro 7. A relação dos inquiridos com as TIC .....	67
Quadro 8. Horas por semana na Internet .....	68
Quadro 9. Onde se utiliza a Internet .....	68
Quadro 10. Utilização da Internet em família .....	68
Quadro 11. Relação entre a escola e a família.....	69
Quadro 12. Relação entre a escola e a família – criação de mais tempos partilhados.....	69
Quadro 13. Acompanhamento dos estudos em casa .....	70
Quadro 14. Estratégias para acompanhar os estudos das crianças em casa identificadas pelos alunos. ....	71
Quadro 15. Estratégias para acompanhar os estudos das crianças em casa identificadas pelos encarregados de educação. ....	71
Quadro 16. Estratégias para acompanhar os estudos das crianças em casa identificadas pelos professores. ....	71
Quadro 17. Abordagem dos temas da escola em casa.....	72
Quadro 18. Abordagem em casa da sexualidade, sida e afectos .....	73
Quadro 19. A abordagem da sexualidade, da sida e dos afectos em casa vista pelos alunos. ....	73
Quadro 20. A abordagem da sexualidade, da sida e dos afectos em casa vista pelos encarregados de educação .....	73
Quadro 21. A abordagem da sexualidade, da sida e dos afectos em casa vista pelos professores. ....	74
Quadro 22. O que são TIPS? .....	74



Quadro 23. As TIPS trarão aspectos positivos para a educação das crianças? .....	75
Quadro 24. Aspectos positivos das TIPS para a educação mencionados pelos alunos. ....	75
Quadro 25. Aspectos positivos das TIPS para a educação mencionados pelos encarregados de educação. ....	75
Quadro 26. Aspectos positivos das TIPS para a educação mencionados pelos professores. ....	75
Quadro 27. Versão preferida das TIPS apresentadas .....	76
Quadro 28. Aspectos positivos nas TIPS apresentados mencionados pelos inquiridos .....	76
Quadro 29. Aspectos negativos nas TIPS apresentadas mencionados pelos inquiridos .....	77
Quadro 30. Sugestões e modificações a introduzir nas TIPS apresentadas .....	77

## Lista de abreviaturas

APF	Associação para o Planeamento Familiar
CDC	Centre of Disease Control
CMS	Content Management System
CVEDT	Centro de Vigilância Epidemiológica das Doenças Transmissíveis
HIV	Vírus da imunodeficiência humana
HPV	Vírus do Papiloma Humano
IST	Infecções Sexualmente Transmissíveis
OMS	Organização Mundial de Saúde
PAQ	Pais na Aprendizagem de Química
PLWAS	People Living With AIDS
SIDA	Síndrome de Imunodeficiência Adquirida
SIV	Vírus da imunodeficiência símia
TIC	Tecnologia da Informação e Comunicação
TIPS	Teachers Involving Parents in School work
UNAIDS	The Joint United Nations Programme on HIV/AIDS

## Resumo

Com este trabalho pretendemos criar alguns materiais sobre a educação para a sexualidade na primeira infância, capazes de auxiliar os pais e professores a trabalhar com as crianças.

As actividades criadas designam-se por TIPS (*Teacher Involving Parents in Schoolwork*) que, como o próprio nome indica, pretendem envolver de uma forma mais efectiva os pais no trabalho escolar dos filhos, minimizando o ruído que por vezes é estabelecido na comunicação escola-casa.

Para o estudo de campo foram desenvolvidas três TIPS que apresentam alguma interactividade e que utilizam ferramentas construídas num sítio da Internet, criado para o efeito.

Entrevistamos pais, crianças e educadores depois de estes terem tomado contacto com os materiais desenvolvidos. Avaliámos de que forma, através destas actividades interactivas, pais, educadores e crianças sentem menos dificuldades em abordar assuntos como sexualidade, SIDA e afectos. Os dados do estudo não podem ser generalizados e apresentam algumas fragilidades mas são inequivocamente encorajadores no que concerne à possibilidade das TIPS mediadas por recursos digitais poderem otimizar a comunicação casa-escola e favorecerem estratégias de abordagem da prevenção da SIDA na primeira infância.

## **Abstract**

With this work we intend to create materials about sexuality education during the first childhood, able to help parents and teachers that work with children.

The activities created are known as TIPS (Teacher Involving Parents in Schoolwork) which aim at involving in a more efficient way parents in the school work with their children, lessening the noise that sometimes exist during school-home communication.

For the study we developed three TIPS that present some interactivity and that use tools built in a website created for this issue.

We interviewed parents, children and educators after they have had contact with the developed materials. We evaluated in which way, through these interactive activities, parents, educators and children feel it is easier to approach issues like sexuality, AIDS and affections. Data from this study should not be generalized and present some weaknesses, however they are clearly encouraging in what concerns the possibility the TIPS mediated by digital resources may optimize the school-home communication and promote approach strategies of AIDS prevention during the first childhood.

## Résumé

Notre intention avec ce travail est de créer quelques matérielles sur l'éducation pour la sexualité de la première enfance, capables d'aider les parents et professeurs à travailler avec des enfants.

Les activités créées sont désignées par TIPS (*Teacher Involving Parentes in Schoolwork*) qui, comme peut s'entendre, projette d'impliquer d'une forme plus effective les parents dans le travail de l'école de ses enfants, en intention de minimiser la distance qui est établie beaucoup fois dans la communication école-maison.

Pour l'étude de camps, nous avons développés trois TIPS qui présente quelque interactivité et qui use des outils construis dans un site d'Internet, créé par l'effet.

Nous avons fait des entrevêtes avec des parents, des enfants et des éducateurs après ils ont connu les matérielles développés. Nous avons évalué à travers de ces activités interactives de qui façon les parents, éducateurs et enfants sentent moins obstacles à approcher et parler des thèmes comme la sexualité, le SIDA et affectes.

Les dates de l'étude ne peut pas être généralisés et sont un peu fragiles. Cependant sont sans équivoque très encouragée en ce qui concerne l'utilisation des TIPS avec des ressources digitales pour optimiser la communication maison-école. En plus ils aident les stratégies d'abordage de la prévention de la SIDA dans la première enfance.

## Introdução

Os programas de educação sexual na escola continuam, nos tempos de hoje, a serem vistos como uma fonte de preocupação para os professores, pois estes não sabem como devem formular os projectos de implementação.

Embora cientes, em teoria, da importância de educar para a sexualidade, os professores possuem algumas lacunas na sua formação e legítimos receios.

Cada família tem formas distintas de educar os seus filhos e cada criança traz para a escola uma herança social e familiar peculiar. Nalguns casos existe um distanciamento entre o que é ensinado na escola e o que é ensinado em casa.

O problema central deste trabalho é a dificuldade de articular na escola, desde logo na primeira infância, a urgência mas também a delicadeza de educar para a sexualidade. Neste trabalho criamos materiais que possam ajudar os professores e os pais a trabalharem com as crianças, apostando na prevenção primária, que nos parece ser a forma mais eficaz para uma sexualidade responsável. Uma intervenção na primeira infância pode evitar mais tarde, os múltiplos parceiros, sem grande discernimento e escolha, conduzindo a menos comportamentos de risco, no sentido de se diminuir a propagação de doenças sexualmente transmissíveis. A nossa proposta de trabalho poderia assim enunciar-se: Actividades envolvendo pais e filhos na primeira infância como as que propomos podem contribuir para a diminuição do risco de Síndrome de Imunodeficiência Adquirida (SIDA) no futuro.

Usaremos neste trabalho a expressão educação para a sexualidade em vez de educação sexual, uma vez que entendemos que a primeira expressão induz mais a ideia de uma educação global, onde as questões de sexualidade não se remetem nem centram na genitalidade, mas incluindo aspectos que apontam para o todo bio-psico-social da sexualidade.

O público-alvo do trabalho são crianças do primeiro ciclo e que frequentam uma escola de ensino básico de Coimbra, com idades compreendidas entre os 7 e os 9 anos.

O presente trabalho é composto por 4 capítulos. No primeiro capítulo fazemos uma breve contextualização teórica sobre a definição e origem do HIV/SIDA, e a evolução da mesma, focando-nos em dados essencialmente de natureza clínica e epidemiológica.

Neste primeiro capítulo serão ainda abordado aspectos ligados ao impacto da SIDA na família e a importância da prevenção primária em crianças do primeiro ciclo. Em que consistem as TIPS e qual o papel da Internet em práticas pedagógicas é um assunto também versado neste capítulo.

No segundo capítulo é feita uma apresentação detalhada dos recursos produzidos no âmbito da investigação.

No capítulo terceiro é descrito o método de pesquisa, contemplando: amostra; instrumento; apresentação e análise dos resultados.

No capítulo quarto são apresentadas as conclusões sobre o estudo realizado e uma reflexão com linhas orientadoras para um possível futuro trabalho.

O trabalho acaba com apresentação da bibliografia utilizada e consultada para a elaboração da dissertação, bem como a apresentação dos anexos.

Este trabalho está disponível *online*, incluindo os recursos produzidos, em [www.sirbabyface.net/tips](http://www.sirbabyface.net/tips). Acompanha este trabalho, também, um CD-ROM que contém a própria dissertação em formato digital e o recurso multimédia desenvolvido.

*Os bons exemplos, a auto-estima, a sensibilidade positiva para o corpo, a estimulação à tomada de decisões, a confiança e a segurança de que são “normais” são alguns dos “ingredientes” que podem compor a “sopa de uma educação” saudável.*

*Sá et al., 2003, p. 158*



## 1. Contextualização Teórica

A revisão bibliográfica a que procederemos no âmbito deste trabalho é necessariamente breve e deliberadamente sintética. Focamo-nos apenas no essencial, que tem explicitamente a ver com o nosso estudo, ficando de fora alguns possíveis aprofundamentos.

Queríamos, contudo, centrar este trabalho na produção de materiais originais e respectiva medida de impacto da sua implementação.

### 1.1. *Sida um flagelo contemporâneo*

Este capítulo abordará questões relacionadas com aspectos epidemiológicos associados à infecção pelo HIV/SIDA, fazendo uma breve descrição histórica da origem da infecção e a sua evolução até aos dias de hoje, no Mundo e em Portugal.

#### 1.1.1. Definição e origem da doença

A “Síndrome de Imunodeficiência Adquirida” – SIDA<sup>1</sup>, foi detectada pela primeira vez nos Estados Unidos da América (EUA) pelo Centers for Disease Control and Prevention (CDC) a 5 de Junho de 1981, quando foi registada a primeira prova clínica da existência da doença, em cinco homossexuais masculinos, saudáveis até então (Duque, 2002).

A doença ficou a associada, na altura, a uma doença específica da população homossexual, tendo sido designada por GRID (Gay-Related Immune Deficiency). Rapidamente se verificou que a doença atingia outras pessoas, nomeadamente hemofílicos e heterossexuais, ou seja, não era apenas uma doença exclusiva de grupos que apresentavam comportamentos de riscos.

---

<sup>1</sup> Foi considerada pelos epidemiologistas americanos como a doença dos quatro H, devido aos grupos a que normalmente se associava a doença, homossexuais, heroínomanos, haitianos e hemofílicos. Outros acrescentaram um quinto H de *hookers* (prostitutas).

A infecção pelo HIV é provocada por um dos dois vírus da imunodeficiência adquirida HIV-1 e HIV-2. O primeiro retrovírus foi identificado pela equipa do Instituto Pasteur, liderada por Luc Montagnier. Estes dados foram confirmados, um ano mais tarde, pela equipa de Robert Gallo do National Institute of Health nos EUA. O HIV-2 foi isolado em 1986, por investigadores do Instituto Pasteur em colaboração com investigadores portugueses J. L. Champalimaud e M. O. Ferreira, e investigadores do Hospital Claude Bernard, em dois doentes oriundos da Guiné Bissau (Daudel e Montagnier, 1995).

Em 1986, um comité internacional recomendou o termo HIV para denominar a infecção pelo HIV, reconhecendo-o como uma doença viral, infecciosa e fatal.

*Definia-se SIDA como uma doença que, pelo menos moderadamente, predizia uma defeito da imunidade celular, ocorrendo numa pessoa sem causa conhecida para uma resistência diminuída para essa doença.*

*Duque, 2002, p. 17*

Embora não se conheça a origem do HIV, sabe-se que existem semelhanças com a família do retrovírus de primatas não-humanos (macacos verdes africanos), que vivem na África sub-sahariana, chamado vírus da imunodeficiência símia (SIV). Sabe-se que em rituais religiosos o homem sacrificava animais, e ingeria o seu sangue; assim, o vírus SIV pode ter sido transmitido ao homem, sofrido mutações e passado a atacar a espécie humana.

### **1.1.2. Evolução da doença**

Inicialmente a epidemia foi considerada tipicamente de perfil masculina, uma vez que foi diagnosticada em 1981 nos Estados Unidos a cinco homossexuais. Considerada como uma infecção pertencente aos então designados grupos de riscos, homossexuais e toxicodependentes. Sabe-se hoje que a infecção pelo HIV não está relacionada com “grupos de risco”, mas sim com comportamentos de risco (Caetano, 2003).

Um grupo de risco corresponde a uma população sujeita a determinados factores ou com determinadas características, que a tornam mais propensa a ter ou adquirir determinada doença.

Os comportamentos de risco podem ser definidos como participação em actividades que possam comprometer a saúde física e mental dos indivíduos (Feijó & Oliveira, 2001).

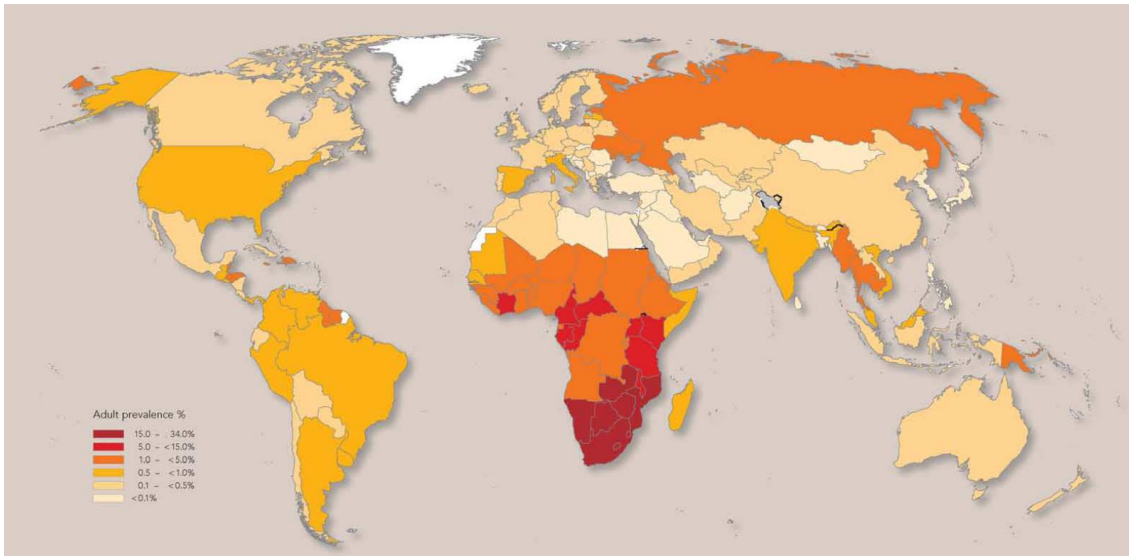
Com o reconhecimento do método de transmissão heterossexual, começou-se a olhar para o problema na população feminina. No ano de 1981, nos Estados Unidos da América, surge a discussão do primeiro caso de SIDA numa mulher. Desde essa altura as mulheres têm sido o grupo onde aumentou mais o HIV/SIDA.

No ano de 2006, fez 25 anos que se detectou pela primeira vez uma infecção devastadora, num ser humano, que até então nunca se tinha visto.

*“In June of 1981 we saw a young gay man with the most devastating immune deficiency we had ever seen. We said, we don’t know what this is, but we hope we don’t ever see another case like it again.”*

*WHO, 1994 in UNAIDS, 2006, p. 2*

Ao longo destes 26 anos, ao contrário do que a Organização Mundial de Saúde (OMS) pretendia, que seria não voltar a ser detectado outro caso igual ao de 1981, mais casos surgiram e, em todo o mundo, existem numerosas pessoas infectadas pelo o HIV/SIDA. O mundo mudou face a esta doença (Imagem 1).



**Imagem 1. Visão global da infecção HIV. 39 milhões de pessoas (33-46 milhões) vivem com HIV, 2005 (UNAIDS, 2006, p. 14)**

O HIV/SIDA é uma epidemia que se foi “movendo” e afectando homossexuais, heterossexuais, toxicómanos, população jovem, crianças e idosos.

*“...in 1996, the United Nations moved to address AIDS not a isolated health problem but as a human development issue as significant as any facing the world today.”*

*UNAIDS 10<sup>th</sup> anniversary special edition, 2006, p. 2*

Actualmente a doença já atingiu 65 milhões de pessoas em todo o mundo, tendo morto 25 milhões.

Porém, o trabalho de acabar com a epidemia, não cabe apenas aos médicos, investigadores e políticos. Cabe a todos nós, que somos os actores principais na erradicação desta doença, como Kofi A. Annan referiu:

*“A quarter century into epidemic, the global AIDS response stands at a crossroads. For the first time ever the world posses the means to begin to reverse the epidemic. But the success will require unprecedented willingness on the part of all actors in the global response to fulfil their potential, to embrace new ways of working with each other, and to...sustain the response over the long term.”*

*UNAIDS 10<sup>th</sup> anniversary special edition, 2006, p. 4*

Quando esta doença surgiu, os termos linguísticos que eram utilizados, segundo Campos (1993), demonstravam claramente tendências discriminatórias – vítimas de SIDA, grupos de risco, promiscuidade, prostitutas, drogados.

Convém não esquecer que, ainda no século XXI, apesar de toda a informação a que as pessoas têm acesso, continua a haver estigmatização das pessoas portadoras da doença, que acaba por ser uma barreira para a erradicação da doença. As pessoas que estão infectadas, por medo, acabam por não dizer que são portadoras de HIV/SIDA, com receio da reacção das pessoas que os rodeiam (Pomeroy, Rubin & Walker, 1996).

Em Portugal estão oficialmente notificados 31.677 casos de infecção pelo o HIV / SIDA em todos os estádios de infecção<sup>2</sup>, segundo o Centro de Vigilância Epidemiológica das Doenças Transmissíveis (CVEDT), em Junho de 2007. Destes casos 75,00% são do sexo masculino e 24,92% do sexo feminino (Gráfico 1).

70,97 % dos casos são entre os 15 e os 39 anos (idade reprodutiva).

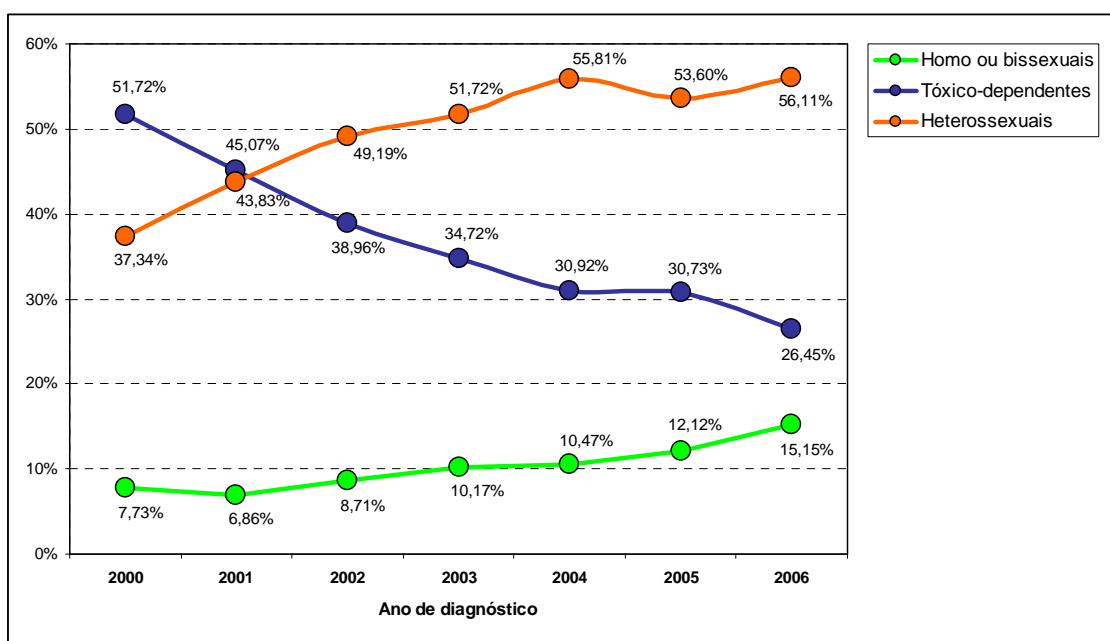


Gráfico 1. Distribuição de casos por categorias de transmissão e ano de diagnóstico (CVEDT, 2007)

<sup>2</sup> Portadores assintomáticos, sintomáticos não-SIDA e SIDA.

Ao longo dos anos verifica-se um aumento como o meio privilegiado de transmissão do VIH/SIDA através de relações heterossexuais e homo ou bissexuais. Com esta evolução torna-se necessária uma melhor prevenção primária, uma vez que o principal meio de contágio são as relações sexuais. Será que existe uma educação para a sexualidade eficaz?

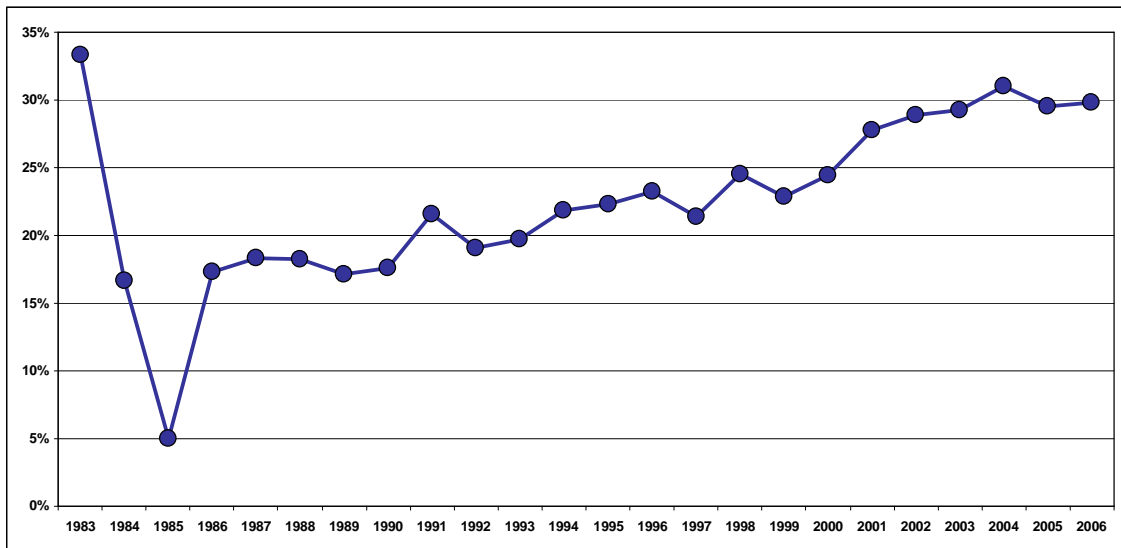
### **1.1.3. Sida, hoje**

A infecção pelo HIV, actualmente, deixou de ser uma entidade clínica que, na generalidade dos casos, atingindo a fase de SIDA, tinha uma curta evolução até à morte, para se transformar numa doença crónica<sup>3</sup> (Lecour, 2004).

O padrão de distribuição da infecção pelo HIV e da incidência da SIDA tem mudado consideravelmente. No início da epidemia apontava-se para a existência de grupos de risco: homossexuais, bissexuais masculinos e consumidores de drogas injectáveis. Actualmente houve um aumento crescente da infecção e da doença nos heterossexuais. Esta forma de transmissão é predominante em África e tem aumentado rapidamente na América do Sul e em vários países da Ásia. Com a evolução do padrão de transmissão, o número de mulheres infectadas tem aumentado. Em Portugal o número de casos diagnosticados em mulheres, em relação aos homens, tem aumentado, mas em 2006, 70% dos casos eram homens (Gráfico 2).

---

<sup>3</sup> Doenças crónicas têm uma ou mais das seguintes características, segundo a OMS: são permanentes, produzem incapacidade/deficiências residuais, são causadas por alterações patológicas irreversíveis, exigem uma formação especial do doente para a reabilitação, ou podem exigir longos períodos de supervisão, observação ou cuidados.



**Gráfico 2. Percentagem de mulheres em relação aos homens de casos diagnosticados (CVETD, 2007).**

De acordo com dados do The Joint United Nations Programme on HIV/AIDS (UNAIDS), até ao fim do ano de 2005, existiam no mundo 39,5 milhões de pessoas infectadas com HIV, sendo 17,7 milhões mulheres. A transmissão vertical (mãe-filho, que pode ocorrer durante o peri-parto, o parto ou o pós-parto), fez com que existissem 2,3 milhões crianças infectadas.

Como Caetano (2003) refere, esta doença ocupa um lugar importante entre as emergências infantis. Existem crianças que não são infectadas pelas mães, mas sim pela exploração e escravatura sexual a que estão sujeitas.

Apesar de a ciência e a medicina terem evoluído muito nestes anos, não existe ainda nenhuma cura para o HIV/SIDA, existe sim uma terapêutica anti-retrovírica eficaz, que diminui os efeitos da infecção no organismo<sup>4</sup>.

Assim, existe a necessidade de se apostar na prevenção, como forma de evitar o aumento de novos casos desta doença, que é uma epidemia a nível mundial.

---

<sup>4</sup> Caracteriza-se por diversas manifestações clínicas subjacentes à penetração no organismo do vírus HIV, que atacando o sistema imunitário do indivíduo, torna-o susceptível a todo o tipo de infecções (Guerra, 1998).

## **1.2. Sexualidade, Família e Sida**

Falar de sexualidade, até há muito pouco tempo atrás, era algo considerado como “pecado”. Sempre que se falava sobre sexualidade, as pessoas tinham noção de que se falava necessariamente e apenas de sexo.

Porém, no dicionário de língua portuguesa<sup>5</sup>, estas duas palavras têm definições diferentes:

- Sexualidade - um conjunto de características morfológicas, fisiológicas e psicológicas relacionadas com o sexo; é um conjunto de fenómenos relativos ao instinto sexual; sensualidade.
- Sexo – conjunto de características físicas e funcionais que distinguem o macho da fêmea; conjunto de pessoas que têm morfologias idênticas relativamente ao aparelho sexual; órgãos sexuais; relação sexual; actividade reprodutora; sensualidade; prazer sexual.

Portugal, país de moral judaico-cristã, não era diferente dos outros países, em que falar de sexualidade era algo considerado como tabu.

Como refere Cordeiro (2003), sexo era palavra hedionda, obscena, que qualquer criança ou jovem (ou agora adulto) de bem não se atreveria a pronunciar

Citando Lopéz et al (1998), para entender a sexualidade, não basta conhecer a anatomia e a fisiologia sexual, sem que se tenha em conta a psicologia sexual e a cultura em que o individuo se insere.

*A sexualidade pode expressar-se em vários níveis: orgânico ou físico, revelado no CRESCIMENTO e na MATURAÇÃO SEXUAL, ou psicológico e cultural/social, revelado nos COMPORTAMENTOS e na vida de relação.*

*Cordeiro, 2003, p. 74*

---

<sup>5</sup> <http://www.infopedia.pt>



Vivendo em sociedade, existe a necessidade de se estabelecerem normas, regras, condutas de convivência, e como López et al (1998) referem, as condutas sexuais não são mais do que condutas sociais, pois implicam outras pessoas.

O conceito de sexualidade foi-se alterando ao longo dos anos, e no século XX verifica-se uma mudança radical. Esta mudança, de acordo com López et al (1998) deve-se a quatro factores:

- o controlo da mortalidade infantil e o aumento da esperança média de vida provocaram um aumento da população, sobretudo na década de 60-70 na Europa e, actualmente, em muitos países do Terceiro Mundo, que conduziu à implementação de serviços de planeamento familiar;
- os métodos anticoncepcionais desenvolveram-se muito, prevenindo as gravidezes indesejadas e a transmissão de Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST);
- os valores dominantes mudaram, nomeadamente no Ocidente. A sexualidade nos dias de hoje é vista como uma dimensão positiva e a regulação social das condutas sexuais é muito mais permissível;
- os costumes são mais permissíveis e a moral actua mais sobre a consciência individual e menos como uma norma que se exige aos outros.

Porém, esta mudança no conceito de sexualidade pode ser um pouco perigosa, conduzindo a mitos e verdades sobre o tema (mais à frente serão apresentados alguns mitos e verdades sobre esta temática). Existe então a necessidade de uma educação para uma sexualidade responsável. Educar para os valores éticos, para os afectos e para o respeito aos outros. Educar com responsabilidade é um processo construtivo íntimo.

*“Na espécie humana, a sexualidade é a dimensão mais rica e completa, que não se limita a função reprodutora, nem mesmo para se complementar na busca de uma satisfação da actividade no prazer coital. A sexualidade é, na espécie humana uma dimensão muito plástica e rica. É uma das experiências mais claras de que o ser humano é um ser para o contacto e para a vinculação”*

*López et al , 1999, p. 79*

A Organização Mundial de Saúde (OMS) define sexualidade como uma energia que nos motiva a procurar amor, contacto, ternura e intimidade; que se integra no modo como nos sentimos, movemos, tocamos e somos tocados; é ser-se sensual e ao mesmo tempo sexual. A sexualidade influencia pensamentos, sentimentos, acções e interacções e, por isso, influencia também a nossa saúde física e mental.

Outro conceito que tem vindo a sofrer grandes alterações é o conceito de família. Família deriva do latim “famulus” que significa escravo doméstico. Em Roma o pai tinha o controlo absoluto sobre os filhos, podendo vendê-los ou condená-los à morte livremente. Este conceito foi transposto para a lei inglesa, prevalecendo até ao século XIV.

Na Idade Média, a infância não era considerada como fase única da vida, como a consideramos hoje. Era comum as crianças muito pequenas irem servir ou aprender um ofício, sendo os estudos reportados para um plano secundário em relação ao trabalho.

Só a partir do século XVI se passou a olhar para as crianças com outros olhos, a considerá-las como merecedoras de interesse especial, com tarefas importantes e específicas de desenvolvimento a desempenhar e dignas de afecto.

Estas alterações passam substancialmente pelas novas formas de família, e pela perda substancial da relevância do papel da família na nossa sociedade. Porém, a família pode ser considerada como um sistema, que se vai diferenciando em sub-grupos especializados nas diferentes tarefas.

Um sistema pode ser definido como uma unidade global organizada por inter-relações constantes entre os elementos e com o que o rodeia. É uma

hierarquia de subsistemas e quantos mais níveis tiver, mais complexo é. Em termos sistémicos, família é todo o grupo de pessoas que vive junto e estabelece relações com o intuito de alcançar dois objectivos: protecção e socialização.

A doença crónica perturba o indivíduo e todos os sistemas que o envolvem, como elemento que entra no sistema com a sua própria personalidade e ritmo evolutivo. Para além disso, as crenças e as representações sociais alteram o funcionamento familiar, levando a uma reorganização mais ou menos prolongada e sempre acompanhada por tensões e necessidades de readaptação.

A doença leva a que a pessoa se isole naturalmente. Fisicamente, tende a remeter-se para um certo local, recorrendo a menos espaço de sociabilização.

Como Ferreira (1999) refere, a SIDA é a forma mais grave de infecção pelo HIV. Deixou de ser considerada unicamente como um problema médico, porque tanto a SIDA como a seropositividade atacam não só as resistências do corpo humano, como também as do corpo social.

*“O estigma do SIDA/HIV, medo do contágio, carga financeira, e o trauma emocional (...) conduzem a alienação, isolamento social e conspiração de silêncio por parte da família (...) Alguns membros da família são incapazes de lidar com a doença e rejeitam ou abandonam o PLWAS (...). Outras famílias que ultrapassam o choque inicial podem experienciar tremendos sentimentos de ansiedade e “peso” e o sentido esmagador da responsabilidade de tomarem conta dos seus entes queridos.”*

*Pomeroy, Rubin & Walker, 1996, p. 299.*

As respostas familiares à doença crónica dependem muito do sistema de crenças e transgeracionais, do modo como percebem a doença, das expectativas e dos padrões de adaptação. Etnia, religião e raça são importantes determinantes da responsabilidade percebida acerca da doença e do controlo.

Campos (1993) refere que a nível familiar, o HIV compromete severamente a economia do agregado, porque reduz a capacidade de trabalho,

aumenta as despesas de saúde e reduz os recursos, tanto dos que se infectam como dos que são afectados pelo vírus.

Quando é diagnosticado infecção de HIV/SIDA numa criança, toda a estrutura familiar fica afectada. São feitos testes à família para descobrir que outros elementos se encontram infectados. A partir daqui começa uma luta para o tratamento e para a não discriminação da criança e da família por parte da sociedade. Começam a surgir medos de natureza preconceituosa no seio da família.

*“A família terá por isso que assumir novas funções, ajustar-se a novas exigências desconhecidas e aumentadas, a sua atitude poderá ser de fechamento e isolamento, vivenciando sentimento simultâneos de vergonha e de revolta”*

*Sousa & Saramago, 2005, p. 31*

Em muitos casos as famílias já se encontram destruturadas e com graves problemas, pois geralmente o pai e/ou a mãe também estão infectados e têm comportamentos de risco, que resultam da toxicod dependência, pobreza, prostituição, alcoolismo, etc.

A SIDA é uma doença crónica e como tal deve ser tratada como as outras doenças crónicas. Já existe um longo percurso no acompanhamento de crianças com doenças crónicas.

Este acompanhamento, por exemplo, poderá passar por uma psicoterapia<sup>6</sup> semelhante aos princípios da psicoterapia em geral. O processo psicoterapêutico é importante para apoiar as crianças portadoras do HIV/SIDA e as suas famílias, de modo a que não se sintam marginalizados pela sociedade.

No entanto, nem todas as crianças precisam de estar todo o tempo em terapia, embora quase todas tenham de passar por apoio psicológico.

---

<sup>6</sup> O termo psicoterapia refere-se as diversas técnicas de atendimento empregadas em Psicologia para atender o paciente. O atendimento pode ser realizado através de diferentes métodos, sendo características comuns o emprego da comunicação verbal e não verbal e a atenção à relação entre cliente/paciente e psicoterapeuta.

Para proporcionar uma psicoterapia a crianças infectadas com o HIV/SIDA, deve-se ter em conta quatro etapas (Pollock & Thompson, 1995):

1. Desenvolver um sentimento de segurança entre o terapeuta e a criança.
2. Compreender a percepção da criança sobre a doença.
3. Ter sensibilidade em revelar o diagnóstico à criança.
4. Compreender o impacto do HIV/SIDA no processo psicoterapêutico.

### **1.2.1. Desenvolver um sentimento de segurança**

A segurança no contexto da psicoterapia refere-se ao sentimento de confiança e cooperação estabelecido entre a criança e o terapeuta, de modo a ser possível abordar em conjunto temas dolorosos e aprender a tolerar frustrações e atrasos. Esta relação de segurança não pode ocorrer, se não houver por parte dos pais ou dos prestadores de cuidados um sentimento de confiança em relação ao terapeuta.

Por vezes, este sentimento de segurança é difícil de conseguir e, geralmente, demora mais tempo do que o normal, por vários factores. Geralmente, há um sentimento desarticulado de vergonha, secretismo ou culpa associado ao HIV/SIDA. As crianças são muito observadoras e fechadas, uma prática comum quando estão sob tratamento médico. Também podem ter experimentado rupturas nas suas vidas, com a morte ou doenças de parentes, que podem conduzir a adaptações a novos familiares ou a casas de acolhimentos. A perda e a angústia fazem parte da sua vida. O medo de abandono pode ser tão grande que é compreensível que se mantenham afastadas do terapeuta. E mesmo quando passa a existir confiança, as crianças podem voltar a fechar-se, caso se sintam ameaçadas.

As famílias e os prestadores de cuidados recorrem muito ao secretismo sobre a doença, como um modo de proteger a criança da discriminação. Por exemplo, alguns prestadores de cuidados são contra as crianças saberem o seu diagnóstico e é-lhes dito para não falarem com ninguém sobre os testes de sangue

realizados frequentemente, os procedimentos dolorosos a que são submetidas ou as visitas que fazem ao serviço de imunologia. Com este secretismo as crianças querem manter-se leais aos seus prestadores de cuidados e estabelecer uma relação de diálogo aberto, sobre a doença, passa a ser mais complicado para o terapeuta.

Noutros casos, a simples proximidade do local de terapia ao local de tratamento médico pode inibir a criança de se sentir segura.

### **1.2.2. Compreender a percepção da criança sobre a doença**

Quer a criança saiba ou não o seu diagnóstico, uma das etapas mais importantes da psicoterapia é compreender o ponto de vista da criança sobre a causa da sua doença e qual o sentido da doença na sua vida. Descobrir o que a criança pensa sobre a causa das suas dores de cabeça, dores de estômago, constipações e porque as tem. Porque é que ela se sente com menos energia que os seus colegas? Se costuma ir regularmente a consultas, o que é que ela compreende sobre essas consultas?

A compreensão do sentido da doença para a criança tem de ser analisado numa perspectiva do desenvolvimento cognitivo. A maioria das crianças queixa-se de dores de cabeça, dores de estômago e fadiga. Algumas falam de “homens maus” que lutam no seu estômago.

Estabelecer uma comunicação efectiva com a criança é importante para recolher informação sobre os seus sintomas e a eficácia dos tratamentos. A comunicação não deve ser apenas verbal. O recurso a figuras e jogos, pode ser muito valioso para o pensamento da criança.

### **1.2.3. Revelar o diagnóstico à criança**

Talvez a etapa mais complicada seja a de desvendar ou não o diagnóstico à criança com HIV/SIDA. E se de facto deve ser dito, deve sê-lo por quem? Que quantidade de informação deve ser dada? Que questões sobre a morte podem surgir? Como resultado destas questões todas, pais e médicos estão normalmente relutantes em dizer alguma coisa à criança sobre o seu diagnóstico.

A decisão de revelar o diagnóstico é extremamente complexa e de facto deve pertencer aos pais ou prestadores de cuidados. O terapeuta pode ter um papel importante no processo de decisão, pois geralmente é consultado pela família e pelos prestadores de cuidados. A decisão final só deve ser tomada, depois de ter em conta o nível de desenvolvimento da criança, o estado da doença e os desejos e necessidades da família.

Há três princípios que devem ser tidos em conta (Pollock & Thompson, 1995):

1. A verdade é geralmente menos ameaçadora que o desconhecido.
2. A informação deve ser apresentada à criança, tendo em conta o seu nível de desenvolvimento.
3. A revelação é um processo e não um evento.

A revelação do diagnóstico pode suscitar sentimentos como o terror, raiva, vergonha e culpa à criança, que por vezes torna-se relutante em conversar sobre o seu tratamento médico.

Com a falta de informação a criança cria as suas próprias explicações, na sua grande maioria complicadas e incorrectas. Por vezes, pensa que tem o vírus porque foi desobediente em casa. Outras, por causa dos tratamentos que está a fazer ou por fazer confusão com agulhas limpas e contaminadas.

Embora algumas famílias se mantenham relutantes em revelarem o diagnóstico às crianças, existem situações que surgem ao longo do tempo, como a entrada para a escola, ou o início da actividade sexual, nas quais é conveniente que a criança já conheça o seu diagnóstico.

Pollock e Thompson (1995) sugerem que não se deve ter apenas em conta a idade da criança para compreender qual a altura indicada para lhe revelar o diagnóstico, pois existe a possibilidade de haver um atraso a nível neurológico e do desenvolvimento. Para explorar a condição de compreensão da criança, devem ser feitas algumas questões como:

- o que achas que está de errado contigo?
- o que achas que te faz estar doente?
- como apanhaste esta doença?

- o que ouviste falar do HIV?
- o que ouviste falar de pessoas com SIDA?
- o que acontece a pessoas com HIV/SIDA?
- o que dizem sobre a SIDA na escola?
- o que é que os teus amigos dizem?

Os pais e os prestadores de cuidados pensam que uma vez dito o diagnóstico à criança o trabalho já está realizado, no entanto, está apenas no início. Durante o período de revelação, algumas crianças recusam reconhecer a doença que têm, há distorções sobre a doença, ou pensam que houve um erro e que têm uma doença diferente. Por vezes, com as informações que recolhem elas próprias pensam que têm cancro ou que lhes foi dito que têm cancro.

A principal tarefa da terapia passa por trabalhar com a criança os seus sentimentos e crenças sobre a doença, sentimentos sobre o luto e perda.

Ainda que o diagnóstico seja revelado à criança, nem todos os sistemas envolventes devem sabê-lo. Caso contrário, muitas famílias seriam discriminadas, quer pelos senhorios, colegas da escola, família. Poderiam passar a sentir-se mais isoladas e com raiva por antecipação de futuras perdas que teriam.

#### **1.2.4. Compreender o impacto do HIV/SIDA no processo psicoterapêutico.**

Esta doença tem uma força inexorável no processo psicoterapêutico para a criança e para o terapeuta. Cada caso é único e é composto de desafios para todos. É necessário saber manter uma ligação de confiança enquanto existe o estigma e o medo da revelação do diagnóstico.

A terapia providencia uma oportunidade para a criança compreender o HIV/SIDA e o impacto que este tem na sua vida. Ainda que pareça que haja aceitação da doença, há sempre algum sentimento dela própria como a “má” e como uma potencial causadora de problemas para outros, por causa da infecção. Para as crianças infectadas o sentimento de culpa e de deficiência podem ser profundos e exacerbados pelo estigma e necessidade de secretismo associado ao



HIV/SIDA. Estes tópicos podem surgir na psicoterapia durante jogos e desenhos sobre o tema ser “mau”. Sentimentos de rejeição e exclusão podem ser revelados metaforicamente durante os jogos.

Qualquer doença provoca ansiedade e stress. A psicoterapia promove uma oportunidade de enfrentar o medo e ansiedade associados ao HIV/SIDA e à múltipla perda de membros da família. Estudos revelam que o stress pode acelerar o desenvolvimento da doença, através da supressão do sistema imunitário. Comportamentos específicos e alguns traços de personalidade também podem contribuir para o risco de doença em determinados indivíduos (Pollock & Thompson, 1995).

Além dos problemas no tratamento da doença em crianças, há muitas sequelas psico-sociais, como o impacto de se tratar de uma doença crónica. O imprevisível percurso da doença e os dolorosos tratamentos médicos são factores associados do problema (Stein & Jessop, 1982). Geralmente há hospitalizações recorrentes que resultam na não participação frequente na escola, que leva a uma ruptura do percurso académico e de eventos sociais.

No nosso trabalho não nos focaremos muito nas crianças e nas famílias portadoras de SIDA, mas sim na prevenção primária, no sentido de evitar que determinadas famílias (as de mais risco, em particular) adquiram o vírus da SIDA. Achámos importante, contudo, apesar do enfoque na prevenção, não evitar a reflexão sobre a enorme complexidade sistémica das pessoas com Sida.

Alguma teorização feita sobre a problemática das crianças com Sida deve-se ao facto de irmos trabalhar também a prevenção da não discriminação da criança infectada (prevenção terciária). Veja-se, por exemplo, a questão da TIPS “uma criança que tenha Sida não pode brincar com as outras crianças” (p. 58)

### **1.3. Prevenção Primária da Sida e comportamentos Sexuais**

#### **1.3.1. O que é a prevenção primária**

A prevenção é fundamental na luta contra o HIV, dada a sua capacidade de mutação e replicação, produzindo variantes de si próprio e dificultando a sua cura ou a criação de uma vacina.

Prevenção deriva da expressão latina *prevenire*, que significa antes de vir. A definição que o dicionário de língua portuguesa nos apresenta de prevenção é de que esta é um acto ou efeito de prevenir, um aviso antecipado, uma precaução, uma premeditação.

A prevenção é sempre o enfoque relativo a uma doença ou a um problema social. Que é caracterizada por haver distintos níveis, nomeadamente, primária, secundária, terciária e quaternária.

Existem diferenças entre estes níveis de prevenção:

**Prevenção primária** - é o conjunto de acções que visa evitar a doença na população, removendo os factores causais, ou seja, visa a diminuição da incidência da doença. Tem por objectivo a promoção de saúde e protecção específica

Por exemplo, para se evitar a infecção pelo HIV, poderá apostar-se em acções de educar para a saúde.

**Prevenção secundária** - o conjunto de acções que visa identificar e corrigir o mais precocemente possível qualquer desvio da normalidade, de forma a colocar o indivíduo de imediato na situação saudável, ou seja, tem como objectivo a diminuição da prevalência da doença. Visa ao diagnóstico, ao tratamento e à limitação do dano.

Por exemplo, o rastreio do cancro do colo útero, causado pela transmissão sexual do Vírus do Papiloma Humano (HPV).

**Prevenção terciária** - é o conjunto de acções que visa reduzir a incapacidade de forma a permitir uma rápida e melhor reintegração do indivíduo na sociedade, aproveitando as capacidades remanescentes.

Por exemplo, acções de formação a nível de escolas e ou locais de trabalho que visem anular atitudes estigmatizantes em relação a um indivíduo infectado pelo HIV.

**Prevenção quaternária** – este nível de prevenção é o mais recente, e daí não se encontrar uma definição consensual sobre este nível de prevenção.

No dicionário da Wonca (2003), apresenta-se como definição para a prevenção quaternária a detenção de indivíduos em risco de tratamento excessivo para proteger de novas intervenções médicas inapropriadas e sugerir-lhes alternativas eticamente aceitáveis. Porém, existem outros autores, como Mensah et al (2005) que a definem como sendo a reabilitação ou a restauração da função naqueles doentes afectados com complicações graves da doença, de forma a evitar incapacidades graves (esta definição passa mais por uma prevenção de incapacidade grave). Ambos os conceitos, apesar de terem perspectivas diferentes, têm como objectivo melhorar a qualidade de vida do doente.

Neste trabalho iremos apenas abordar essencialmente a questão da prevenção primária e alguns laivos de prevenção terciária.

O conceito de prevenção primária está, intimamente, ligado ao de promoção de saúde, que segundo Anderson (1984) tem como princípios gerais:

- trabalhar com os indivíduos e não sobre eles;
- começa e acaba na comunidade local;
- dirige-se às causas da saúde;
- equilibra tanto o interesse pelo indivíduo como pelo meio ambiente;
- destaca as dimensões positivas da saúde;
- envolve todos os sectores da sociedade.

Se a promoção da saúde chegar antes da doença (desequilíbrio e mal-estar) e a impedir, estamos então a falar em prevenção primária.

A prevenção primária é um conceito comunitário, relacionado com a participação e envolvimento da comunidade. Ou seja, quando se está a fazer promoção da saúde está-se também a fazer prevenção.

O sucesso da prevenção primária é tanto maior quanto menor o número de casos que surgirem de problemas sociais.

A prevenção primária, não procura impedir que um determinado indivíduo adoça, mas sim a redução do risco em toda a população. Assim, embora alguns indivíduos possam adoecer, o seu número deverá ser o mais reduzido.

Gameiro (1989) considera saúde como equilíbrio dinâmico (melhor que o conceito de estado) de relativo bem-estar ou felicidade conseguido pelo Homem através das relações com o meio e os seus agentes ou factores.

Ou seja, a prevenção vai actuar sobre:

- o Homem, para o tornar mais resistente aos factores de doença ou problema social;
- o Meio, para o tornar menos nocivo e mais próprio à saúde;
- os agentes ou factores de doença, para impedir que cheguem a agredir o Homem com o seu poder patogénico.

O objectivo da prevenção primária é evitar o aparecimento da doença, diminuindo o risco de adoecer. O seu êxito é inversamente proporcional à incidência de novos casos de doença.

### **1.3.2. Sexualidade responsável: um contributo para a prevenção primária da Sida**

A Sida em Portugal tem vindo a crescer ao longo dos anos, bem como outras infecções sexualmente transmissíveis (IST). Daí ter todo o sentido falar-se em educação para a sexualidade, que conduza a uma sexualidade responsável, reduzindo o aparecimento de novos casos de IST.

Caetano (2003), diz que só com adequadas condições básicas as crianças poderão ter famílias e escolas capazes de as ajudar a crescer num bom ambiente educacional e afectivo, desenvolvendo o mais cedo possível a auto-estima e a capacidade de optar por comportamentos saudáveis.

O mesmo autor apresenta-nos alguns pressupostos basilares na educação da sexualidade:

- sexualidade não é apenas genitalidade;

- a educação sexual deve ser contínua;
- a família tem um papel determinante;
- a escola tem um papel complementar da família;
- o aspecto científico e rigoroso da informação sexual tem que ser acompanhado da sensibilização a valores profundamente humanos;
- o educador tem que estar preparado, cientificamente, para a educação sexual, desenvolvendo em si próprio: tolerância, respeito pelos outros, congruência, empatia.

No encontro sobre “Gravidez na adolescência”, o Professor Eduardo Sá referiu que, actualmente a educação que é dada nas escolas é uma educação tecnocrática<sup>7</sup>. Muitas vezes quando se fala de sexualidade na escola passa pela apresentação de filmes sobre coito dos animais, ou é apresentado o aparelho reprodutor.

Falar de sexualidade aos jovens é dizer Eu e Tu ao mesmo tempo, para além da educação tecnocrática. Ou seja, é saber respeitar o Eu e o Outro.

### **1.3.3. Necessidades de educação sexual nos alunos do 1º Ciclo do Ensino Básico**

É de primordial importância lembrar que a interiorização, por parte da criança, de uma moral sexual não acontece, apenas, em virtude de lhe serem transmitidas explicitamente algumas normas, reforçadas por estímulos positivos ou negativos. Muito para além disso, a aprendizagem decorre ao longo da observação do comportamento dos pais, professores e adultos em geral, face a inúmeras situações. Passa pelo grau de coerência entre as normas verbalizadas e as práticas realizadas.

Naturalmente, os modelos transmitidos pelos meios de comunicação social, nomeadamente os conteúdos sexuais de muitos programas televisivos, o grau de instrumentalização da sexualidade através da publicidade e o estatuto

---

<sup>7</sup> Foca-se em aspectos técnicos e burocráticos em detrimento dos seus aspectos sociais e humanos (<http://www.infopedia.pt>).

social atribuído aos papéis masculino e feminino têm, também, grande influência nos valores interiorizados pelas crianças.

A família, no entanto, é a instância social com papel mais determinante no desenvolvimento e na educação da sexualidade da criança, quer pela importância dos vínculos afectivos entre filhos e pais, quer pela influência destes como modelos de observação quotidiana, nomeadamente, enquanto casal.

Em Fevereiro de 1999 a Associação de Planeamento Familiar (APF) elaborou um projecto experimental “Orientações Técnicas Sobre Educação Sexual em Meio Escolar: Educação Sexual e Promoção da Saúde nas Escolas - Um projecto experimental” onde apresentou conhecimentos, competências e atitudes que os alunos do 1º Ciclo do Ensino Básico, deverão adquirir e consolidar ao longo dos 4 anos.

**Conhecimentos:**

- Das diferentes componentes anatómicas do corpo humano, da sua originalidade em cada sexo e da sua evolução com a idade.
- Dos fenómenos de discriminação social baseada nos papéis de género.
- Dos mecanismos básicos da reprodução humana, compreendendo os elementos essenciais acerca da concepção, da gravidez e do parto.
- Dos cuidados necessários ao recém-nascido e à criança.
- Do significado afectivo e social da família, das diferentes relações de parentesco e da existência de vários modelos familiares.
- Da adequação das várias formas de contacto físico nos diferentes contextos de sociabilidade.
- Dos abusos sexuais e de outros tipos de agressão.

**Atitudes:**

- Aceitação das diferentes partes do corpo e da imagem corporal;
- Aceitação positiva da sua identidade sexual e da dos outros;
- Reflexão face aos papéis de género;
- Reconhecimento da importância das relações afectivas na família;

- Valorização das relações de cooperação e de entreajuda;
- Aceitação do direito de cada pessoa decidir sobre o seu próprio corpo.

### **Competências:**

- Expressar opiniões e sentimentos pessoais;
- Comunicar acerca de temas relacionados com a sexualidade;
- Cuidar, de modo autónomo, da higiene do seu corpo;
- Envolver-se nas actividades escolares e na sua criação e dinamização;
- Actuar de modo assertivo nas diversas interacções sociais (com familiares, amigos, colegas e desconhecidos);
- Adequar as várias formas de contacto físico aos diferentes contextos de sociabilidade;
- Identificar e saber aplicar respostas adequadas em situações de injustiça, abuso ou perigo e saber procurar apoio, quando necessário.

### **1.3.4. Mitos e verdades da sexualidade**

A sexualidade é um tema difícil de ser abordado e falado, e como refere Lopes et al (1998), durante muitos anos foi um tema ignorado e interpretado desde atitudes a crenças irracionais.

*“A sexualidade é muito difícil de definir porque o Homem é um ser sexuado, e a sexualidade mediatiza todo o nosso ser”*

*López et al, 1998, p. 7*

O ser humano, é um ser sexuado, ou seja, o Homem é um ser sexuado ao logo de toda a sua vida. Mesmo antes de nascer, a sexualidade está presente, começando desde logo pela formação do sexo biológico, que determina se a criança é menino ou menina. Desde daí, a sexualidade desenvolve-se com características específicas para cada uma das fases da vida. A sexualidade vai

mudando com a idade, sendo vivenciada de formas diferentes em cada etapa da vida.

Por vezes, com o intuito de proteger a criança, evita-se falar de certos assuntos, nomeadamente da sexualidade, conduzindo a erros por parte da criança. Como refere Peck (2002), os filhos são privados do conhecimento que poderiam adquirir sobre o dinheiro, a doença, as drogas, o sexo, o casamento, os pais, os avós e as pessoas em geral, são também privados da tranquilização que poderiam ter, se estes assuntos fossem discutidos mais abertamente.

Nos dias de hoje, por vezes, falar de sexualidade ainda gera alguma polémica na nossa sociedade, conduzindo a mitos e crenças infundadas. Alguns exemplos no Quadro 1.



**Quadro 1. Mitos e verdades sobre a sexualidade (adaptado de Sanders & Swinden, 1995)**

<b>Verdades</b>	<b>Mitos</b>
O preservativo usado correctamente previne contra uma gravidez.	Usar 2 preservativos ao mesmo tempo aumenta a protecção contra uma gravidez.
O preservativo é o único método que protege contra a gravidez e as IST.	Ter relações sexuais com preservativo não dá prazer.
A pílula é o anticoncepcional que previne contra a gravidez.	A pílula causa infertilidade.
Utilizar o método do calendário é interessante para a mulher conhecer o próprio corpo.	O método do calendário é o melhor para evitar a gravidez.
Uma gravidez pode ocorrer através de uma relação sexual sem protecção.	Lavar os órgãos genitais depois da relação evita a gravidez.
Existem vários métodos para se prevenir a gravidez.	Ter relações sexuais em pé não se engravida.
Quem engravida é a mulher.	Por isso os homens não precisam de se preocuparem com a prevenção da gravidez.
A primeira relação sexual é esperada por adolescentes homens e mulheres.	Por ser a primeira vez a mulher não engravida.
O HIV/SIDA é uma doença que não tem cura.	Os portadores do HIV/SIDA devem ser excluídos da vida social.
As IST são infecções que se propagam através das relações sexuais.	Usar a mesma toalha de uma pessoa com IST, faz com se fique com a infecção.
Ter relações sexuais sem protecção é mais perigoso para a infecção vírus do HIV.	Um homem contaminado com o vírus do HIV, se tiver relações sexuais com uma rapariga virgem, deixa de ter o vírus.
A SIDA é uma doença contagiosa.	A SIDA é transmitida através da picada de insectos.
A educação sexual contribui para um elevado nível de abstinência, início mais tardio da actividade sexual, maior uso de contracepção e menor número de parceiros sexuais.	A informação sobre sexo e a reprodução promove promiscuidade e o início precoce da actividade sexual.

## **1.4. TIPS: uma estratégia envolvendo pais e filhos**

### **1.4.1. Algumas notas sobre parentalidade**

Silva (2004), considera que a parentalidade é um complexo processo psicológico implicado nos vínculos que têm por base a filiação. Situa-se no encontro entre o psíquico e o social e envolve, portanto, preparação e aprendizagem.

A função parental é influenciada por um conjunto de factores como a história de vida de cada um dos pais, a sua relação com os próprios pais no passado e no presente, a percepção de si mesma(o) como mãe/pai e como pessoa e a dinâmica de sua vida presente.

*“ ...a família enquanto contexto primário e fundamental de socialização, onde indivíduos de diferentes gerações interagem e se influenciam mutuamente, em função do seu próprio nível de desenvolvimento e das suas características pessoais.”*

*Cruz, 2005, p. 13*

Cruz (2005) refere que a parentalidade é algo irreversível e permanente, e está ao mesmo tempo em constante mutação. Cada estágio do desenvolvimento dos filhos exige aos pais uma adaptação nas suas expectativas, sentimentos, comportamentos e preocupações.

Como refere Silva (2004), é a criança que, no seu desenvolvimento, constrói e parentaliza os seus pais, procurando uma constante auto-redefinição no tempo e na relação com o mundo e com os outros.

Alguns autores consideram que a parentalidade é a função onde são exigidos mais desafios e a mais complexa na idade adulta.

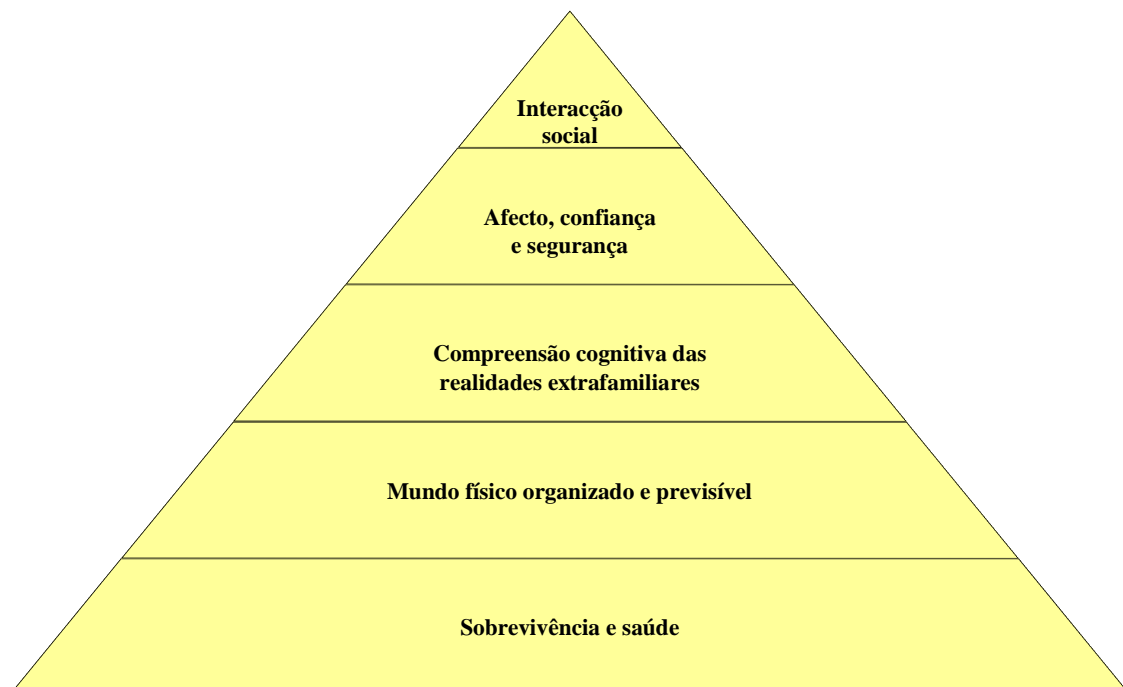
Os pais ou os prestadores de cuidados, são a fonte primordial de influência para os filhos. Kuczynski & Grusec (1997) consideram que essa influência é importante na aquisição de valores pela criança, pelo que:

- existe uma predisposição biológica para a centralidade do sistema parental;

- do ponto de vista social, a responsabilidade formal pela educação das crianças é primeiramente atribuída aos seus pais;
- o afecto positivo dominante no clima do relacionamento entre pais e filhos coloca os primeiros numa posição privilegiada no que toca à influência na aquisição de padrões sociais e valores pela criança;
- a partilha de espaços e tempos permite aos pais monitorizar e compreender o comportamento dos filhos melhor do que qualquer outra pessoa.

Quando se define parentalidade, surgem outras questões ligadas ela, nomeadamente quais são as funções e os papéis que os pais desempenham nesta tarefa desafiante.

Cruz (2005) apresenta 5 funções ligadas à parentalidade, as quais nos atrevemos comparar à pirâmide utilizada por Maslow, na sua teoria da hierarquização das necessidades, utilizando mesmo a pirâmide que ele utilizou, mas com as funções ligadas à parentalidade (Imagem 2).



**Imagem 2. Funções ligadas à parentalidade**

A função que se encontra na base diz respeito as **necessidades básicas de sobrevivência e saúde**, que por vezes nem sempre são satisfeitas devido a situações de carência extremas ligadas a catástrofes naturais ou provocadas pelo homem, podendo também não ser alcançadas quando existem por parte dos pais problemáticas psicopatológicas.

**O mundo físico organizado e previsível**, apresenta-se com a capacidade de proporcionar à criança espaços, objectos e tempos que possibilitem a existência de rotinas. Esta função por vezes nem sempre é fácil de atingir, nomeadamente em famílias desestruturadas e com menor capacidade de resiliência<sup>8</sup>.

A terceira função que nos é apresentada por Cruz (2005), diz respeito às **necessidades de compreensão cognitiva da realidade extra familiares**. Ou seja, os pais são aqueles que dão a conhecer à criança o mundo e tudo aquilo que a rodeia. É através dos pais que a criança interage com o mundo físico e social.

A quarta função prende-se com a capacidade de **satisfazer as necessidades de afecto, confiança e segurança**, que está ligado à construção das relações de vinculação.

A última função é a necessidade de **interacção social da criança** e a sua integração na comunidade. A família tem as suas próprias normas de funcionamento e comunicação, que estão ligadas à comunidade em que estão inseridas. E sendo a família a primeira fonte de socialização da criança, é responsável pela adaptação da criança aos contextos sociais.

*“A parentalidade é porventura um dos domínios onde as emoções e os afectos se vivem com maior intensidade, consistência ao longo do tempo, gasto de energia nos investimentos e nas frustrações.”*

*Dix, 1991, cit.in Cruz, 2005, p. 16*

Os pais são, de facto, as primeiras figuras que estão presentes no processo de socialização, mas não são os únicos que influenciam. Todas as pessoas que

---

<sup>8</sup> **Resiliência** – conceito que deriva de “resistência” (associado a fenómenos de circuitos eléctricos) e que podemos relacionar com a capacidade de resistir ao stress.

rodeiam a criança. irmãos, avós, tios, a própria sociedade, até mesmo os meios de comunicação são fontes de influência na socialização da criança.

Por vezes, os pais vêem os filhos como um próprio prolongamento de si próprios, considerando que os filhos são “propriedade “ deles e eles são os seus donos. Há dificuldade dos pais em cortar o cordão umbilical com os filhos, o que pode prejudicar o futuro dos filhos e dos pais.

Peck (2002) considera que, esta forma de pensar dos pais, é sem dúvida uma forma de narcisismo ligeiro, que acaba por ser destrutiva. Este autor refere um poema de Kahlil Girban, que ele considera como sendo as palavras mais belas sobre a educação dos filhos:

*Os teus filhos não são teus filhos.  
São os filhos e as filhas do desejo da Vida por si própria.  
Vêm através de ti mas não de ti,  
E embora estejam contigo, não te pertencem.  
Podes dar-lhe o teu amor, mas não os teus pensamentos,  
Porque eles têm os seus próprios pensamentos.  
Podes alojar-lhes os corpos mas não as almas,  
Porque as almas deles vivem na casa do amanhã, que tu não podes  
visitar, nem sequer em sonhos.  
Podes lutar por ser como eles, mas não tentes fazê-lo ser como tu.  
Porque a vida não anda para trás nem espera pelo passado  
Tu és o arco a partir do qual são disparados os teus filhos como  
setas vivas.  
O arqueiro vê o alvo no caminho do infinito, e arqueia-te, com a  
sua força para que a sua flecha possa ir longe e veloz.  
Deixa que o teu arquear às mãos do arqueiro seja de satisfação;  
Porque assim como Ele ama a seta que voa, ama também o arco  
que é firme.*

*Kahlil Girban, 1923*

### 1.4.2. Enquadramento teórico das TIPS

Ao longo dos anos tem-se vindo a debater a necessidade de um envolvimento concreto e efectivo dos pais com escola, com o intuito de evitar o ruído na comunicação, que por vezes é estabelecido entre estas duas instituições. Ou seja, muitas vezes a comunicação que é utilizada em casa não é coincidente com a da escola e vice-versa.

*“As famílias desejam saber se as escolas estão a providenciar/proporcionar uma educação de grande qualidade aos seus educandos, estas mesmas famílias também desejam ajudar da melhor forma as suas crianças assim como comunicar e ajudar os professores”.*

*Epstein et. al., 2002, p. 1*

A imagem que se segue é um exemplo explícito do ruído que por vezes se estabelecem entre escola-família. Por vezes estas instituições chegam a demitir-se das suas funções.



Imagem 3. Política de Educação Sexual na escola (Tonucci, 1988, p. 83).

Neste momento seria importante relembrar o conceito de família (ver ponto 1.2) e definir o de escola. Tal como o conceito de família foi sofrendo alterações ao longo dos anos, também o conceito de escola foi evoluindo. Escola deriva da palavra grega *scholé*, que significa lugar do ócio<sup>9</sup>, tempo livre, tranquilidade para amadurecer, estudo. Na Grécia Antiga, as pessoas com boas condições socioeconómicas e tempo livre, reuniam-se na escola para pensar e reflectir. Actualmente a escola é uma organização indispensável para o desenvolvimento de um indivíduo, independentemente da sua situação socioeconómica, quer pelo conhecimento que lhe é ensinado, quer pelas relações interpessoais em que a escola se torna o ambiente propício para isso.

<sup>9</sup> Ócio – livres da necessidade de realizarem negócios...

*“Escola, entendemos como uma organização indispensável ao indivíduo dos tempos modernos como forma de enriquecimento das experiências de socialização e da dinâmica das relações interpessoais. Um grupo artificial e formal com rotinas e procedimentos bem explícitos. É uma instituição social onde se realiza por excelência o acto educativo na sua forma mais formal.”*

*Lopes, 2006, p. 77*

Waddock (1995) refere que as escolas sozinhas não conseguem transmitir às crianças e jovens as fontes que eles precisam para serem cidadãos competentes no século XXI.

A família e a escola são vistas como as duas grandes instituições que têm uma grande importância no desenvolvimento da criança, uma vez que ambas estão presentes na sua socialização. Estabelecer uma verdadeira parceria entre a escola e a família depende em grande parte do interesse de ambas as instituições. Estudos sugerem que esta parceria é de facto muito benéfica para o desenvolvimento e aprendizagem da criança.

A maioria dos pais quer que os seus filhos tenham sucesso na escola e que possam um dia chegar à Universidade e ter um curso. Mas as famílias sentem-se com falta de informação sobre a organização da escola e de como lidar com os problemas multifacetados que surgem aos alunos.

Desenvolver um projecto que possa criar uma parceria consistente entre a escola e as famílias, é de facto, muito importante. Projectos bem desenvolvidos pelas escolas podem fazer com que famílias que estão relutantes em participar, numa fase inicial, passem a estar envolvidas nesta parceria. Os professores/escola têm de compreender que há benefícios se os pais estiverem envolvidos no processo de aprendizagem. Epstein refere:



*“... a forma como as escolas se preocupam com as suas crianças está reflectido na forma como as escolas se preocupam com as famílias das crianças. Se os educadores/professores vêem as crianças como meros alunos, então é normal que vejam as famílias dessas crianças separadas do universo escolar.”*

*Epstein, 2002, p. 7*

O principal objectivo deste tipo de projectos é promover o sucesso dos alunos na escola. O projecto deve ser acessível, com uma parceria bem estruturada com a família, com metas concretas e um calendário de actividades que permita informar e envolver a família no sucesso escolar dos alunos.

Epstein desenvolveu um projecto de parceria Escola – Família – Comunidade, em que esta tipologia é preciosa na elaboração de parcerias entre estas instituições.

A autora considera que esta tipologia é constituída por seis tipos de envolvimento parental, onde são descritos, nesses projectos de parcerias, actividades de vários tipos, com o objectivo de propiciarem oportunidades diversificadas e adequadas às características das diferentes famílias.

Estes projectos têm como objectivo desenvolver actividades onde todas as famílias e comunidade sejam envolvidas, de forma a fomentar o sucesso dos estudantes.

*“As actividades de envolvimento da família e comunidade são implementadas para atingir resultados específicos, encontrar desafios chave e produzir resultados para os estudantes, família e escola.”*

*Epstein et. al., 2002, p. 221*

Epstein et al (2002) apresenta seis tipos de envolvimento que devem ser implementados nestes projectos, devidamente, adaptados, caso a caso. Cada escola tem uma realidade diferente e, por isso, deve ajustar as actividades à sua realidade.

Os seis tipos de envolvimento parental são:

### **Tipo 1 – Parentalidade**

Actividades que se destinem a auxiliar a família na capacidade de desenvolver laços parentais, compreender o desenvolvimento da criança e do adolescente e propôr condições na casa que suportem as crianças como estudantes em cada idade e cada nível de educação. Estas actividades também permitem auxiliar a escola na compreensão das famílias. Ou seja, as famílias fornecem informações à escola podendo, desse modo, os professores compreender o ambiente familiar, as culturas e os objectivos que os pais têm para os seus filhos.

### **Tipo 2 – Comunicação**

Estas actividades destinam-se a comunicar com as famílias sobre o programa escolar e o progresso do estudante através de comunicações efectivas escola-casa e casa-escola. Esta comunicação pode ser realizada de diferentes formas, telefonema, carta, e-mail, fóruns, blogs, conferências, relatórios, ou qualquer outra maneira de comunicar.

### **Tipo 3 – Voluntariado**

Estas actividades destinam-se a melhorar o recrutamento, prática, trabalho, e calendários que possam envolver as famílias como voluntárias e como audiência na escola ou noutras localizações, de modo a apoiar os estudantes e os programas escolares.

### **Tipo 4 – Aprendizagem em Casa**

Estas actividades destinam-se a envolver as famílias com as suas crianças nas actividades de aprendizagem em casa, incluindo trabalhos de casa, outras actividades e/ou decisões relacionadas com o currículo académico. A escola deve orientar a família quanto à forma de acompanhar, discutir e ajudar nos trabalhos de casa, assim como aperfeiçoar competências necessárias para um bom desempenho na escola.

### **Tipo 5 – Tomada de Decisões**

Estas actividades destinam-se a incluir as famílias como participantes nas decisões e gestão da escola, quer seja através das associações de pais, conselhos escolares, comités, trabalhos de equipa e outras organizações de pais.

### **Tipo 6 – Colaboração com a Comunidade**

Estas actividades destinam-se a coordenar recursos comunitários e serviços para estudantes, famílias e escola, com organizações culturais e religiosas, agências governamentais, ou outras associações. As escolas disponibilizam também serviços à comunidade, recursos físicos e conhecimentos.

As TIPS podem ser parte de um projecto escolar que promova as parcerias entre a escola e as famílias. As TIPS só por si respondem aos seguintes tipos de envolvimento parental: parentalidade, comunicação e aprendizagem em casa. Mas, com mais algum planeamento por parte da escola, indirectamente, as TIPS podem ajudar na concretização dos outros três tipos de envolvimento parental (voluntariado, tomada de decisões e colaboração com a comunidade)<sup>10</sup>.

#### **1.4.3. Definição das TIPS**

Nos Estados Unidos da América (E.U.A.) há mais de 20 anos que investigadores da Universidade de Johns Hopkins, procuram trabalhar com pais, professores, alunos, comunidade no sentido de melhorar as escolas, fortalecer as famílias e ajudar os alunos a terem sucesso. Estes investigadores desenvolveram e continuam a desenvolver um conjunto de actividades teóricas e práticas, onde existe um envolvimento dos pais em casa no trabalho escolar. Estas actividades foram designadas de TIPS – Teachers Involving Parents in School work. Algumas destas actividades estão em [www.partnershipschools.org](http://www.partnershipschools.org).

---

<sup>10</sup> Por exemplo, os pais estarem informados sobre o que se ensina na escola e seu envolvimento nalguns dos trabalhos do aluno, colocam-nos muito mais abertos a participar em trabalhos como voluntários, a estarem envolvidos na associação de pais e a colaborarem na comunidade escolar.

Através destas actividades o aluno partilha em casa o que aprendeu na escola, os pais envolvem-se na sua aprendizagem e mantêm-se a par do percurso de aprendizagem.

*“Este trabalho de casa interactivo, regular, dá aos alunos a responsabilidade de discutirem coisas importantes que aprenderam e ajuda as famílias a estarem conscientes do conteúdo das actividades curriculares dos seus filhos na escola.”*

*Paiva & Gaspar, 2005, p. 71*

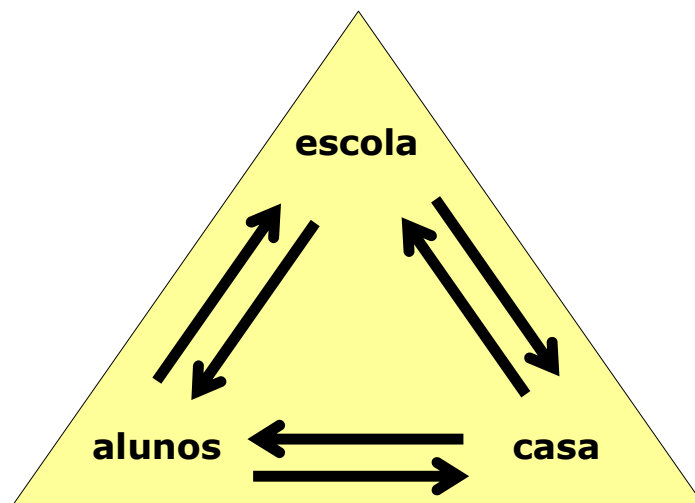
Com este tipo de actividades pretende-se acabar com imagens como aquela que foi apresentada atrás (ver Imagem 3).

As TIPS acabam por ser trabalhos de casa interactivos, para que o aluno em casa se sinta motivado para partilhar com a sua família aquilo que aprendeu na escola. A família passa a estar envolvida de forma activa na sua formação.

Epstein et. al., (2002), apresenta 4 objectivos fundamentais das TIPS, que pretendem resolver alguns dos problemas dos tradicionais trabalhos de casa:

- TIPS permitem que todas as famílias se envolvam, não só aquelas que já sabiam como discutir problemas de matemática ou de ciências ou outra disciplina;
- TIPS fazem dos trabalhos de casa uma responsabilidade do aluno e não exigem aos pais que ensinem algo para o qual não estão preparados;
- TIPS fazem com que os alunos que partilhem e desfrutem do seu trabalho, ideias e progresso com as suas famílias;
- TIPS permitem que as famílias comentem e peçam outras informações aos professores numa secção de comunicação de casa para a escola.

Ou seja, com as TIPS podemos falar de uma triangulação, casa (pais), escola (professores) e aluno, em que todos estes intervenientes têm que ter um papel activo, para que estas actividades possam alcançar os objectivos pretendidos (Imagem 4).



**Imagem 4. Comunicação casa-escola-alunos**

A função dos professores consiste em organizar trabalhos de casa adequados aos alunos, de modo a envolver os pais no processo. Devem explicar aos pais o funcionamento das TIPS, e a forma de como estas actividades devem ser realizadas com os filhos. Os professores conduzem parte das actividades na sala de aula e mantêm os registos dos trabalhos de casa.

Em casa, os alunos e pais realizam as TIPS, envolvendo deste modo os pais no processo de aprendizagem do seu educando. Este sente-se acompanhado e os pais são envolvidos. A par dos assuntos abordados na escola a relação casa-escola, e casa-aluno promove-se.

Como cada vez mais as famílias pretendem ter um papel mais activo na formação dos seus educandos, as TIPS permitem que os pais acompanhem de perto e que façam parte do processo de aprendizagem dos seus filhos.

*“...a maioria das famílias querem falar, monitorizar, encorajar e guiar os seus filhos como estudantes, mas muitos dizem que precisam de mais informações das escolas acerca de como ajudar os seus filhos em casa”*

*Epstein et. al., 2002, p. 291*

Os pais gostam sempre de estar informados sobre a qualidade e método de ensino utilizado na escola. As TIPS são um meio favorável para que isto aconteça, melhorando a comunicação entre os professores e os pais, fazendo que

a educação dos alunos/filhos seja feita em cooperação. Assim os alunos podem ser apoiados pelos pais e professores de forma consistente, ainda que de modo diferente, para que consigam ter maior sucesso na escola.

*“...TIPS traz a escola a casa num horário regular de trabalhos de casa que requer que os estudantes falem com os seus pais e outros membros da família.”*

*Epstein et. al., 2002, 293*

Os trabalhos de casa tradicionais têm objectivos semelhantes aos das TIPS. Epstein e Voorhis (2002) apresentam 10 objectivos dos trabalhos de casa:

- Praticar – dar a cada estudante a oportunidade de demonstrar o domínio dos conhecimentos apreendidos nas aulas; aumentar a velocidade, domínio e manutenção dos conhecimentos.
- Preparar – assegurar a disponibilidade para a próxima aula; completar as actividades e trabalhos que não foram acabados na aula.
- Participar – aumentar o envolvimento individual de cada estudante em aplicar conhecimentos específicos e em desfrutar da aprendizagem.
- Desenvolvimento pessoal – desenvolver responsabilidade, perseverança, gestão de tempo, auto confiança, sentimento de realização; desenvolver e reconhecer talentos e capacidades que podem não ser ensinados na escola.
- Construir a responsabilidade, perseverança, administração do tempo, confiança, sentimento de realização dos alunos; desenvolver e reconhecer os diversos talentos e competências dos alunos que não podem ser ensinados na aula.
- Relações pais-filhos – estabelecer as comunicações entre pais e filhos acerca da importância do trabalho da escola e a aplicação das competências da escola em situações e experiências da vida real.

- Comunicações pais professores – permitir aos professores informarem as famílias e envolvê-las nas actividades curriculares das crianças e manter as famílias atentas aos tópicos que são ensinados nas aulas, como os seus filhos estão a progredir e como apoiar os seus filhos no trabalho e progresso em casa.
- Política – preencher as directivas dos administradores ao nível dos distritos ou das escolas para uma certa quantidade de trabalhos de casa por dia.
- Interações entre colegas – encorajar os estudantes a trabalhar juntos em projectos, para se motivarem e aprenderem uns com os outros.
- Relações Públicas – demonstrar ao público em geral que uma escola tem padrões rigorosos para o trabalho dos alunos na escola e em casa e estabelecer a base de negócios produtivos e parcerias de comunidade para a aprendizagem dos alunos.
- Castigo – corrigir problemas na conduta ou produtividade.

No entanto, nem todos os trabalhos de casa podem ser utilizados como TIPS. Há trabalhos de casa que são demasiados enfadonhos. Requerem muito tempo do aluno, mas pouco exercício mental (pensar, reflectir). As TIPS são concebidas para serem desafiadoras e estimulantes. Os objectivos da TIPS interactivas são:

- estimular a construção da confiança para mostrar o seu trabalho, partilhar ideias, reunir reacções, entrevistar os pais, ou realizar outro tipo de interações com um membro da família;
- ligar o trabalho escolar a situações reais da sua vida;
- ajudar os pais a compreender mais sobre o que os seus filhos estão a aprender na escola;
- estimular os pais e crianças a falarem regularmente sobre o trabalho escolar e o seu progresso;
- permitir aos pais e professores que comuniquem frequentemente sobre o trabalho progresso e problemas do aluno.

Para que possam cumprir estes objectivos Epstein et. al., (2002) sugere uma estrutura base para as TIPS que deve conter:

- **Carta para os pais, educador ou membro da família** – explicação do propósito da actividade.
- **Objectivos** – breve descrição dos objectivos de aprendizagem (caso não esteja claro no título ou na carta).
- **Materiais** – os materiais necessários para desenvolver a actividade, mais do que o papel e caneta.
- **Interactividade** – actividades que estimulem a troca de ideias dentro da família, ou com elementos externos. Por exemplo: entrevistas, questionários.
- **Comunicação casa-escola** – a família é convidada a partilhar comentários e observações com os professores da disciplina. Para saber se os alunos entenderam e gostaram da actividade, e se os pais adquiriram mais informações sobre o trabalho dos alunos na disciplina.
- **Assinatura dos pais** – é necessária em todas as actividades.

De acordo com Epstein (2002), a vantagem de se optar por estas TIPS interactivas é que, de facto, elas funcionam. Algumas das razões para o seu sucesso são:

- podem ser utilizadas em qualquer contexto ou currículo;
- ajudam os professores a organizar os trabalhos de casa em segmentos manejáveis e concentrados;
- enfatizam as ligações entre a escola e a casa;
- envolvem a criança como um aprendiz activo e guia os estudantes para partilharem e demonstrarem as suas habilidades aos pais;
- oferecem oportunidades para ligar o trabalho de casa a experiências do mundo real dos alunos e das famílias;
- fornecem às famílias informações de como podem ajudar em os alunos em casa;
- enfatizam o domínio das noções básicas e avançadas.



Como afirma Epstein et. al., (2002) as TIPS podem-nos fazer reflectir sobre o modo de como são encarados os trabalhos de casa. Não têm de ser um trabalho exclusivo e solitário do aluno, mas podem e devem ter interações com a família, que permitam estabelecer uma ponte entre a escola e a realidade familiar. A família têm um papel importante no acompanhamento do aluno ao ouvir, discutir, guiar, responder, mas não de “ensinar” os conteúdos escolares.

#### **1.4.4. Importância das TIPS como forma de interacção entre pais e filhos**

Os pais não se devem demitir da educação dos seus filhos, nem dos seus desempenhos de autoridade. Autoridade não quer dizer autoritarismo, que é um conceito diferente. Autoridade pode ser considerada um gesto de bondade.

Dada a dificuldade de alguns pais seguirem o processo de aprendizagem dos seus filhos, as TIPS podem ser um meio possível para que este acompanhamento seja mais eficaz. As TIPS são actividades que permitem traduzir, em mensagens simples, o que foi estudado na escola. Possibilita aos pais acompanharem o aluno em casa, aos alunos exercitarem e consolidarem os conceitos estudados, e aos professores registarem se a mensagem foi compreendida pelo aluno.

Assim, as TIPS surgem com o intuito de minimizar as dificuldades nas relações entre os professores e os pais, sendo um dos seus objectivos estabelecer uma comunicação entre as famílias e professores. Fortalece-se desta forma as interacções estabelecidas entre escola-casa e casa-escola, para assim se poderem criar novos programas e oportunidades com mais competências para os alunos.

Existe uma necessidade grande de estabelecer uma sintonia entre a escola e família, no sentido de se conseguir educar para uma sexualidade mais global, envolvendo o corpo, os afectos e a comunicação.

*“...os pais poderiam continuar em casa os esclarecimentos e as referências mais imediatas e prioritárias no que respeita às suas vivências do dia-a-dia; assim, a informação sexual conservaria o seu marco amoroso e de relação pessoal e evitar-se-ia reduzi-la a um puro conhecimento escolar. Cultivar-se-iam relações afectivas, sem dúvida mais saudáveis, e devidamente apoiadas.”*

*Sá, 2003, p. 100*

As TIPS, pela sua natureza, ajudam a copular e estimular técnicas de comunicação entre a família. Como parte das actividades devem ser realizadas em conjunto com os pais, os alunos vêm-se “obrigados” a dialogar e debater com eles. Nalgumas famílias com dificuldades de comunicação, as TIPS lançam pontos de partida para início de diálogo, que por vezes não existe.

#### **1.4.5. Utilização das TIPS em Portugal**

Não foi feita uma procura exaustiva de TIPS em Portugal. O portal “O Mocho”<sup>11</sup> foi utilizado como apontador para as actividades já existentes. O projecto Banda Larga<sup>12</sup> pretende alojar uma série de recursos que utilizem as novas potencialidades da sociedade digital. Alguns dos recursos disponíveis são TIPS desenvolvidas na área das ciências desde o 7º ao 11º ano. Estas podem ser consultadas no site do projecto Banda Larga na secção “Aplicações para pais e encarregados de educação”<sup>13</sup>.

Um exemplo das TIPS em Portugal é uma actividade proposta por Meireles e Paiva (2005), intitulada “Redox em casa”. Envolve os Pais na Aprendizagem de Química (PAQ) onde é reforçada a importância do envolvimento da família e professores na aprendizagem dos alunos. Nesta actividade, os investigadores começaram por dar a conhecer à escola e às

---

<sup>11</sup> <http://www.mocho.pt>

<sup>12</sup> <http://nautilus.fis.uc.pt/bl/>

<sup>13</sup> <http://nautilus.fis.uc.pt/bl/conteudos/34/tips.html>

famílias em que consistia a actividade, e para isso seguiram quatro passos para actividade em questão começasse a ser posta em prática:

- **Informação** – dar conhecimento ao Conselho Executivo sobre as actividades, a forma como decorrerão e a quem se destinam.
- **Colaboração** – solicitar a colaboração da família. Dando a conhecer a actividade em si, que vantagens poderão trazer e a forma como serão efectuadas.
- **Contexto social e cultural** – Analisar o meio familiar de cada um dos alunos bem como a disponibilidade de tempo das famílias, para que as actividades propostas não excluam nenhuma família.
- **Adequar a actividade** – desenvolver uma PAQ adaptada quer aos conteúdos programáticos, quer ao nível sócio-cultural das famílias.

Esta actividade foi dirigida a alunos do 8º ano de escolaridade (grupo etário mais velho do que aquele que o presente estudo vai ter em conta). O assunto escolhido para ser abordado foi o da oxidação e pretendia estimular a curiosidade dos alunos sobre o mundo que os rodeia, tendo em conta conteúdos leccionados em Química.

Pretendia-se desenvolver as seguintes competências:

- Reconhecimento do papel da Ciência e da Tecnologia na transformação e utilização dos recursos existentes na Terra.
- Compreensão da importância do conhecimento científico e tecnológico na explicação e resolução de situações que contribuam para a sustentabilidade da vida na Terra.

Esta actividade foi das primeiras propostas de TIPS em Portugal, tendo sido desenhada apenas em versão papel, não existindo a versão interactiva desta actividade.

Apresentamos um outro de exemplo de TIPS, e esta já em formato digital e interactivo, sobre o sistema respiratório, que pode ser consultada no site do projecto Banda Larga. O objectivo desta actividade é de rever os conceitos aprendidos sobre o sistema respiratório.

**MOCHO** Aplicações para Pais e Encarregados de educação **Pesquisa**

**Banda Larga 3.4** Recursos da Internet para os pais

Título: \_\_\_\_\_  
Assunto: \_\_\_\_\_  
Autor: \_\_\_\_\_

EXEC

última actualização: 17 / 04 / 2006

Introdução  
Ciências Naturais  
Física  
Química

Sistema Respiratório  
Hereditariedade  
Noções Básicas de Hereditariedade clonagem  
Saúde Individual e Comunitária  
Sexualidade e Transmissão da Vida

Tips interactivos 1.1  
Tips interactivos 1.2

Créditos

Associa a cada imagem o órgão correspondente:

resultado recomoçar

arraste as imagens para o local certo

**TIPS 1.1: Interação**  
Ficha Prática

5 / 25 ▶

carregue esc para sair do modo full screen

**Imagem 5. TIPS do projecto Banda Larga – Sistema Respiratório.**

Embora esta actividade seja considerada uma TIPS, tem uma forte componente de teste diagnóstico, com um reforço imediato após a sua resolução. A componente de interactividade entre o aluno e família não é tão forte. A tentativa de criar uma TIPS interactiva na Internet, fez com que se atenuasse a componente interactiva.

Ambos os exemplos demonstram que ainda há um longo caminho a percorrer para que se consiga chegar ao ponto de ter TIPS correctamente desenvolvidas e adaptadas a cada situação. A introdução de pequenas novidades em cada TIPS pode levar ao desvio dos objectivos iniciais das TIPS, que na sua génese estão bem conseguidos.

### **1.5. A Internet ao serviço das dinâmicas pedagógicas**

A Internet que hoje conhecemos, já não é igual à que alguns de nós viram nascer. Está a tornar-se cada vez mais *self-feeded*<sup>14</sup>. Os utilizadores têm um papel activo na sua construção. Pode ser considerado algo dinâmico e em constante mutação.

A informação e serviços prestados são cada vez mais dinâmicos e diversificados. Criar, hoje em dia, uma página estática, em que o visitante não possa interagir, pode ser considerado obsoleto na maioria dos casos (O'Reilly, 2005).

Com o crescimento de aplicações *web-based*, que sem Internet não funcionam, esta torna-se cada vez mais indispensável. Exemplos concretos são quase todas as aplicações da Google, baseadas na nova Web 2.0, em que o internauta passa a ter um papel activo na construção ao invés de ser um simples utilizador passivo. Fóruns, salas de conversão, redes sociais – Hi5 ou MySpace, MSN Messenger, Skype, YouTube, são apenas alguns exemplos de aplicações utilizadas mundialmente. A Internet de há poucos anos atrás, transformou-se num local onde é possível partilhar fotografias, vídeos e emoções com uma facilidade nunca antes vista e com tendência a tornar-se cada vez mais simples e natural de utilizar.

A sociedade está a reinventar-se para se adaptar a esta rápida mudança e os jovens são cada vez mais adeptos desta nova forma de comunicação. As crianças naturalmente interagem com as novas tecnologias, como os telemóveis 3G, computadores, Internet. Fazem parte da sua vida desde que nascem e não tem sentido ignorá-las nas práticas pedagógicas.

---

<sup>14</sup> Self-feeded – Auto-alimentada.

*“A Internet marca uma nova fase no uso das tecnologias. A Internet oferece não só um poderoso instrumento de consulta de informação, que por si só já é muito importante, mas também uma nova ferramenta para o desenvolvimento de trabalho corporativo, para a troca de ideias e, porque não, para a troca de afectividades.”*

*Silva, Jorge 2003, p. 61*

Com o *boom* na utilização destas tecnologias por parte dos internautas, surgiu a necessidade de criar conteúdos para a *web*. A televisão, a rádio e jornais deixaram de ser os únicos meios de transmissão de informação. Nos Estados Unidos da América (EUA), há já muitos jovens que não vêem televisão e simplesmente utilizam a Internet como meio de informação e recreação. Dados estatísticos comprovam que crianças entre os 7 e os 16 do Reino Unido e dos EUA, 75% são utilizadores da Internet (McKay, Thurlow & Toomey Zimmerman, 2005).

Como já foi referido, as TIPS podem ajudar a estabelecer uma relação entre a escola e a família. Utilizar a Internet como ferramenta de suporte às TIPS tem todo o sentido, tendo em conta as potencialidades que a Internet tem como instrumento de aprendizagem e de construção colaborativa do conhecimento (Dias, 2003).

A teoria sócio-cultural de Vygostky reforça que a interacção com o ambiente social é importante para o desenvolvimento cognitivo de um indivíduo. As abordagens construtivistas da educação descrevem a aprendizagem como um processo activo e dinâmico quer na construção do seu próprio conhecimento, quer na construção do conhecimento socialmente. A Internet facilita este paradigma de aprendizagem, dando as ferramentas necessárias ao aprendiz para por mãos à obra na construção do seu conhecimento, sozinho ou colaborativamente. Tornou-se no veículo ideal para disponibilizar conteúdos dinâmicos e que acompanhados de técnicas pedagógicas adequadas proporcionam um envolvimento dos alunos, fugindo do ensino, em que o professor tem o papel central na transmissão de conhecimentos.

As comunidades que são criadas em torno das novas tecnologias já ultrapassaram os limites da escola presencial. A aprendizagem, cada vez mais, não se pode focar na transmissão de conhecimentos. É evidente que a escola e a forma de educar têm de mudar com estas novas oportunidades e fazer uso delas.

Como Magalhães (2001) refere, a figura tradicional do professor como transmissor de conhecimento desaparece para surgir a figura do mediador. Deixando o professor de ser a única fonte de conhecimento, passando também o aluno assumir um papel activo no seu processo de aprendizagem. Nesta nova forma de ensinar a escola transformar-se num lugar onde é dada uma maior importância às relações, à auto-realização e à auto-estima.

Para Magalhães (2001) este modelo de aprendizagem exige que se deva extrapolar o espaço da sala de aula, passando a usar de uma forma mais regular não só os laboratórios e os espaços sociais da escola, mas também os disponíveis na Comunidade, participando em actividades colaborativas, onde as experiências possam ser vivenciadas de forma individual e em grupo. Estas actividades deverão dotar os alunos de responsabilidades reais entre aquilo que é aprendido na escola e o mundo que o rodeia, actividades que sejam avaliadas mais do que por uma avaliação de conteúdos, pela auto-realização que elas proporcionem.

O mesmo autor refere ainda que os professores deverão ter em atenção a utilização das novas tecnologias na escola, pois estas podem conduzir por si só a uma nova postura diante do processo de aprendizagem. Quer isto dizer que por vezes, mesmo utilizando as novas tecnologias, os professores acabam por se centrarem na antiga forma de ensinar, ou seja, eles serão a única de conhecimento.

*“Programas visualmente agradáveis, bonitos e até criativos podem continuar representando o paradigma instrucionista ao colocar no recurso tecnológico uma série de informações a ser repassada ao aluno”*

*Moraes, 1997, p. 16*

A Internet não é a “farmácia” para a escola. É também possível criar dinâmicas pedagógicas sem o recurso da Internet ou das novas tecnologias. Por outro lado, a “rede das redes” tem vantagens que nenhum outro meio tem:

- disponível em qualquer lugar;
- facilidade de actualização da informação;
- facilidade da gestão de acessos e monitorização da utilização.

As novas tecnologias utilizadas no ensino tem inúmeras vantagens apresentadas por Grégoire, Bracewell & Laferrière (1996). Para os alunos:

- recursos que estimulam os alunos a desenvolver aptidões intelectuais;
- alunos demonstram mais interesse e estão mais concentrados durante o processo de aprendizagem;
- estimulam a procura e relacionamento de mais informação sobre determinado assunto;
- promove cooperação entre alunos.

Para o professor:

- obtêm rapidamente informação sobre recursos educativos;
- explorar as capacidades das novas tecnologias para interagir com os alunos de forma diferente do que as aulas tradicionais;
- percepção de que o conhecimento é cada vez mais um processo contínuo de pesquisa;

As novas tecnologias também podem ser utilizadas para registar os percursos de aprendizagem dos alunos, permitindo ao professor adequar o processo de aprendizagem tendo em conta os pontos fortes e fracos do aluno.



### 1.5.1. As novas tecnologias e a prevenção da Sida

Muitas organizações de luta contra a SIDA têm sítios na Internet bem desenvolvidos e com bastante informação actualizada. Abraço<sup>15</sup>, AIDES<sup>16</sup>, AIDS Portugal<sup>17</sup>, são alguns exemplos de organizações que apostaram na Internet. A AIDES, em especial, desenvolveu uma série de anúncios em formato vídeo com imagens muito fortes e apelativas para os jovens, alertando para os riscos da SIDA. Apresenta maior enfoque no risco de relações sexuais desprotegidas, um tanto limitado pois apresenta como que a grande e única solução para o problema o uso de preservativos.

O sítio AIDS Portugal está vocacionado para um público científico ou que quer obter informação fina, diversificada e concreta sobre a SIDA e quase tudo o que a envolve.

Outro exemplo é o jogo *Catch the sperm*<sup>18</sup>, desenvolvido pela *Sweden's Phenomedia for the Swiss Federal Office of Public Health's* com o intuito de tentar parar a disseminação do vírus da SIDA. Este jogo pode ser jogado em computador ou no telemóvel. Mais uma vez a única solução apresentada para a prevenção é o uso do preservativo.

Mas com o desenvolvimento da Web 2.0 os jovens passaram a ter um papel activo na construção e dinamização da Internet. Existem sites criados por jovens e para jovens como *Sexetc*<sup>19</sup> com temáticas e questões relacionadas com a sexualidade.

Mas também existem exemplos de actividades que, em vez de ajudarem, prejudicam. Fornecem informações erradas sobre a transmissão da SIDA. Um não exemplo é o jogo *Kitty AIDS Prevention*<sup>20</sup> em que é necessário evitar o

---

<sup>15</sup> <http://www.abraco.pt/>

<sup>16</sup> <http://www.aides.org>

<sup>17</sup> <http://www.aidsportugal.com/>

<sup>18</sup> [http://en.wikipedia.org/wiki/Catch\\_the\\_Sperm](http://en.wikipedia.org/wiki/Catch_the_Sperm)

<sup>19</sup> <http://www.sexetc.org/>

<sup>20</sup> [http://mostplays.com/play/Kk\\_Kitty\\_Aids\\_Prevention\\_10121](http://mostplays.com/play/Kk_Kitty_Aids_Prevention_10121)

contacto com os outros de modo a não ser contagiado pela SIDA. Este jogo é considerado por nós como anti-pedagógico, uma vez que se sabe que a SIDA não é transmitida pelo contacto directo. Na Internet, como sabemos, o bom e o mau andam a par...

Por esta razão e em qualquer contexto é necessário cuidado com as fontes de informação que as novas tecnologias proporcionam, nomeadamente a Internet, pois não há garantias de que a informação disponibilizada seja sempre fidedigna.

Ainda assim há, poucos recursos para crianças que abordem estes assuntos e o que o façam de forma correcta, dinâmica e pedagógica.

Pretendemos criar recursos na Internet, que possam ajudar a escola e as famílias a criar estratégias de abordagem da prevenção da SIDA na primeira infância.

## **2. Recursos produzidos no âmbito da investigação**

Durante a investigação foram desenvolvidos/produzidos 3 exemplos de TIPS, uma sobre SIDA, outra sobre os corpos feminino e masculino e outra sobre as etapas de desenvolvimento do embrião.

O principal objectivo deste trabalho centra-se na utilização de recursos digitais que permitam um envolvimento concreto entre escola – família – aluno do 1º ciclo do Ensino Básico (como veremos mais à frente).

Estas actividades foram feitas em versão digital e colocadas no sítio [www.sirbabyface.net](http://www.sirbabyface.net). A versão em papel pode ser consultada nos anexos (ver Anexo 5, Anexo 6 e Anexo 7). A versão papel foi criada a partir da versão digital e tentou ficar graficamente tão apelativa como a do formato digital, embora só tenha sido criada para servir de comparação com a versão digital e não para ser utilizada.

### **2.1. TIPS sobre sexualidade na infância e família**

Foram consultadas várias TIPS realizadas anteriormente, algumas delas também em formato digital<sup>21</sup>. A maioria destas TIPS consultadas são digitais, mas não no verdadeiro sentido, uma vez que se trata apenas de versões digitais (PDFs<sup>22</sup>) das fichas de trabalho em papel, parecendo mais um repositório de documentos. No entanto, existem alguns exemplos com interactividade, algo que se esperaria de TIPS na Internet.

Das várias TIPS consultadas, não se encontrou nenhuma sobre os temas da sexualidade, afectos, HIV/SIDA e todas elas estavam direccionadas para um público-alvo mais crescido (3º ciclo).

Assim, neste trabalho é-nos lançado o desafio de criar TIPS para abordar temas como os afectos, sexualidade e SIDA, que tenham como suporte a Internet, adaptadas a crianças do 1º ciclo, que nalguns casos apresentam limitadas

---

<sup>21</sup> <http://nautilus.fis.uc.pt/bl/conteudos/34/tips.html>

<sup>22</sup> Portable Document Format – <http://www.adobe.com/products/acrobat/adobepdf.html>

capacidades de ler e escrever. É preciso que graficamente sejam apelativas e utilizem tecnologia que possa ajudar a ultrapassar as barreiras que estas crianças possam ter.

As actividades criadas foram concebidas para serem feitas quase na sua totalidade em conjunto, entre os pais e filhos. O próprio sítio da Internet foi desenhado para que estimule à participação dos pais nas TIPS. Estando envolvidos nas actividades com os seus filhos, os pais têm a possibilidade de acompanhar e compreender o que os seus filhos estão a aprender na escola. Como em cada TIPS é necessário escrever as conclusões do diálogo em família, isto incentiva que o diálogo sobre o trabalho escolar possa começar a surgir também fora do contexto das TIPS.

A resolução das actividades são enviadas directamente para o email do professor (neste estudo são enviadas para os investigadores) para que possa acompanhar o progresso do aluno. Assim tem dados que lhe permitem comunicar melhor com os pais sobre o progresso do aluno.

Paiva & Paiva (2002) referem “Muitos pais vivem angustiados pela falta de conversa nestes assuntos... Outros, angustiados vivem com receio de se falar no tema.” (p. 33). Com estas actividades os pais têm pontos de partida para conversar sobre a sexualidade e os afectos, e fazem-no em sintonia com a escola.

## **2.2. Página Web de suporte: “Sexualidade e afectos”**

A página de suporte às TIPS foi criada com recurso a um *content management system* (CMS) *open source*, CMS Made Simple<sup>23</sup> para facilitar a criação das mesmas sem ser necessário ter muito conhecimentos de programação. Foi adoptado um *layout* vivo e colorido, com letras grandes, uma vez que o público-alvo são crianças muito novas. Como algumas crianças ainda poderão ter dificuldade de leitura, cada página tem uma descrição áudio que serve para auxiliar os passos que a criança deve tomar. Não esquecer, no entanto, que as TIPS são actividades que devem ser realizadas em conjunto com pais e crianças.

---

<sup>23</sup> <http://www.cmsmadesimple.org/>

Não podemos esperar que estas actividades sejam resolvidas sem o acompanhamento dos pais.

Por algumas limitações sobre os conhecimentos da linguagem *Flash*, não foi possível criar uma página ainda mais apelativa, como as que a maioria das crianças pequenas está habituada a consultar na Internet, como, por exemplo, o site da Disney<sup>24</sup> ou a cidade da Malta<sup>25</sup>.

Para criar actividades interactivas foi utilizada a linguagem Imagina<sup>26</sup>, que permite criar pequenos micromundos que podem ser integrados em páginas da Internet. Foram desenvolvidos 2 pequenos jogos que permitem à criança explorar alguns dos conceitos.

Foi criada uma página de entrada (ver Imagem 6) para a TIPS, com o objectivo de acolher o pai e o filho no site. Desta página, há ligações às 3 TIPS criadas.

- Etapas do desenvolvimento do embrião (ver Imagem 7).
- As diferenças entre sexos (ver Imagem 8).
- SIDA (ver Imagem 9).

Duas das TIPS desenvolvidas (“Até Nascer” e “Diferenças e Semelhanças”) têm pequenas actividades interactivas que podem ser utilizados para reforçar conceitos sobre o assunto de cada uma das TIPS. Estas actividades servem de ponto de partida para a conversa entre os filhos e pais. A outra TIPS (SIDA) não tem uma actividade interactiva: é proposto que os pais ajudem os filhos a completar as primeiras perguntas, podendo consultar no sítio AIDS Portugal<sup>27</sup>, um artigo intitulado “O que é a SIDA?”.

No final de cada TIPS são propostos alguns tópicos de conversa e reflexão, que achamos importantes e adequados para abordar com crianças desta idade. Para alguns pais poderá ser um pouco constrangedor e estranho falar sobre estes assuntos, mas esta metodologia poderá catapultar a possibilidade de

---

<sup>24</sup> <http://www.disney.pt>

<sup>25</sup> <http://www.cidadedamalta.pt>

<sup>26</sup> <http://www.imagina.pt>

<sup>27</sup> <http://www.aidsportugal.com>

iniciarem as conversas que de outro modo poderiam ter dificuldade em levar a cabo.

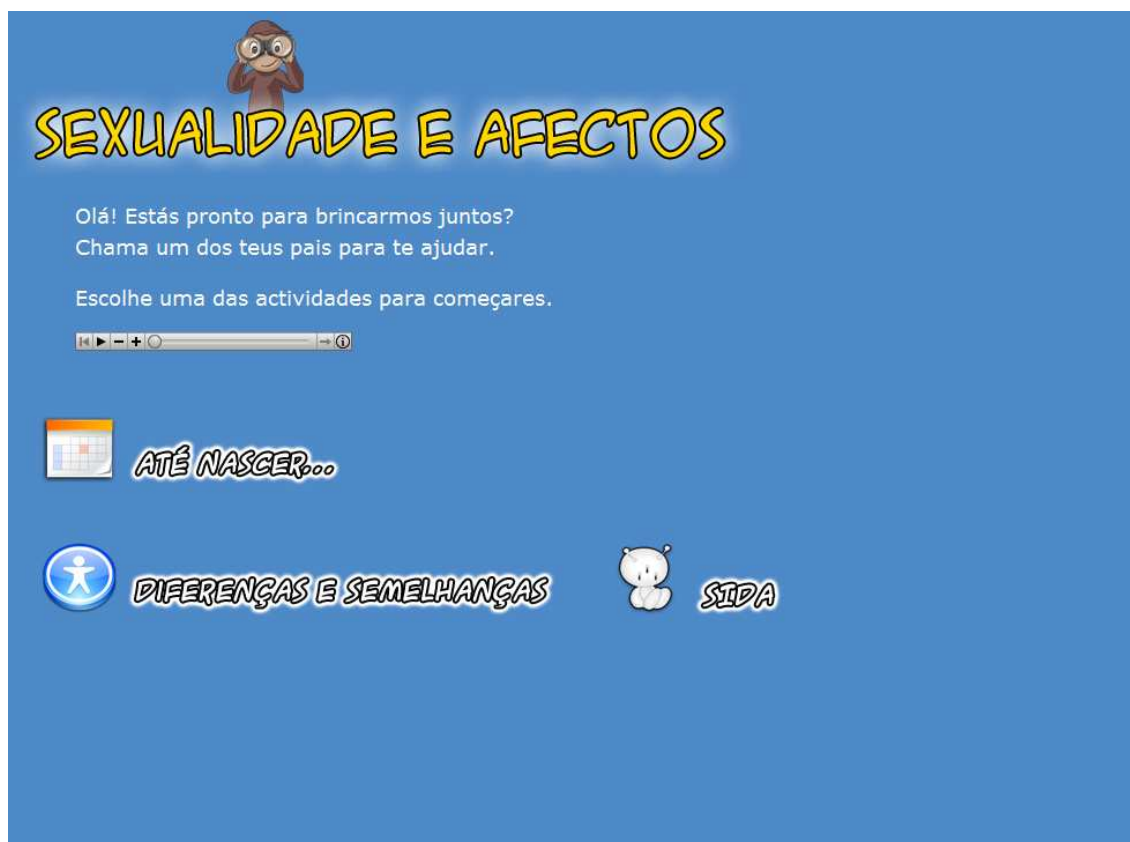


Imagem 6. Página de entrada nas TIPS – Sexualidade e afectos

# SEXUALIDADE E AFECTOS



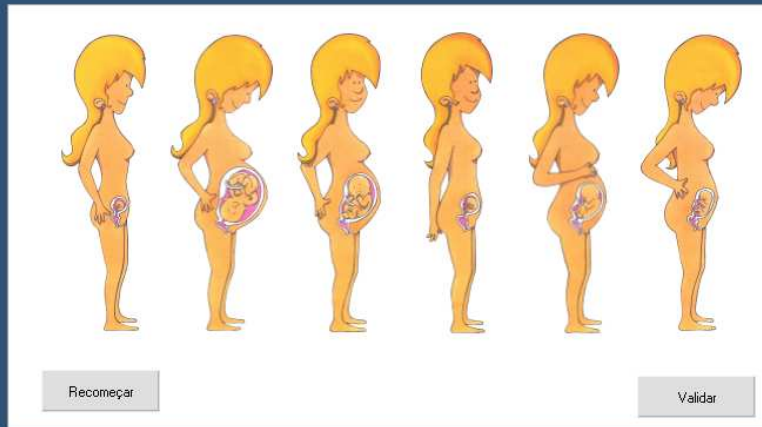
Objectivo: Identificar as diferentes etapas do desenvolvimento do embrião.

Escola

Aluno

Encarregado de Educação

Ordena as diferentes etapas do desenvolvimento do embrião na barriga da mãe.



## Discussão:

1. Quanto tempo demora um bebé a desenvolver-se dentro da barriga da mãe.
2. Como é que se forma o bebé.
3. Que cuidados deverá ter a mãe, durante o período da gravidez, para o bebé crescer saudável.
4. Quando chega um bebé novo à família, como é que esta se pode organizar para cuidar do novo membro da família?
5. Discutir em conjunto a frase "um bebé que vai nascer tem muito a ver com amor".

Escrevam aqui as vossas conclusões e respostas

Enviar Actividade

Imagem 7. TIPS – Etapas do desenvolvimento do embrião

# SEXUALIDADE E AFECTOS

## DIFERENÇAS E SEMELHANÇAS

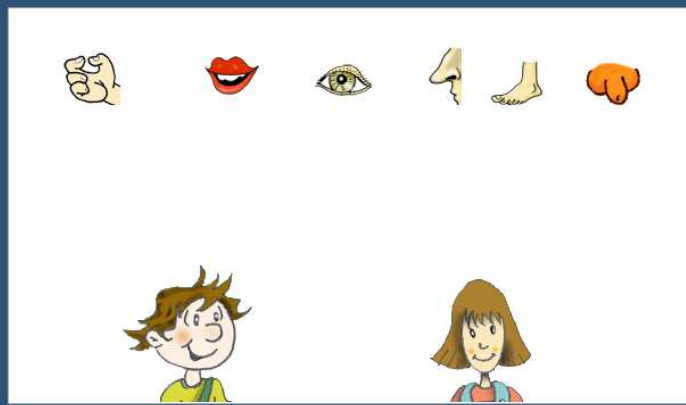
Objectivos: Identificar as diferenças e semelhanças entre o sexo masculino e feminino.  
Organizar e valorizar afectivamente as diferenças sexuais.

Escola

Aluno

Encarregado de Educação

Liga cada um dos órgãos do corpo humano ao menino e à menina. O mesmo órgão pode pertencer tanto ao menino como à menina.



### Discussão

Com os teus pais conversa sobre:

1. Identifica outras partes do corpo humano, que não estão representadas no jogo.
2. Quais as semelhanças e diferenças entre os meninos e as meninas.
3. Que diferenças existem, não só no corpo, mas noutros aspectos, entre meninos e meninas (comportamentos, gostos, ...).
4. Completa, conforme os casos:  
"Gosto de ser menino (homem) porque..."  
"Gosto de ser menina (mulher) porque..."

Escrevam aqui as vossas conclusões e respostas

Enviar Actividade

Imagem 8. TIPS – As diferenças entre os sexos





# SEXUALIDADE E AFECTOS



**Objectivos:** Estamos a aprender as diferentes formas de transmissão da SIDA e quais os cuidados que deverão ser tidos em conta para a doença não ser transmitir. Esta actividade vai-nos ajudar a desconstruir ideias erradas sobre transmissão da doença.

Acolher os doentes com SIDA.

Consultem o site [AIDS Portugal](http://AIDS Portugal) para poderem tirar dúvidas e ficarem a saber mais.

Escola

Aluno

Encarregado de Educação

Com os teus pais indica o significado da palavra SIDA.

Escrevam aqui as vossas conclusões e respostas

Identifica as diferentes formas de transmissão do VIH.

Escrevam aqui as vossas conclusões e respostas

Continua na próxima página

Das seguintes afirmações identifica as que são Verdadeiras e as que são Falsas.

Afirmações	Verdadeiro	Falso
A SIDA pode ser transmitida através do contacto sanguíneo?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Podes contrair SIDA se deres um aperto de mão ou um beijo a uma pessoa que tenha a doença?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Se um mosquito te picar podes contrair a doença?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
A SIDA pode ser transmitida através de relações sexuais?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Se beberes pelo o copo de uma pessoa que tenha SIDA, podes contrair a doença?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Uma pessoa pode contrair a doença se usar a mesma seringa de uma pessoa que tenha SIDA?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Uma criança que tenha SIDA não pode brincar com as outras crianças?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Alguns bebés podem nascer com a doença, caso a mãe esteja infectada?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

### Discussão:

Com os teus pais tenta compreender, das afirmações acima descritas, aquelas que correspondem a "mitos", e o que poderá ser feito para se mudar a maneira de pensar das pessoas em relação a esta doença.

1. Que cuidados se devem ter quando se brinca com uma criança que tenha SIDA?
2. Que cuidados se devem ter ao brincar na rua, para não se correr o risco de contrair SIDA, por exemplo, não apanhar seringas do chão.
3. Que cuidados de higiene se devem ter para não correr o risco de contrair SIDA.
4. A forma mais comum de transmissão do HIV/SIDA é pela via sexual. Discutam em família a seguinte frase:

*"Ter relações sexuais com um só parceiro, e tendo nele(a) enorme confiança, é uma grande "arma" contra a SIDA."*

Escrevam aqui as vossas conclusões e respostas

Enviar Actividade

Imagem 9. TIPS – SIDA

### **3. Estudo de campo**

Neste capítulo apresentamos, num primeiro momento, a conceptualização e os objectivos dos estudos empíricos. Em seguida, descrevemos a metodologia subjacente à investigação realizada, os procedimentos e os instrumentos de avaliação utilizados.

Trata-se de uma investigação descritiva, com carácter exploratório e de natureza essencialmente qualitativa.

#### **3.1. Objectivos e contextualização do estudo**

O presente trabalho teve como objectivo a criação de actividades onde existisse um envolvimento concreto entre escola – família – aluno. Para tal foram criadas TIPS, onde seriam abordadas questões ligadas à sexualidade.

O objectivo da criação destes materiais, é ajudar os pais e os professores na forma como podem abordar temas como a sexualidade e Sida, na primeira infância. Como é sabido, tal é mais fácil utilizando instrumentos de multimédia, que normalmente atraem os mais novos, contribuindo assim para uma sexualidade responsável.

O estudo decorreu na Escola EB1 de Montes Claros, em Coimbra, onde foram entrevistados 3 crianças, 3 encarregados de educação e 3 professores, depois de uma interacção/contacto com as TIPS criadas.

#### **3.2. Metodologia e desenho da investigação**

Os procedimentos destinados “a produzir certos resultados na recolha e tratamento de informações” (Almeida, 1982), podem ser documentais ou não documentais. Tendo em conta os objectivos definidos para este estudo, adoptou-se como metodologia de estudo uma abordagem essencialmente qualitativa, baseada em entrevistas realizadas a alunos, encarregados de educação e professores.

Uma investigação qualitativa é essencialmente descritiva, e resulta directamente dos dados recolhidos. Estes dados são fruto das técnicas utilizadas

que podem ser, entrevistas realizadas, observação participante, análise documental, etc.

Numa investigação qualitativa, segundo Bogdan e Bilken (1994), as entrevistas podem ser usadas de duas formas, que servem para recolher dados descritivos na linguagem do próprio sujeito, permitindo ao investigador desenvolver intuitivamente uma ideia sobre a maneira como os sujeitos interpretam aspectos do mundo:

- constituir a estratégia dominante para a recolha de dados;
- podem ser utilizadas em conjunto com a observação participante, análise de documentos e outras técnicas.

Tendo em conta função do grau de sistematização, as entrevistas podem ser classificadas como (Bogdan e Bilken, 1994):

- Estruturadas – As questões estão antes da entrevista, e durante a entrevista não são realizadas outras questões além das definidas.
- Não estruturadas – Antes da entrevista é apenas definido um tópico e no decorrer da entrevista são feitas questões de acordo com o andamento da entrevista.
- Semiestruturadas – São criadas questões antes da entrevista, no entanto no decorrer da entrevista poderão ser feitas novas questões caso isso seja propício ao tópico em questão.

Bogdan e Biklen (1994) consideram a investigação qualitativa como sendo uma metodologia de investigação que enfatiza a descrição, a indução, a teoria fundamentada e o estudo das percepções pessoais.

A investigação qualitativa apresenta cinco características principais (Bogdan e Bilken, 1994):

- fonte de dados, sendo o investigador o instrumento chave de recolha de dados;
- os dados recolhidos são essencialmente descritivos. A sua primeira preocupação é descrever e só secundariamente analisar os dados;
- neste tipo de investigação os investigadores interessam-se mais pelos processos do que pelos resultados ou produtos;
- os dados são analisados indutivamente, como se se reunissem em conjunto todas as partes de um puzzle;
- interessa, essencialmente, o porquê das coisas, ou seja, o significado das coisas.

Segundo os mesmos autores, numa investigação qualitativa o que é central não é saber se os resultados são susceptíveis de generalização, mas sim a que outros contextos e sujeitos podem ser generalizados.

Neste trabalho tentamos compreender qual a receptividade que as TIPS que preparámos mereciam da parte dos alunos, dos pais e dos professores.

Tendo em conta os objectivos deste estudo, optámos por uma abordagem de investigação qualitativa, utilizando como método de inquirição a entrevista. Os dados recolhidos foram analisados e a sua interpretação é fundamental para a análise. De referir que a análise de conteúdo foi feita por dois júris.

Para se por em prática o estudo em causa, foram seleccionados três crianças do ensino básico, três encarregados de educação e três professores do 1º Ciclo do Ensino Básico e Secundário (consultar caracterização da amostra), os quais foram entrevistados após a exploração da versão digital disponível em [www.sirbabyface.net](http://www.sirbabyface.net) e da versão papel (ver Anexo 5, Anexo 6 e Anexo 7).

As entrevistas foram realizadas directamente na escola EB1 de Montes Claros em Coimbra, pela investigadora, de acordo com um guião previamente elaborado (ver Anexo 1, Anexo 2 e Anexo 3), registadas através de meio electrónico, sendo posteriormente transcritas (ver Anexo 4). Esses registos foram submetidos a uma análise de conteúdo.

Com as entrevistas pretendia-se verificar alguns aspectos:

- Procurar saber se as TIPS podem contribuir ou não para um maior diálogo entre a escola e a família.
- Saber se as TIPS são um bom fio condutor para se abordarem temas ligados à sexualidade.
- Obter opiniões e sugestões sobre os materiais apresentados, no sentido de os melhorar.

No decorrer das entrevistas foram introduzidas, modificadas ou eliminadas algumas questões, atendendo ao papel desempenhado pelo participante na comunidade educativa (aluno, encarregado de educação ou professor). A questão sobre o papel ou responsabilidade que os pais atribuem à escola, por exemplo, é apenas efectuada aos professores. Além disso, no caso do grupo das crianças, procurámos formular as questões de forma mais simples e utilizar um nível de linguagem adequado.

### **3.3. *Análise de conteúdo***

A definição de análise de conteúdo é algo que tem vindo a sofrer algumas alterações ao longo dos anos. Em 1952 Berelson definiu análise de conteúdo como sendo uma técnica de investigação que permite fazer uma descrição objectiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto das comunicações, tendo por objectivo a sua interpretação. Cartwright em 1953 apresentou uma nova definição afirmando que a análise de conteúdo para além do conteúdo manifesto da comunicação, estende-se a todo o comportamento simbólico.

Para Stone (1966) a análise de conteúdo é uma técnica que permite fazer inferências, identificando objectiva e sistematicamente as características específicas da mensagem. Grawitz (1993) refere que a inferência corresponde ao alargamento da técnica, a qual permite daí em diante pôr em relação aspectos literais e aspectos sociológicos. Bardin (1997) considera que a análise de conteúdo não deve ser usada apenas para ser descrito o conteúdo das mensagens. O principal objectivo é a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção, podendo ou não recorrer-se à ajuda de indicadores quantitativos.

De acordo com Carmo e Ferreira (1998), a análise de conteúdo apresenta cinco pontos:

- **definição dos objectivos e do quadro de referência teórico** – Nesta etapa são definidos os objectivos da pesquisa e um quadro de referência teórico, do que se pretende investigar;
- **constituição de um *corpus*** – O *corpus* diz respeito aos documentos que foram seleccionados, para posteriormente se proceder à Análise de Conteúdos;
- **definição de categorias** – A definição de categorias pode ser feita antes ou depois da realização do estudo. Quando são definidas inicialmente, são formuladas hipóteses, que o investigador ambiciona verificar. Deste modo, a análise de conteúdo vai permitir-lhe descobrir se as categorias definidas estão ou não presentes nos documentos que constituem o *corpus*. Quando as categorias são definidas posteriormente, designa-se esse tipo de análise por procedimento exploratório;
- **definição de unidades de análises** – Existem três tipos de unidades que devem ser tidas em conta:
  1. Unidade de registo – está depende dos objectivos estabelecidos e do quadro teórico da investigação.
  2. Unidade de contexto – é o segmento mais longo de conteúdo que o investigador considera quando caracteriza uma unidade de registo, sendo a unidade de registo o mais curto. É necessário ter em conta a unidade de contexto para se assegurar a fidelidade e a validade da análise.
  3. Unidade de enumeração – é a unidade em que se procede à quantificação. Referem-se ao tempo e ao espaço: parágrafo, linha, centímetro, minuto de registo.
- **interpretação dos resultados** – É importante fazer a interpretação dos resultados, tendo em conta os objectivos definidos e o quadro teórico definido.

Esta análise de conteúdos foi realizada por um júri externo, Moreira, L. J. & Pinto, F. – 2008. Apesar do espaço de rigor associado à análise de conteúdo realizada, convém frisar que se tratou de um procedimento lógico mas não exaustivo nem sequer, porventura, ortodoxo. Tal como o estudo empírico em si, foi entendido por nós relativamente simplificado mas suficientemente face aos nossos objectivos.

### **3.3.1. Amostra (participantes)**

A amostra da nossa investigação é constituída por 9 participantes: 3 crianças do 1º Ciclo do Ensino Básico, 3 respectivos encarregados de educação e 3 professores do 1º Ciclo do Ensino Básico.

Tentou-se diversificar a amostra mas esta não deixou de ser de conveniência, de acordo com as disponibilidades e sentido voluntário dos participantes.

Duas das três crianças têm 9 anos e outra 7; duas são do sexo masculino e uma do sexo feminino. Os encarregados de educação são do sexo feminino, têm entre 34 e 37 anos; dois são licenciados e um possui o ensino secundário. Os professores são do sexo feminino, têm 26, 31 e 51 anos; as professoras mais novas possuem o grau de mestrado e a professora mais velha o bacharelato (ver Quadro 2, Quadro 3, Quadro 4).

**Quadro 2. Sexo dos inquiridos**

	<b>Masculino</b>	<b>Feminino</b>
Alunos	2	1
Encarregados de educação	0	3
Professores	0	3
<b>Total</b>	2	7



**Quadro 3. Idade dos inquiridos**

	7-9 anos	26 anos	30 - 40 anos	51 anos
Alunos	2	1	2	1
Encarregados de educação	0	3	0	3
Professores	0	3	0	3
<b>Total</b>	2	7	2	7

**Quadro 4. Habilitações literárias dos inquiridos**

	Ensino Secundário	Bacharelato	Licenciatura	Mestrado
Alunos	0	0	0	0
Encarregados de educação	1	0	2	0
Professores	0	1	0	2
<b>Total</b>	1	1	2	2

Podemos dividir a amostra em três tríades, com base nas relações que os participantes mantêm entre si: filho/aluno – pai/encarregado de educação – professor, cada uma das quais integra uma comunidade educativa da zona centro de Portugal: duas de Coimbra e uma de Penacova (ver Quadro 5).

**Quadro 5. Concelhos e freguesias de residência dos inquiridos**

	Concelho		Freguesia*	
	Coimbra	Penacova	Santo António dos Olivais	Sé Nova
Alunos	2	1	1	1
Encarregados de educação	2	1	1	1
Professores	2	1	1	1
<b>Total</b>	6	3	3	3

### 3.3.2. Material

O material do estudo é composto por três actividades (TIPS) e uma entrevista.

As actividades foram formuladas em versão digital<sup>28</sup> e em versão papel e incidem sobre as etapas do desenvolvimento do embrião (ver Anexo 6); as diferenças entre sexos (ver Anexo 7); e a SIDA (ver Anexo 5).

A entrevista (ver Anexo 1, Anexo 2 e Anexo 3) procura caracterizar o participante, captar a sua relação com as TIC, obter informação sobre a relação escola/casa e sobre a relação dos pais com o estudo dos filhos e, finalmente, recolher opiniões sobre as TIPS apresentadas.

### **3.3.3. Procedimentos**

As entrevistas decorreram na própria escola (EB1 de Montes Claros de Coimbra), onde nos reunimos com os participantes, numa primeira fase em conjunto, sendo feita uma apresentação das TIPS quer na versão papel quer na versão digital<sup>29</sup> e, posteriormente, realizámos a entrevista individualmente.

Inicialmente foi dada aos participantes uma informação breve do objectivo do estudo. Foi-lhes comunicado que tudo o que seria conversado seria confidencial, não existiam respostas certas ou erradas (pois algumas das crianças no início estavam com algum receio de não saberem responder ao que lhes seria perguntado).

As respostas obtidas foram submetidas a uma análise de conteúdo<sup>30</sup>. Sempre que possível, procurámos enquadrar as informações nas categorias que havíamos concebido *à priori*. Porém, nem sempre as respostas reais dos participantes se enquadravam nessas categorias. Outras vezes, os inquiridos extrapolavam o âmbito dessa pergunta e forneciam informações importantes para completar outras. Também por esta análise de conteúdo ter um cariz meramente exploratório.

---

<sup>28</sup> <http://www.sirbabyface.net>

<sup>29</sup> Não foi possível mostrar a versão digital a um dos encarregados de educação.

<sup>30</sup> As técnicas de análise de conteúdo oferecem-nos hoje possibilidades admiráveis (Bardin, 2004); o seu objectivo principal, porém, é “efectuar inferências” (Vala, 2003, p. 104)

### 3.3.4. Resultados

Todos os participantes possuem pelo menos um computador em casa, excepto uma professora. Todos dispõem de ligação à Internet em casa e todos os participantes utilizam o computador (ver Quadro 6).

Quadro 6. Computador e acesso à Internet em casa

	Computador em casa		Internet em casa	
	Não	Sim	Não	Sim
Alunos	0	3	0	3
Encarregados de educação	0	3	0	3
Professores	0	3	1	2
<b>Total</b>	0	9	1	8

As respostas das crianças à questão sobre a relação com os computadores indicam tratarem-se de utilizadores inexperientes (os dois elementos do sexo masculino referem-se explicitamente aos jogos, enquanto o elemento do sexo feminino assinala que utiliza o computador esporadicamente); os encarregados de educação dizem-se utilizadores regulares (2) ou experientes (1); as respostas dos professores revelam ser utilizadores inexperientes (2) ou regulares (1) (ver Quadro 7).

Quadro 7. A relação dos inquiridos com as TIC

	Não Utiliza	Inexperiente	Regular	Experiente
Alunos	0	3	0	0
Encarregados de educação	0	0	2	1
Professores	0	2	1	0
<b>Total</b>	0	5	3	0

Os participantes mais novos utilizam pouco a internet (menos de uma hora por semana) e apenas um a utiliza noutros locais para além do lar (na escola e em casa de amigos). Os encarregados de educação, tal como os professores, utilizam um pouco mais a internet, mas ainda assim menos de 5 horas por semana. Todos, à excepção de um encarregado de educação, utilizam a Internet no trabalho e

todos quantos dispõem de Internet em casa utilizam-na nesse contexto (ver Quadro 8 e Quadro 9).

**Quadro 8. Horas por semana na Internet**

	Menos de 1 hora	Entre 1 e 5 horas
Alunos	3	0
Encarregados de educação	1	2
Professores	1	2
<b>Total</b>	5	4

**Quadro 9. Onde se utiliza a Internet**

	Não usa	Casa	Trabalho	Casa de amigos	Noutros sítios
Alunos	1	2	1	1	0
Encarregados de educação	0	3	2	0	0
Professores	0	2	3	0	1
<b>Total</b>	1	7	6	1	1

Apenas uma criança refere que utiliza a Internet com os pais (“às vezes”), embora todas as mães assinalem que utilizam a internet com os filhos<sup>31</sup> (ver Quadro 10)

**Quadro 10. Utilização da Internet em família**

	Não	Sim
Alunos	2	1
Encarregados de educação	0	3
<b>Total</b>	2	4

No que diz respeito às questões sobre a qualidade da relação escola/casa, uma criança considerou que não havia uma comunicação aberta<sup>32</sup>, mas não soube responder se seria positivo se existissem mais momentos de partilha entre a

<sup>31</sup> Apenas a resposta de um encarregado de educação é claramente “sim”; outro admite utilizar “pouco” e outro afirma que quando não está a acompanhar o filho, “está a irmã”.

<sup>32</sup> Esta criança descreveu tortuosamente o processo para marcar uma reunião e identificou “os problemas” como a razão para os pais comunicarem com a escola.

escola e a família; outra não soube responder se havia uma comunicação aberta entre os pais e a escola; finalmente, outra referiu apenas os atendimentos como o momento em que se estabelecia o diálogo. Estas últimas duas crianças seriam favoráveis à existência de mais momentos de partilha entre a escola e a casa, mas por duas razões distintas: porque seria uma ocasião para esclarecer as contradições entre a escola e a família (“porque há coisas que nós damos na escola que em casa são diferentes e os pais dizem outras coisas”) e porque os pais poderiam acompanhar melhor o seu desempenho escolar (“para saberem como é que nos andamos a portar na escola, a atitude e as notas”) (ver Quadro ° 11).

A maioria dos encarregados de educação (2) considera que a relação que existe entre a escola e a família é adequada, para que possam acompanhar convenientemente os estudos dos filhos. Todas as mães são favoráveis à criação de mais momentos de partilha entre os dois meios (mais oportunidade de diálogo com os docentes), embora um lembre os constrangimentos de tempo, remetendo essa possibilidade para o domínio do ideal (ver Quadro 11 e Quadro 12).

**Quadro 11. Relação entre a escola e a família**

	<b>Não</b>	<b>Sim</b>	<b>Não sabe</b>
Alunos	1	1	1
Encarregados de educação	1	2	0
Professores	1	2	0
<b>Total</b>	3	5	1

**Quadro 12. Relação entre a escola e a família – criação de mais tempos partilhados**

	<b>Não</b>	<b>Sim</b>	<b>Não sabe</b>
Alunos	0	2	1
Encarregados de educação	0	3	0
Professores	0	3	0
<b>Total</b>	0	8	1

Duas professoras consideram que a relação entre os dois contextos (escola e família), no caso da sua turma, em particular, é positivo (por exemplo, “...com a minha turma, tenho um acompanhamento por parte do pais...”; “eu tenho uma

turma em que tanto os alunos como os pais são extremamente envolvidos na escola”) e uma outra distingue entre relação adequada e relação desejável (“Não era a mais desejada, mas é adequada”). As professoras valorizam a participação dos pais na comunidade escolar e procuram fomentá-la (por exemplo, participação numa aula ou actividade, assinar os trabalhos de casa...). As dificuldades de aprendizagem do aluno exigem que os professores e os pais cooperem mais (“muitas vezes solicito a ajuda deles, porque tenho uma turma de 24 alunos, onde não estão todos ao mesmo nível”; “tenho alguns alunos com dificuldades ... os pais cooperam comigo”) (ver Quadro 11).

De acordo com as informações dos pais e das crianças, os pais acompanham os trabalhos de casa dos filhos<sup>33</sup>; dois professores estão convencidos de que esse acompanhamento tem lugar na sua turma; uma professora refere que alguns pais, de facto, acompanham os estudos dos filhos.

**Quadro 13. Acompanhamento dos estudos em casa**

	<b>Não</b>	<b>Sim</b>	<b>Outro familiar</b>	<b>Alguns pais</b>
Alunos	0	2	1	0
Encarregados de educação	0	2	1	0
Professores	0	2	0	1
<b>Total</b>	0	6	2	1

Entre as estratégias de acompanhamento dos estudos dos filhos, a monitorização dos trabalhos de casa é a mais mencionada pelos inquiridos: é mencionada por um aluno, dois encarregados de educação e pelos três professores<sup>34</sup> (ver Quadro 14, Quadro 15 e Quadro 16).

---

<sup>33</sup> Num dos casos, é a avó materna que acompanha os trabalhos de casa do aluno.

<sup>34</sup> Os alunos mencionam ainda: a ajuda nas dificuldades e as mnemónicas. Os encarregados de educação apontam também a ajuda nas dificuldades e ainda 3 outros tipos de estratégia: comunicação com a escola, autonomia, livros. Um professor acrescenta que os seus alunos levam trabalhos para casa para os pais assinarem.

**Quadro 14. Estratégias para acompanhar os estudos das crianças em casa identificadas pelos alunos.**

Tipo de estratégias	Alunos	
	N	Citações
Trabalhos de casa	1	Eles [os pais] fazem [o trabalho de casa] numa folha de rascunho (A3)
Ajudas nas dificuldades	1	Quando tenho dificuldades (A2)
Mnemónicas	1	Ajudam-me técnicas para aprender mais rápido (A1)

**Quadro 15. Estratégias para acompanhar os estudos das crianças em casa identificadas pelos encarregados de educação.**

Tipo de estratégias	Encarregados de Educação	
	N	Citações
Trabalhos de casa	2	Vou vendo os trabalhos de casa (EE2) Faço os trabalhos de casa com ele, ou quando ele está mais aborrecido, eu deixo fazer sozinho e depois vou corrigir (EE3)
Ajudas nas dificuldades	1	Ajudo quando ele pede (EE1)
Autonomia	1	Tento deixá-lo ser autónomo, para que faça tudo o que pode sozinho (EE1)
Comunicação com a escola	1	...falo com os professores (EE2)
Livros	1	Vou vendo os livros (EE2)

**Quadro 16. Estratégias para acompanhar os estudos das crianças em casa identificadas pelos professores.**

Tipo de estratégias	Professores	
	N	Citações
Trabalhos de casa	3	Existem pais que metem uma folhinha ao lado com as tarefas feitas (P1). Os meus pais (das crianças da turma), corrigem ou vêem os trabalhos de casa (P2) Os trabalhos de casa (...) são para serem acompanhados pelos pais (P3)
Assinatura dos pais	1	Os meninos têm um caderno diário, no qual fazem vários trabalhos e vai para casa assinar. Fazem ditados e os pais assinam (P3)

As professoras crêem que, em geral, os pais continuam a considerar que a escola é um espaço para deixar os filhos; as suas turmas são exceções.

Alguns temas abordados na escola são discutidos em casa, mas os exemplos fornecidos são díspares: o corpo humano, questões de ortografia, relações sexuais, comportamento e notas. As professoras crêem que os pais conversam em casa com os filhos sobre assuntos escolares (uma professora limita esta situação a alguns pais) (ver Quadro 17).

**Quadro 17. Abordagem dos temas da escola em casa**

	Não	Sim	De vez enquando	Alguns temas	Alguns pais
Alunos	0	1	1	1	0
Encarregados de educação	0	2	1	0	0
Professores	0	2	0	0	1
<b>Total</b>	0	5	2	1	1

A sexualidade, a SIDA ou a afectividade, na opinião dos alunos, não são frequentemente discutidos em casa, se exceptuarmos um aluno que refere ter já conversado sobre os afectos com os pais. Cada criança advoga razões diferentes para explicar a situação: “ [os pais] têm muitos problemas”; “nem me lembro disso”; “não me sinto à vontade”. Apenas uma mãe declara falar desses assuntos “sem tabus”, as demais assumem o receio ou embaraço em abordar esses temas. A tenra idade das crianças é evocada frequentemente pelos encarregados de educação como uma barreira na abordagem destes temas (ver Quadro 18, Quadro 19 e Quadro 20).

As professoras também não têm uma opinião unânime. Duas professoras julgam que os pais sentem ainda algum embaraço. Apenas uma considera que os pais da sua turma retomam esses temas em casa, porque são muito empenhados (ver Quadro 21).



**Quadro 18. Abordagem em casa da sexualidade, sida e afectos**

	Não	Sim	Resp.ambígua
Alunos	2	0	1
Encarregados de educação	1	1	1
Professores	0	2	1
<b>Total</b>	3	3	3

**Quadro 19. A abordagem da sexualidade, da sida e dos afectos em casa vista pelos alunos.**

Categorias de respostas	Alunos	
	N	Citações
Embaraço	1	Não me sinto à vontade para falar com os meus pais sobre isto. (A3)
Desinteresse	1	Eu nem me lembro de falar sobre isso. (A2)
Indisponibilidade dos pais	1	[Os pais] São pessoas muito ocupadas. Têm muitos problemas. (A1)

**Quadro 20. A abordagem da sexualidade, da sida e dos afectos em casa vista pelos encarregados de educação**

Categorias de respostas	Encarregados de Educação	
	N	Citações
Idade	2	Não criei muita circunstância ainda, dada à idade (E1). Quando surgem questões, tento responder à medida da idade (E1). Quanto à SIDA não é assim tão cedo (E1) Não tinha (vergonha), mas vai começando a ter com a idade (E2) O que é que lhe vou responder a isto (o que é a sexualidade), porque ela tinha 5 anos (E2)
Tabú	1	Outra coisa é ele vir transmitir cá para fora e dar-lhe a noção de que não é segredo, mas que não é para falar. (EE1) Sem Tabú. À vontade. (E3)
Medo/Receio	1	Acho que as relações sexuais, ainda para uma criança, por acaso, peço desculpa, foi das poucas perguntas que vi aqui, e que me assustou (E1)
Vergonha / Embaraço / Melindre	1	Não é que tenha dificuldade em...ou tento não ter. (E2)
Preocupação	1	Porque o ciclo para mim é um mundo (E1) Eles têm que estar preparados (E1)
Empatia	1	Porque estive do lado contrário e portanto sei o que isso é. (E2)

**Quadro 21. A abordagem da sexualidade, da sida e dos afectos em casa vista pelos professores.**

Categorias de respostas	Professores	
	N	Citações
Idade	1	É preciso ter calma, o vocabulário que se utiliza, depende da idade das crianças, da maturidade que elas tenham. (P1)
Tabú	2	Não é uma inibição, não é um factor tabu. (P1) ...este tema continua a ser um tabú (P3)
Medo/Receio	1	Alguns pais têm medo, algum receio ...com a maternidade, o desenvolvimento de um bebé. (P1)
Vergonha/Embaraço/ Melindre	2	Acho que são muito melindrados face ao assunto. (P1) Continua a ser difícil explicar (P3)
Preocupação	1	Esta nova geração tem mais preocupação. (P3)
Empatia	1	Na minha época não era bem assim... Penso que hoje alguns pais já o conseguem fazer (sentar-se ao lado das crianças e conversar) (P3)
Estratégia para abordar os temas	1	Terem dificuldade em criar um estratégia para abordar estes assuntos. (P1)

De entre todos os participantes apenas um aluno afirmou já ter ouvido falar de TIPS<sup>35</sup>, embora pela entrevista tenha sido possível ver que aluno não estava a falar da mesma coisa. (ver Quadro 22). Todos os inquiridos consideram que as TIPS poderão trazer benefícios para a educação das crianças, sobretudo porque são uma forma interessante de aprender. Dois professores realçaram que estas actividades fomentavam o diálogo entre as crianças e os pais (ver Quadro 23, Quadro 24, Quadro 25 e Quadro 26).

**Quadro 22. O que são TIPS?**

	Não conhecia	Conhecia
Alunos	3	0
Encarregados de educação	3	0
Professores	3	0
<b>Total</b>	8	0

<sup>35</sup> O aluno diz ter visto um livro na biblioteca sobre o assunto.

**Quadro 23. As TIPS trarão aspectos positivos para a educação das crianças?**

	Sim	Não
Alunos	3	0
Encarregados de educação	3	0
Professores	3	0
<b>Total</b>	9	0

**Quadro 24. Aspectos positivos das TIPS para a educação mencionados pelos alunos.**

Aspectos positivos	Alunos	
	N	Citações
Aprender	1	Porque ajuda a perceber melhor e a conseguirmos entender as coisas que damos na escola, através do computador ou folhas. (A2)

**Quadro 25. Aspectos positivos das TIPS para a educação mencionados pelos encarregados de educação.**

Aspectos positivos	Encarregados de Educação	
	N	Citações
Engraçado	1	Acho que é uma forma engraçada (E1)
Motivador	1	Eu acho é que as motiva mais. (E3)

**Quadro 26. Aspectos positivos das TIPS para a educação mencionados pelos professores.**

Aspectos positivos	Professores	
	N	Citações
Aprender	2	É uma forma de aprenderem conteúdos (P1) As crianças aprendem muito com os jogos. (P3)
Diálogo	3	Os assuntos mais delicados teriam uma forma e uma estratégia engraçada para pais e professores conseguirem assim terem um diálogo muito porreiro. (P1) Aqueles que não têm, de facto, em casa, os pais a puxarem por eles, começam a despertar e tentar fazerem perguntar e dar respostas. (P2) Envolve os pais e é muito interessante quando envolve os pais, porque os meninos dizem que inclusivamente se sentem muito mais motivados e porque existe discussão. (P3)
Manipulação/Interação	1	É fundamental para as crianças manipularem... (P1)
Jogo	1	É um jogo. (P3)

O aspecto ou a concepção das actividades foi dos aspectos mais elogiados pelos inquiridos nas TIPS apresentadas. A TIP sobre as diferenças entre meninos e meninas recolheu a preferência de uma criança e de um encarregado de educação, o qual, por outro lado, admitiu que as TIPS sobre a SIDA e sobre a maternidade (as relações sexuais) o deixaram aflito. Uma professora alertou para que poderia haver falta de feedback nas TIPS (ver Quadro 28, Quadro 29).

Duas crianças gostaram de igual forma da versão em papel e da versão digital das TIPS apresentadas, dois encarregados de educação gostaram mais da versão em papel<sup>36</sup>, e os demais inquiridos preferiram a versão digital (ver Quadro 27).

**Quadro 27. Versão preferida das TIPS apresentadas**

	Versão digital	Versão Papel	Ambas
Alunos	1	0	2
Encarregados de educação	1	2 *	0
Professores	3	0	0
<b>Total</b>	5	2	2

\* Um dos Encarregados de Educação não consultou a página WEB e assinala que noutras circunstâncias poderia ter outra opinião.

**Quadro 28. Aspectos positivos nas TIPS apresentados mencionados pelos inquiridos**

	Não Sabe	Diferenças de sexo	Até Nascer	Desenho das TIPS	Interacção	Existência de versão papel e digital
Alunos	1	1	0	1	0	0
Encarregados de educação	0	1	1	1	0	0
Professores	1	0	0	2	2	1
<b>Total</b>	2	2	1	4	2	1

---

<sup>36</sup> Como anteriormente referíamos, durante a entrevista com este encarregado de educação não foi possível ver as actividades que estavam no sítio da Internet: “Acho que a maneira como foi apresentada aqui não mostra o verdadeiro potencial e portanto acho que gostei mais da versão papel, mas acho que é pela circunstância. Quando fosse para fazer, acho que a Internet torna-se mais apelativa para as crianças.”

**Quadro 29. Aspectos negativos nas TIPS apresentadas mencionados pelos inquiridos**

	Não sabe ou não responde	Não tem	Causou medo	Falta de feedback
Alunos	1	2	0	0
Encarregados de educação	1	1	1	0
Professores	2	0	0	1
<b>Total</b>	4	3	1	1

As respostas obtidas para as questões que solicitavam sugestões para o futuro e possíveis melhorias a introduzir receberam somente uma resposta concreta: uma criança sugere uma alteração no personagem macaco. Dois encarregados de educação lembram que estes recursos deveriam ser mais divulgados. As professoras enfatizam a necessidade de introduzir mais actividades (que avaliassem a aprendizagem, como as que foram propostas na TIP sobre a SIDA) e, atendendo à idade do público-alvo, imagens que auxiliassem a transmitir convenientemente a informação sobre a SIDA. Uma professora sugere que este tipo de tarefa poderia ser eficaz em trabalho de grupo na escola (ver Quadro 30).

**Quadro 30. Sugestões e modificações a introduzir nas TIPS apresentadas**

	Não sabe	Mais divulgação	Outras temas	SIDA	Outros exercícios	Mais interação	Projectos nas escolas
Alunos	2	0	0	0	0	0	0
Encarregados de educação	1	2	1 *	0	0	0	0
Professores	0	0	0	1 **	1	1	1
<b>Total</b>	3	2	1	1	1	1	1

\* Droga

\*\* Mais imagens para apresentar melhor o tema da SIDA.

### 3.3.5. Discussão dos resultados

Os resultados que obtivemos devem ser lidos com prudência. Com esta investigação pretendíamos de alguma maneira conhecer o acolhimento que as TIPS que preparáramos mereciam da parte dos alunos, dos pais e dos professores. Naturalmente, houve outros propósitos na concepção do estudo. No entanto, a nossa amostra não permite senão aproximações exploratórias.

As crianças do nosso estudo utilizam pouco o computador e, menos ainda, a Internet. Associam as TIC (pelo menos, as duas crianças do sexo masculino) ao jogo: estamos, pois, perante a faceta lúdica que costuma acompanhar o discurso à volta das TIC.

Embora os adultos que compõem a nossa amostra sejam sobremaneira instruídos no contexto da sociedade portuguesa e três deles (as professoras) desempenhem um papel activo no campo educativo, o seu nível de utilização do computador e, principalmente, da Internet indica-nos que estas ferramentas não adquiriram ainda um papel decisivo.

*“A percentagem de professores que utiliza regularmente as TIC nos processos educativos, que ronda os 30% não teve qualquer evolução significativa ao longo da década de 90. Os que as utiliza, pelo menos esporadicamente, não chegam a 50%, por contraponto à evolução de aceitação quase global das TIC em todas as outras profissões”*

*Pinto, 2002, p. 106*

Parece existir um fosso entre o discurso sobre as TIC, sobre o valor que se lhes atribui, e a sua utilização quotidiana, nomeadamente, pelos agentes educativos<sup>37</sup>.

Se bem que não possamos traçar um quadro completo sobre a relação entre a escola e a família dos alunos, as respostas dos nossos inquiridos permitem-nos ao menos captar algumas linhas importantes: estamos perante um contexto privilegiado, como as professoras recorrentemente realçam, a maioria dos pais é empenhada e interessada. As docentes distinguem entre a sua turma actual e outras turmas que conheceram ao longo da sua experiência profissional e outras escolas ou zonas do país. Regra geral, na opinião dos professores, os pais continuam a encarar a escola como um “depósito” onde “despejam” os filhos,

---

<sup>37</sup> “Temos de ter consciência que um professor, enquanto utilizador, é um cidadão que se serve das TIC enquanto tal, não é um educador que as domina educacionalmente (Pinto, 2002, p. 106).

delegando a responsabilidade da educação aos professores, as suas turmas são excepções.

Por um lado, os pais têm uma boa relação com os professores mas, aparentemente, restringem a sua participação no quotidiano escolar ao diálogo com eles. Por outro lado, os professores atribuem aos pais um papel fundamental na educação dos filhos (“os pais são os principais educadores”; “a educação primária são os pais que dão aos alunos”), pelo que procuram dinamizar actividades que os envolvam activamente. Encontramo-nos, pois, num reduto vincadamente ideológico sobre a escola: “a escola é de todos”; “só trabalhando os dois [pais e professores] em conjunto é que se pode promover o sucesso dos alunos”; “...tudo depende (...) dos professores, mas também dos pais”.

As respostas dos inquiridos que integram a mesma comunidade educativa denotam certas semelhanças interessantes: num caso, os três (aluno, encarregado de educação e professor) concordam que a relação entre a escola e a família não é a mais adequada; noutro caso, o encarregado de educação e o professor valorizam o papel dos trabalhos de casa no acompanhamento do estudo dos filhos; noutro caso, o encarregado de educação sublinha a disponibilidade da professora. Se, porém, se trata de uma real interdependência do meio familiar e do meio escolar ou se é uma mera coincidência, o nosso estudo não nos permite esclarecer.

A escola e a família concorrem ambas para a educação das crianças<sup>38</sup>. As respostas dos nossos participantes sugerem que a convivência nem sempre é pacífica e que os papéis não estão claramente definidos, nomeadamente no que diz respeito às matérias, tradicionalmente menos académicas, como aquelas que abordamos nas TIPS sob estudo. Aliás, estes temas radicam na intersecção de duas questões cruciais, mas que receberam respostas diferentes ao longo dos

---

<sup>38</sup> Esta afirmação tem tanto mais sentido quanto o discurso oficial sobre a escola nos diz que é sua função contribuir para “o desenvolvimento pleno e harmonioso da personalidade dos indivíduos” (Lei de Bases do Sistema Educativo, Artº 2, 4). Sobre as modificações no papel e objectivos da escola, veja-se Valentim (1997).

tempos e nunca consensuais: por um lado, o que é uma criança?, e, por outro, qual o propósito da escola?

A SIDA e as relações sexuais foram os tópicos que pais e professores abordaram com mais reserva. A psicanálise postula num período de latência, ou adormecimento, das pulsões do id sensivelmente entre os 6 e os 12 anos. A tenra idade das crianças origina, na verdade, diversos comentários dos pais e dos professores. E esta é, efectivamente, uma questão relevante: haverá uma idade mais propícia para abordar estes temas?

Obviamente, não estamos em condições de dar uma resposta a estas questões. Naturalmente, estas não são as únicas questões que ficam sem resposta. Nas entrevistas deparámo-nos com material que per si merecia uma análise própria, sobretudo no reduto das representações sociais: a associação da SIDA ao contágio e à discriminação; a sociogénese, se assim poderemos dizer, das representações infantis sobre a sexualidade, nomeadamente no que diz respeito à utilização da ancoragem: “É por referência a experiências e esquemas de pensamento já estabelecidos que um objecto novo pode ser pensado” (Vala, 2004, p. 472); para uma introdução ao estudo das representações sociais, Jodelet (2003).

Sobre as TIPS, em concreto, os inquiridos formaram uma opinião favorável. Embora a versão digital tenha sido preferida, a versão em papel nunca foi rejeitada por completo, reconhecendo-se-lhe ainda um papel a desempenhar.

A reflexão das crianças sobre os materiais (TIPS) apresentados é pobre, pelo que deveremos refrear o optimismo sobre o seu impacto positivo.

Aparentemente, os pais acolheram com interesse as TIPS e insistiram na necessidade de divulgação dos recursos. Naturalmente, este é um problema mais amplo: as TIC poderão contribuir para a superação das barreiras socioculturais e a Internet é, actualmente, um dos eixos principais da divulgação do conhecimento; porém, a Internet exige do utilizador um esforço persistente para encontrar a coerência na multiplicidade ou, pelo menos, para desencantar a informação pertinente por entre os milhares de páginas irrelevantes que aparecem



em cada pesquisa. Uma das mães sugeriu que a droga seria um bom tema a tratar no futuro.

As professoras preocuparam-se em avaliar as TIPS do ponto de vista da eficácia pedagógica: como estavam formuladas, as TIPS não permitiriam ao docente compreender, excepto aquela que abordava a SIDA, se a criança aprendeu ou não. Nesse sentido, o espaço destinado à redacção das conclusões da discussão não bastaria. Mas não esqueceram que estas tarefas promovem o diálogo entre pais e filhos. Mais uma vez, parece verosímil a hipótese de que os moldes de participação dos pais na comunidade escolar ou, mais exactamente, no acompanhamento dos estudos dos filhos, assumam diferentes formas no discurso/pensamento de encarregados de educação e pais.

## 4. Notas finais

Neste capítulo são descritas de forma detalhada algumas reflexões e conclusões, às quais chegámos durante o processo de investigação, bem como, possíveis linhas orientadores para um futuro trabalho.

### 4.1. *Algumas conclusões*

O presente estudo foi realizado na Escola EB1 de Montes Claros de Coimbra, a crianças que frequentam o estabelecimento de ensino, aos seus pais e professores. O objectivo do estudo passava pela criação de materiais (TIPS) que pretendiam ajudar os pais e os professores na forma de abordar temas como a sexualidade e a SIDA, na primeira infância, tentando também, dentro de certos limites, alguma avaliação de impacto.

Dentro dos limites deste estudo e para a nossa amostra, poderemos assumir que o conceito de TIPS é inovador e pertinente. As TIPS que elaborámos foram, de modo geral, bem recebidas. Porém, debatem-se com três dificuldades de natureza diferente.

Em primeiro lugar, as famílias têm ainda alguma dificuldade na abordagem dos temas retratados nas TIPS. É certo que o nosso objectivo consistia precisamente em remediar esse problema. Mas, isoladamente, as TIPS não terão com certeza nenhum efeito milagroso.

Em segundo lugar, pese embora o fascínio que as palavras computador e Internet por vezes parecem provocar, nem todas as famílias e, em abono da verdade, nem todas as escolas, possuem as competências necessárias que garantam o sucesso das TIPS virtuais.

Finalmente, o diálogo entre a escola e a família parece ainda procurar vias mais eficazes. Novamente, se, por um lado, as TIPS poderão oferecer um caminho, por outro, seremos mal sucedidos se basearmos a nossa intervenção apenas nelas.

## **4.2. Autocrítica e reflexões**

Tendo em conta o tipo de assunto a abordar, talvez fosse mais interessante se se utilizasse um grupo de crianças mais velhas.

Para testar se as TIPS neste formato podem ser utilizadas com crianças desta idade, deveria ter-se escolhido um tema que não fosse tão “problemático”, como por exemplo a matemática, estudo do meio ou português.

Criar TIPS não é uma tarefa fácil, (mesmo com ferramentas que facilitem a sua criação). Talvez não seja possível aos professores dedicarem o tempo necessário para as criarem. Seria interessante ir construindo colaborativamente e disponibilizando um conjunto de TIPS para os docentes poderem utilizar.

Os professores já têm no seu dia-a-dia demasiadas tarefas. Tentar que estes façam mais trabalho de modo a envolver os pais nas actividades que são realizadas na escola, é, na maioria dos casos, utópico. Uma das técnicas utilizadas pelos professores para tentar garantir a participação dos pais, é através da sua assinatura nos trabalhos de casa realizados pelos aluno. Não nos parece que seja o método mais eficaz, mas dada a disponibilidade dos professores, parece-nos o possível. Os professores só poderão utilizar TIPS com regularidade, se estas já existirem e possam ser facilmente utilizadas e adaptadas à realidade da sua turma. A utilização das TIPS, neste momento, não nos parece algo de fácil adopção, a não ser que façam parte dos manuais escolares, mudando a perspectiva com que são desenvolvidas.

## **4.3. Autocrítica da usabilidade do site**

O sítio de apoio a este trabalho foi desenvolvido para alojar as TIPS que seriam utilizadas pelos professores, pais e alunos. O aspecto gráfico e algumas funcionalidades foram desenvolvidas dada a idade do público-alvo. Foi utilizada uma letra maior que o normal e cores mais vivas.

A utilização do *plugin* Imagina<sup>39</sup> não comum para a realização das actividades, pode ser uma barreira à sua utilização. Nem todos os utilizadores

---

<sup>39</sup> <http://www.imagina.pt/produtos/imagina/plugin>

estão dispostos a instalar um *plugin* no seu computador. No caso das escolas, o problema pode ser mais grave, uma vez que os utilizadores podem não ter privilégios para poder instalar o *plugin*, limitando logo à partida a utilização das TIPS.

Cada página das TIPS tem uma locução que pretende “amigar” a utilização do sítio, para que uma criança consiga realizar as TIPS sem que seja necessário ler a actividade na totalidade. Mas a locução vai um pouco mais longe que a simples leitura do texto presente na página e pretende estimular a utilização do sítio.

A possibilidade de ouvir/ver um tutor que guia o utilizador nos vários pontos da TIPS, é um ponto forte que poderá facilitar bastante a sua utilização por parte das crianças. No entanto, dado o âmbito do trabalho, não foi escolhida uma voz de um profissional que desse uma entoação mais dinâmica aos textos. Estes aspectos poderiam ser melhorados.

Seria interessante que existisse uma personagem que guiasse o utilizador no sítio, de modo a servir de elo de ligação entre as várias TIPS. Por exemplo, o macaco que se encontra sempre no cimo de cada página, poderia estar em mais locais na página. E se pudesse estar animado, melhor. Seria uma extensão ao sistema actual de tutoria. A introdução deste personagem vem ao encontro de uma das críticas apontadas pelos entrevistados, de que o sítio deveria ter mais interactividade. Um tutor inteligente poderia auxiliar os pais e as crianças de modo a estimular e guiar o diálogo entre eles sobre os assuntos abordados na escola. Sabemos que criar um tutor deste género está completamente fora do âmbito deste trabalho, pois requer conhecimento na área da engenharia informática e do *web design* infantil.

Mas será mesmo possível criar um programa de computador que possa auxiliar os professores, pais e alunos no diálogo de temas como a SIDA, sexualidade e afectos? Achamos que estes temas ainda são constrangedores para os pais e será preciso mais do que uma solução tecnológica, embora a tecnologia possa dar um contributo.

### **4.3.1. Sítio e a Web 2.0**

As grandes potencialidades da Web 2.0 não foram exploradas neste trabalho. A possibilidade do utilizador intervir, modificar e criar elementos no sítio seria uma mais-valia e mais de acordo com as teorias de aprendizagem construtivistas. Ainda que parte do público-alvo sejam crianças muito novas, poderia haver espaço para que estas pudessem colocar alguns conteúdos seus, desenhos ou pequenas frases, resultado das conversas com os pais em casa.

Mas a utilização destas funcionalidades levanta outras questões como a privacidade, algo que de momento preocupa bastante os pais e que deveria ser bem pensado, caso fossem implementadas.

## **4.4. *Projectos Futuros***

Como em qualquer trabalho de investigação, também nós encontramos espaço para poder continuar e desenvolver um trabalho mais consistente, que possa, de facto, avaliar e medir de forma mais eficaz a utilização das TIPS na primeira infância.

Um dos passos seria aumentar o tamanho da nossa amostra e pedir efectivamente aos pais que realizem estas actividades com os filhos e que os professores abordassem em simultâneo os assuntos presentes nas TIPS. Do mesmo modo, seria necessário reformular a entrevista, de forma a obter respostas mais claras e evitar ao máximo as questões ambíguas. Terá então sentido construir um questionário susceptível de ser administrado a um grande grupo.

As TIPS, nomeadamente aquelas que chamam a si assuntos e temas menos abordados pelas instituições que estruturam o quotidiano das crianças e jovens, terão um futuro feliz, na medida em que as integremos num plano concertado e perseverante, no qual têm lugar o acesso à Internet e ao computador, mas também a promoção das competências informáticas. Seríamos ingénuos se assim não pensássemos.

As próprias TIPS poderiam ser mais dinâmicas e interactivas, como já foi acima referido. Apostar numa melhor componente tecnológica e com

características da Web 2.0 poderá ajudar na sua utilização, adopção e crescimento.

Contamos dar seguimento a estas e a outras ideias, porventura integradas numa equipa pluridisciplinar que englobe professores, médicos, psicólogos, informáticos, etc.

Há uma lacuna ou paradoxo no nosso trabalho que devemos assumir: são as famílias mais desestruturadas, porventura mais reactivas ou não abertas a TIPS, que mais carecem de prevenção primária. Este facto multiplica ainda mais as dificuldades em “atingir os alvos”. Mas, com criatividade e persistência, poderemos alcançar resultados, já que os desafios difíceis são também o caminho para um mundo melhor!

## 5. Bibliografia

- Alarcão, M. (2000). *(Des) Equilíbrios Familiares*. Coimbra: Quarteto Editora.
- Almeida, J. F. & Pinto, J. (1982). *Investigação nas Ciências Sociais* (3ªed). Lisboa: Presença.
- Anderson, R. (1984) Health promotion: an overview. *European Monographs in Health Education Research*, vol. 6, p. 1-126.
- Bardin, L. (2004). *Análise de conteúdo* (3ª ed.). Lisboa: Edições 70. (Tradução do original em língua francesa *L'Analyse de Contenu*. Paris: PUF, 1977)
- Bentzen, N., (2003). *WONCA Dictionary of General/Family Practice*. Copenhagen: Maanedskift Lager.
- Bogdan, R. & Bilken, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação, uma Introdução à Teoria e aos Métodos*. Porto: Porto Editora.
- Campos, M. J. (1993). *Actas da 1ª Jornada da Ética - Abraço*. Lisboa: TVM Designers.
- Carmo, H & Ferreira, M. (1998). *Metodologia da Investigação – Guia para Auto-Aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Cnotinfor (2008). *Imagina, Cria e Constrói*. <http://www.imagina.pt/produtos/imagina>.
- Cruz, O (2005). *Parentalidade*. Coimbra: Quarteto.
- CVEDT (2007). *Infecção VIH/SIDA: A situação em Portugal – 30 de Junho de 2007*. Instituto Nacional de Saúde Dr. Ricardo Jorge.
- Derdeyn, A. P. (1976). Child Custody Contests in Historical Perspective, *American Journal of Psychiatry*, Vol. 133, Nº 12
- Dias, P. (2003, Janeiro). *Rede e comunidades de aprendizagem distribuída*. Comunicação apresentada no Evolutic 2003, Beja.
- Duhamel, F. (1995). *La santé et la famille. Une approche systémique en soins infirmiers*. Montreal: Gaëtan Morin.

- Epstein, J. et. al. (2002). *School, Family, and Community Partnerships: Your Handbook for Action* (2<sup>a</sup> ed.) Thousand Oaks: Corwin Press.
- Fuertes, A. & López, F. (1998). *Para comprender la sexualidad*, Editorial Verbo Divino.
- Gameiro, A. (1989). *Manual de Saúde Mental e Psicopatologia*. Lisboa: Edições Salesianas.
- Góngora, J. N. (2002). Familia y enfermedad: Problemas y técnicas de intervención. *Psicológica*, 31, 63-83.
- Grégoire, R., Bracewell, R. & Laferrière, T. (1996). *The contribution of new technologies to learning and teaching in elementary and secondary schools: Documentary Review*. Québec: Laval University and McGill University.
- Grusec, J. E. & Kuczynski, L. (1997). Future directions for a theory of parental socialization. In Grusec, J. E. & Kuczynski, L. *Parenting and children's internalization of values*. New York: John Wiley & Sons, Inc.
- Jodelet, D. (2003). *Les représentations sociales* (7<sup>a</sup> ed.). Paris: PUF.
- Lopes, J. (2006). Professores Envolvendo Pais nos Trabalhos de Casa de Ciências Naturais: Uma Experiência Usando a Web. Mestrado em Educação Multimédia, não publicada, Universidade do Porto, Porto.
- López, F. & Oroz, A. (1999). *Para comprender la vida sexual del adolescente*. Editorial Verbo Divino.
- Mcintyre, T. M. & Vila-Chã, C. (1995). *O sofrimento do doente: leituras multidisciplinares*. Lisboa: Associação Portuguesa de Psicologia.
- McKay, S., Thurlow, C. & Toomey Zimmerman, H. (2005). Wired whizzes or techno-slaves? Young people and their emergent communication technologies. In Williams, A. & Thurlow, C. (eds), *Talking adolescence: Perspectives on communication in the teenage years* (pp. 185-203). New York: Peter Lang.



- Meireles, A. (2006). *Níveis de Prevenção – Conceito e Relação com as Funções do Médico de Saúde Pública*. [http://saudepublica.web.pt/TrabCatarina/PrevencaoNiveis\\_catarina.pdf](http://saudepublica.web.pt/TrabCatarina/PrevencaoNiveis_catarina.pdf)
- Mensah G. A., Dietz W. H., Harris V. B., Henson R., Labarthe D. R., Vinicor F., et al. (2005). *Prevention and control of coronary heart disease and stroke: nomenclature for prevention approaches in public health: a statement for public health practice from the Centers for disease control and Prevention*. *Am J Prev Med* 2005 Dec; 29 (5 Suppl1): 152-7.
- Ministério da Saúde de Portugal. (2005). *Educação Sexual e Reprodutiva*. <http://www.portaldasaude.pt/portal/conteudos/informacoes+uteis/saude+escolar/educacaosexual.htm>.
- Mocho. (2008). <http://www.mocho.pt>.
- Moraes, C. (1997). *Paradigma Educacional Emergente*. Campinas: Papirus.
- O'Reilly, T. (2005). *What is Web 2.0: Design Patterns and Business Models for the Next Generation of Software*. O'Reilly Media. <http://www.oreilly.com/pub/a/oreilly/tim/news/2005/09/30/what-is-web-20.htm>
- Paiva, J. & Gaspar, F. (2005). *Actividades participadas pelos pais na aprendizagem da Química (PAQ)*. *Boletim da Sociedade Portuguesa de Química*. 97.
- Paiva, J. & Paiva J. (2002). *Sexualidade e Afectos*. Lisboa: Plátano Editora.
- Peck, S. M. (2002). *O Caminho Menos Percorrido*. Cascais, Sinais de fogo publicações, Lda.
- Pinto, M. L. (2002). *Práticas educativas numa sociedade global*. Porto: Edições Asa.

- Pollock, S. W. & Thompson, C. L. (1995). The HIV-Infected Child in Therapy. In Franklin, N. B., Steiner, G. L. & Boland, M. G. (127-141). *Children, Families, and HIV/AIDS, Psychosocial and Therapeutic Issues*. New York, Guilford Press.
- Porto Editora. (2008). *Infopédia – Enciclopédia e dicionários*. <http://www.infopedia.pt>
- Relvas, A. P. (1996). *O Ciclo Vital da Família. Perspectiva Sistémica*. Porto: Edições Afrontamento.
- Rolland, J. (1994). *Families, illness, and disability. An integrative model*. New York: Basic Books.
- Sá, E., Lúcio, L, Gaspar, F., Monteiro, C., et. al. (2003). *Quero-te – Psicologia da Sexualidade*. Coimbra: Quarteto Editora
- Sanders, P. & Swinden, L. (1995). *Para me conhecer. Para te conhecer... - Estratégias de educação sexual para o 1º e 2º ciclo do ensino básico*. Lisboa: Associação para o Planeamento Familiar.
- Secretaria-Geral do Ministério da Educação. (1986) *Lei de bases do Sistema Educativo*. [http://www.sg.min-edu.pt/legislacao\\_me.htm](http://www.sg.min-edu.pt/legislacao_me.htm)
- Stein, R. E. & Jessop, D. J. (1982). A noncategorical approach to chronic childhood illness. *Public Health Reports*, 97, 354-362.
- Tonucci, F. (1988). *Com olhos de criança*. Lisboa: Instituto Piaget – Revista aprendizagem/desenvolvimento.
- Vala, J. (2003). A análise de conteúdo. In A. S. Silva, & J. M. Pinto (Orgs.), *Metodologia das ciências sociais* (12ª ed., pp. 101-128). Porto: Edições Afrontamento.
- Vala, J. (2004). Representações sociais e psicologia social do conhecimento quotidiano. In J. Vala, & M. B. Monteiro, *Psicologia social* (6ª ed., pp. 457-502). Lisboa: Calouste Gulbenkian.
- Valentim, J. P. (1997). *Escola, igualdade e diferença*. Porto: Campo das Letras.

- Vivendo a Adolescência. (2005), *Sexualidade nas diferentes fases da vida*.  
[http://www.adolescencia.org.br/portal\\_2005/secoes/saiba/sexualidade\\_  
diversas\\_idades.asp?secao=saiba&tema=sexualidade](http://www.adolescencia.org.br/portal_2005/secoes/saiba/sexualidade_diversas_idades.asp?secao=saiba&tema=sexualidade)
- Waddock, S. (1995). *Not By Schools Alone: Sharing Responsibility for America's School Reform*. New York: Praeger.
- UNAIDS (2006). *Report on the global AIDS epidemic*. Geneva: WHO  
Library Cataloging-in-Publication Data.

## **6. Anexos**

Estes anexos estão disponíveis em CD-ROM e no sítio associado a esta tese, que inclui, também, este documento em formato digital.

<http://www.sirbabyface.net/tips>

**Anexo 1    Inquérito aos alunos**

**Anexo 2    Inquérito aos professores**

**Anexo 3    Inquérito aos encarregados de educação**

**Anexo 4    Transcrição das entrevistas**

Documento com a transcrição completa das entrevistas realizadas aos alunos, encarregados de educação e professores.

**Anexo 5    Versão papel TIPS – SIDA**

**Anexo 6    Versão papel TIPS – Até Nascer**

**Anexo 7    Versão papel TIPS – Diferenças e semelhanças**

## Entrevista

Olá!

Fizemos umas actividades para os Pais e Professores fazerem com os filhos.

Gostaríamos de te mostrar e saber qual a tua opinião. Pode ser?

### ***1. Identificação do Aluno***

1. Sexo

Feminino  Masculino

2. Idade: \_\_\_\_ anos

3. Residência:

Freguesia: \_\_\_\_\_

Concelho: \_\_\_\_\_

4. Qual a tua relação com os computadores

Não utilizas   
Utilizador inexperiente   
Utilizador regular   
Utilizador experiente

5. Tens computador?

Sim  Não

6. Tens Internet em casa

Sim  Não

7. Onde utilizas a Internet

Não utilizas   
Em casa   
Na escola   
Em casa de amigos   
Noutros sítios

8. Quantas horas por semana utilizas a Internet?

- |                 |                          |
|-----------------|--------------------------|
| menos de 1h     | <input type="checkbox"/> |
| entre 1h e 5h   | <input type="checkbox"/> |
| entre 5h e 10h  | <input type="checkbox"/> |
| entre 10h e 20h | <input type="checkbox"/> |
| mais de 20h     | <input type="checkbox"/> |

9. Utilizas a Internet com os teus pais em casa?

Sim  Não

## **II. Relação escola**

10. Acha que a tua escola “fala” com os teus pais? E os teus pais, “falam” com a tua escola?

Sim  Não

Sim, porque?

Não porque?

---

---

---

11. Consideras que deveria haver mais tempos partilhados entre a escola/casa

Sim  Não

Achas que os teus pais e professores devem conversar mais sobre o que tu aprendes na escola?

Se sim, o que poderia ser feito em conjunto

---

---

---

## **III. Relação casa**

12. Os teus pais costumam acompanhar os teus estudos?

Sim  Não

Se sim, de que forma o fazem

Achas que os teus pais deviam “fazer contigo”r trabalhos de casa contigo?

---

---

13. Costumas discutir com os teus pais temas que são ensinados na escola?

Sim  Não

---

---

14. Costumas falar com os teus pais temas como sexualidade, sida, afectos

Sim  Não

15. Porque achas que não são discutidos esses temas em casa

Porque os pais não se sente à vontade

Porque não te sentes à vontade para falares,  
sobre esses temas com os pais

Sentes que os pais têm falta de informação   
sobre estes temas

#### ***IV.Avaliação das TIPS***

16. Já alguma vez tinhas ouvido falar sobre TIPS

Sim  Não

17. Consideras que estas actividades podem trazer aspectos positivos para a tua aprendizagem?

Sim  Não

Se sim, de que forma?

---

---

18. Dos materiais apresentados o que é que te agradou mais e o que menos agradou?

---

19. O que achas que poderia ser melhorado?

---

---

---

20. Das TIPS apresentadas, gostaste mais da versão digital ou da versão papel

Digital  Papel

21. Gostaste mais da versão digital porquê?

---

---

---

---

---

22. Gostaste mais da versão papel porquê?

---

---

---

---

---

23. Sugestões para o futuro



Obrigado pela sua colaboração.

## Entrevista

No âmbito do Mestrado em SIDA, estamos a efectuar um trabalho de investigação que incide na problemática de educar para a sexualidade, articulado a escola e casa, interagindo com pais e filhos.

Com este trabalho pretendemos criar materiais que possam ajudar os professores e os pais a trabalharem com as crianças, apostando na prevenção primária. Gostaríamos de lhe mostrar estes recursos e saber a sua opinião.

### ***I. Identificação do Professor***

1. Sexo

Feminino  Masculino

2. Idade: \_\_\_\_ anos

3. Residência:

Freguesia: \_\_\_\_\_

Concelho: \_\_\_\_\_

4. Habilitações literárias

Bacharelato ou equivalência

Licenciatura

Mestrado

Doutoramento

5. Qual a sua relação com as Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC)/Computador

Não utiliza

Utilizador inexperiente

Utilizador regular

Utilizador experiente

6. Têm computador?

Sim  Não

7. Têm Internet em casa

Sim  Não

8. Onde utiliza a Internet

- |                   |                          |
|-------------------|--------------------------|
| Não utiliza       | <input type="checkbox"/> |
| Em casa           | <input type="checkbox"/> |
| No trabalho       | <input type="checkbox"/> |
| Em casa de amigos | <input type="checkbox"/> |
| Noutros sítios    | <input type="checkbox"/> |

9. Quantas horas por semana utiliza a Internet?

- |                 |                          |
|-----------------|--------------------------|
| menos de 1h     | <input type="checkbox"/> |
| entre 1h e 5h   | <input type="checkbox"/> |
| entre 5h e 10h  | <input type="checkbox"/> |
| entre 10h e 20h | <input type="checkbox"/> |
| mais de 20h     | <input type="checkbox"/> |

## **II. Relação escola**

10. Considera que a relação que se estabelece com a escola/casa, é adequada para os encarregados de educação, perceberem o que o educando aprende?

Sim  Não

Sim, porque?

Não, porque?

---

---

---

11. Considera que deveria haver mais tempos partilhados entre a escola/casa

Sim  Não

Se sim, que poderia ser feito em conjunto.

---

---

---

12. Considera que os encarregados de educação continuam a considerar que apenas a escola é apenas um espaço para deixar os filhos, delegando toda a responsabilidade na escola, no que respeita a aprender?

Sim  Não

Sim, porque?

Não porque?

---

---

---

### **III. Relação casa**

13. Considera que os pais acompanham, em casa, os estudos dos seus educandos?

Sim  Não

Se sim, de que forma acha que o fazem

---

---

14. Considera que em casa são discutidos temas que são abordados na escola?

Sim  Não

15. Considera que os pais abordam com o educando temas como sexualidade, sida, afectos

Sim  Não

16. Considera que os pais não os abordam por:

- Não se sentirem à vontade
- Sentirem que lhe falta alguma informação
- Sentirem que tem bastante informação para abordar essas questões com o seu educando

### **IV. Avaliação das TIPS**

17. Já alguma vez tinha ouvido falar sobre TIPS

Sim  Não

18. Considera que esta forma de interação poderá trazer aspectos positivos para educação das crianças?

Sim  Não

Se sim, de que forma

---

19. Dos materiais apresentados o que é que o agradou mais e o que menos agradou?

---

---

---

---

---

---

---

---

20. O que acha que poderia ser melhorado?

---

---

---

21. Das TIPS apresentadas, gostou mais da versão digital ou da versão papel

Digital  Papel

22. Gostou mais da versão digital porquê?

---

---

---

23. Gostou mais da versão papel porquê?

---

---

---

Obrigado pela sua colaboração.

## Entrevista

No âmbito do Mestrado em SIDA, estamos a efectuar um trabalho de investigação que incide na problemática de educar para a sexualidade, articulado a escola e casa, interagindo com pais e filhos.

Com este trabalho pretendemos criar materiais que possam ajudar os professores e os pais a trabalharem com as crianças, apostando na prevenção primária. Gostaríamos de lhe mostrar estes recursos e saber a sua opinião.

### ***1. Identificação do Encarregado de Educação***

1. Sexo

Feminino  Masculino

2. Idade: \_\_\_\_ anos

3. Residência:

Freguesia: \_\_\_\_\_

Concelho: \_\_\_\_\_

4. Habilitações literárias

Até ao 4º ano   
Até ao 6º ano   
Até ao 9º ano   
Ensino Secundário   
Bacharelato ou equivalência   
Mestrado   
Doutoramento

5. Qual a sua relação com as Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC)/Computador

Não utiliza   
Utilizador inexperiente   
Utilizador regular   
Utilizador experiente

6. Têm computador?

Sim  Não

7. Têm Internet em casa

Sim  Não

8. Onde utiliza a Internet

- Não utiliza
- Em casa
- No trabalho
- Em casa de amigos
- Noutros sítios

9. Quantas horas por semana utiliza a Internet?

- menos de 1h
- entre 1h e 5h
- entre 5h e 10h
- entre 10h e 20h
- mais de 20h

10. Utiliza a Internet com o seu educando, em casa?

Sim  Não

## **II. Relação escola**

11. Considera que a relação que se estabelece com a escola/casa, é adequada para perceber o que o seu educando aprende?

Sim  Não

Sim porque?

Não porque?

---

---

---

12. Considera que deveria haver mais tempos partilhados entre a escola/casa

Sim  Não

Se sim, o que poderia ser feito em conjunto

---

---

---

### **III. Relação casa**

13. Costuma acompanhar os estudos do seu educando?

Sim  Não

Se sim, de que forma o faz

---

---

14. Costuma discutir com o seu educando assuntos relacionados com o que é ensinado na escola?

Sim  Não

---

---

15. Qual a sua relação em abordar com o seu educando temas como sexualidade, sida, afectos

Não se sente à vontade   
Sente que lhe falta alguma informação   
Sente que tem bastante informação para  
abordar essas questões com o seu educando

---

---

---

---

### **IV. Avaliação das TIPS**

16. Já alguma vez tinha ouvido falar sobre TIPS

Sim  Não

17. Considera que esta forma de interação poderá trazer aspectos positivos para educação das crianças?

Sim  Não

Se sim, de que forma o fará?

---



Não, porque?

---

---

18. Dos materiais apresentados o que é que o agradou mais e o que menos agradou?

---

---

---

---

---

---

---

---

19. O que acha que poderia ser melhorado?

---

---

---

20. Das TIPS apresentadas, gostou mais da versão digital ou da versão papel

Digital  Papel

21. Gostou mais da versão digital porquê?

---

---

---

---

---

22. Gostou mais da versão papel porquê?

---

---

Obrigado pela sua colaboração.

## Entrevista Aluno A

### **I. Identificação do Aluno**

1. Sexo

Masculino

2. Idade: 7 anos

3. Residência:

Freguesia: Santo António dos Olivais

Concelho: Coimbra

4. Qual a tua relação com os computadores

Pouca experiência com os computadores. Costumo jogar um jogo para maiores de 12 anos. Que está em Inglês mas ponho aquilo em Espanhol. Eu não percebo nada daquilo e o meu pai diz que jogo aquilo à maluco, mas jogo na mesma.

5. Tens computador?

Sim

6. Tens Internet em casa

Sim. Só que o meu pai tirou.

Então mas agora não usas Internet em casa. Pois agora não uso

7. Onde utilizas a Internet

Não utilizo

8. Passas poucas horas por semana na Internet?

Como não tenho Internet passo poucas horas lá

9. Utilizas a Internet com os teus pais em casa?

Não

### **II. Relação escola**

10. Acha que a tua escola “fala” com os teus pais? E os teus pais, “falam” com a tua escola? Achas que há uma comunicação aberta. Achas que a tua mãe consegue falar abertamente com a tua mãe quando há um problema ou ao contrário

Não. Tenho que levar um recado na caderneta para a minha mãe falar com a professora. E só quando há problemas é que a escola e a mãe é que falam. Ou

quando a minha mãe acha indicado. Só que depois tenho que perguntar à professora quando é que ela está disponível para mim.

11. Achas que a escola/ e a tua família deveriam ter mais tempos partilhados entre a escola/casa estarem mais ligados um com outro. Para saberem aquilo que aprendes na escola e aquilo que te ensinam em casa?

Não Sei

### **III. Relação casa**

12. Os teus pais costumam acompanhar os teus estudos?

Não é bem os pais é mais à Avó.

E como é que a tua Avó te ajuda?

Ajudam-me técnicas para apreender mais rápido.

E que técnicas são essas podes-me dar um exemplo?

Por exemplo passadeira. Nós passamos a passadeira com os dois pés, por isso é que é com dois ss.

13. Tu com os teus pais costumavas conversar aquilo que aprendes na escola?

De vez em quando

14. Costumas falar com os teus pais temas como sexualidade, sida, afectos

Não

15. Porque achas que não são discutidos esses temas em casa

O meu pai tem muitos problemas e a minha mãe. São pessoas muito ocupadas. Têm muitos problemas. As vezes têm que ir trabalhar para o meu computador.

### **IV. Avaliação das TIPS**

16. Já alguma vez tinhas ouvido falar sobre TIPS, sobre estas actividades

Não

17. Achas que estas actividades podem trazer aspectos positivos para a tua aprendizagem?

Sim

Dá-me um exemplo. Disseste que elas eram interessantes, e porque seriam mais interessantes para aprender mais facilmente a matéria que aprendes na escola?

Com a minha avó?

Com a tua avó, com a tua família

Não sei

18. Dos materiais apresentados o que é que te agradou mais e o que menos agradou?

O aluno não respondeu

Foi-lhe colocada a questão de outra forma: Achas que os desenhos são interessantes, achas que os teus amigos iam gostar. Achas que são desenhos adequados para a tua idade.

Sim

Achas que as actividades em papel têm muita informação escrita ou não?

Acho que está bem assim

19. O que achas que poderia ser melhorado das actividades que estão em papel e o que está no computador?

Não sei.

Achas que se podiam falar de outros temas?

Não sei

Achas que deveriam ser feito outro tipo de perguntas?

Não sei

20. Das actividades apresentadas, gostaste mais da versão digital ou da versão papel. Preferias que as actividades fossem feitas só no computador ou só em papel.

Gostava que fossem feitas como estão. Em papel e em computador.

Só em papel também é difícil

21. Sugestões para o futuro

Não sei

## **Entrevista Aluno B**

### ***I. Identificação do Aluno***

1. Sexo

Feminino

2. Idade: 9 anos

3. Residência:

Freguesia:

Concelho: Coimbra

4. Qual a tua relação com os computadores

Uso só as vezes.

5. Tens computador?

Sim

6. Tens Internet em casa

Sim.

7. Onde utilizas a Internet

Em casa

8. Passas poucas horas por semana na Internet?

Só os fins-de-semanas. Menos de 1 hora

9. Utilizas a Internet com os teus pais em casa?

As vezes.

### ***II. Relação escola***

10. Acha que a tua escola “fala” com os teus pais? E os teus pais, “falam” com a tua escola?

Não sei

11. Achas que a escola/ e a tua família deveriam ter mais tempos partilhados entre a escola/casa estarem mais ligados um com outro. Para saberem aquilo que aprendes na escola e aquilo que te ensinam em casa?

Sim.

Porquê?

Porque há coisas que nós damos na escola que em casa são diferentes e os pais dizem outras coisas.

### **III. Relação casa**

12. Os teus pais costumam acompanhar os teus estudos? (De que forma o fazem?)

Sim, quando tenho dificuldades.

Nós temos um programa no computador que é do 4ºano, que é da Porto Editora. Eu vou lá e estudo. E os meus pais estão-me ajudar.

Achas que os teus pais deviam “fazer contigo” os trabalhos de casa?

Não. Só quando tenho dificuldades

13. Tu com os teus pais costumavas conversar aquilo que aprendes na escola?

Alguns. Por exemplo, no estudo do meio, o corpo humano

14. Costumas falar com os teus pais temas como sexualidade, sida, afectos?

Só afectos

15. Porque achas que não são discutidos esses temas em casa?

Eu não nem me lembro de falar sobre isso.

### **IV. Avaliação das TIPS**

16. Já alguma vez tinhas ouvido falar sobre TIPS, sobre estas actividades

Não

17. Achas que estas actividades podem trazer aspectos positivos para a tua aprendizagem?

Acho que sim

Porquê?

Porque ajuda a perceber melhor e a conseguirmos entender as coisas que dá-mos na escola, através do computador ou folhas.

18. Dos materiais apresentados o que é que te agradou mais e o que menos agradou?

O que gostei mais foi daquilo do rapaz e da menina. O corpo humano, as diferenças do menino e da menina.

19. O que achas que poderia ser melhorado das actividades que estão em papel e o que está no computador?

Nada

20. Das actividades apresentadas, gostaste mais da versão digital ou da versão papel. Preferias que as actividades fossem feitas só no computador ou só em papel.

Os dois são importantes.

Porquê?

Porque na internet pode ser mais fácil de transportar e de clicar e fazer essas coisas. Mas o papel também é importante.

Porquê é que o papel também é importante?

Ah, não sei explicar

21. Sugestões para o futuro

Para continuarem bem



## Entrevista Aluno C

### ***I. Identificação do Aluno***

1. Sexo

Masculino

2. Idade: 9 anos

3. Residência:

Freguesia: Sé Nova

Concelho: Coimbra

4. Qual a tua relação com os computadores

Utilizo computador, não para pesquisar, mas para jogar

5. Tens computador?

Sim

6. Tens Internet em casa

Sim.

7. Onde utilizas a Internet

Em casa, na escola, e em casa de amigos

8. Passas poucas horas por semana na Internet?

Para ai 30 minutos

9. Utilizas a Internet com os teus pais em casa?

Não

Porquê?

Porque é para jogar, e já sei os sites que me interessam

### ***II. Relação escola***

10. Acha que a tua escola “fala” com os teus pais? E os teus pais, “falam” com a tua escola?

Nos atendimentos.

11. Achas que a escola/ e a tua família deveriam ter mais tempos partilhados entre a escola/casa estarem mais ligados um com outro. Para saberem aquilo que aprendes na escola e aquilo que te ensinam em casa?

Sim.

Porquê?

Para saberem como é que nos andamos a portar na escola, a atitude e as notas.

### **III. Relação casa**

12. Os teus pais costumam acompanhar os teus estudos? (De que forma o fazem?)

Sim, eles ajudam-me.

Fazem primeiro uma folha de rascunho para depois eu passar

Achas que os teus pais deviam “fazer contigo” os trabalhos de casa?

Não. Eles fazem numa folha à parte de rascunho.

13. Tu com os teus pais costumavas conversar aquilo que aprendes na escola?

Sim. Por exemplo, falo sobre as atitudes, e as notas. Só isso

14. Costumas falar com os teus pais temas como sexualidade, sida, afectos?

Não, não

15. Porque achas que não são discutidos esses temas em casa?

Não me sinto à vontade para falar com os meus pais sobre isto.

Mas porquê? Por alguma razão especial?

Não, só não me sinto à vontade.

### **IV. Avaliação das TIPS**

16. Já alguma vez tinhas ouvido falar sobre TIPS, sobre estas actividades

Sim.

Como? De que forma?

Fui à biblioteca e vi lá um livro sobre isso.

17. Achas que estas actividades podem trazer aspectos positivos para a tua aprendizagem?

Acho que sim

Porquê?

Para se eu quiser ser médico.

Tu queres ser médico?

Não. Há pessoas que dizem que eu tenho mais jeito para ser Engenheiro.

E tu gostavas de ser o quê?

Eu, gostava de ser mágico.

E achas que estás actividades eram capaz de te ajudar? São mais interessantes?

Na magia não.

Mas para aprenderes aquilo que a professora te ensina na escola, achas que são mais fácies para compreender?

Sim

18. Dos materiais apresentados o que é que te agradou mais e o que menos agradou?

O que eu gostei mais foi do macaco.

Não há aspectos negativos.

19. O que achas que poderia ser melhorado das actividades que estão em papel e o que está no computador?

Sim. Acrescentar um boné ao macaco.

20. Das actividades apresentadas, gostaste mais da versão digital ou da versão papel.  
Preferias que as actividades fossem feitas só no computador ou só em papel.

Digital.

Porquê?

Porque gosto das coisas com botões e tal.

21. Sugestões para o futuro

Não me lembro.

## **Entrevista Encarregado de Educação A**

### ***I. Identificação do Encarregado de Educação***

1. Sexo

Feminino

2. Idade: 34 anos

3. Residência:

Freguesia: Santo António dos Olivais

Concelho: Coimbra

4. Habilitações literárias

Licenciatura

5. Qual a sua relação com as Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC)/Computador

Utilizo dia-a- dia. Utilizador experiente

6. Têm computador?

Sim

7. Têm Internet em casa

Sim

8. Onde utiliza a Internet

Em casa e no trabalho

9. Quantas horas por semana utiliza a Internet?

Menos de 1 hora

10. Utiliza a Internet com o seu educando, em casa?

Pouco.

### ***II. Relação escola***

11. Considera que a relação que se estabelece com a escola/casa, é adequada para perceber o que o seu educando aprende?

Não

Não porque?

Não, mas a culpa não é da professora. A culpa é da circunstância. Acho que há pouco espaço para diálogo. Só venho trazer o meu educando de manhã, não comunico com a professora. Não falo por respeito, porque tem mais 23 crianças e depois não torno a vir à escola, é a minha mãe que vem. Notei uma grande diferença do jardim-de-infância para aqui, mas não é culpa da professora, é uma situação circunstancial.

12. Considera que deveria haver mais tempos partilhados entre a escola/casa

Sim. Eu gostava. Pessoalmente gostava

Se sim, o que poderia ser feito em conjunto

A minha opinião pessoal, era a professora ter um bocadinho mais disponibilidade, para receber mais vezes os pais. Os pais podem vir uma vez por mês. Para 24 pais é muito pouco. Nada disto é pessoal contra a professora. Eu gosto imenso dela. Eu sei que há, como é que hei-de dizer... Se o meu filho tivesse problemas ela teria tempo para mim, portanto é bom sinal eu não me poder queixar

### **III. Relação casa**

13. Costuma acompanhar os estudos do seu educando?

Sim, sempre que posso. Normalmente é a minha mãe que faz os trabalhos com ele

Quando o faz, de que forma o faz

Tento deixá-lo ser autónomo, para que faça tudo o que pode sozinho, mas ajudo-o quando ele pede e não me importo que os assuntos por vezes derivem. Não é circunstancial só falar daquilo que ele está a fazer.

14. Costuma discutir com o seu educando assuntos relacionados com o que é ensinado na escola?

Desde que ele os transmita, o que é raro. Existe mais distância, porque ele pede mais ajuda a professora

15. Qual a sua relação em abordar com o seu educando temas como sexualidade, sida, afectos

Não criei muita circunstância ainda, dada à idade para o fazer. Quando surgem questões, tento responder à medida da idade. Acho que relações sexuais, ainda para uma criança, como se forma uma criança, por acaso, peço desculpa, foi das poucas perguntas que vi aqui, e que me assustou, Meu Deus como é que eu vou, pronto, com sete anos estar a abordar esta parte.

Quanto à Sida já não é uma coisa assim tão cedo. Porque o ciclo é um mundo isto aqui ainda é uma aldeiazinha, mas o ciclo para mim já é um mundo. E portanto eles têm que começar a ser preparados. E esta semana proporcionou-se a conversa com a droga e portanto a evolução natural seria também falar disso. Não tanto de transmissão sexual, mas através do dia a dia.

#### **IV. Avaliação das TIPS**

16. Já alguma vez tinha ouvido falar sobre TIPS, este tipo de actividades

Não.

17. Considera que esta forma de interação poderá trazer aspectos positivos para educação das crianças?

Sim

Se sim, de que forma o fará?

Acho que é uma forma engraçada, desde de que adaptada à idade delas e não, peço desculpa, aos interesses dos senhores, é uma forma engraçada.

Gostei do aspecto disto. E logo que posso faço isto com ele.

18. Dos materiais apresentados o que é que o agradou mais e o que menos agradou?

As TIPS das diferenças e semelhanças achei mais engraçado e o até nascer, porque são assuntos engraçados que eles já conhecem. Esta parte da Sida, fiquei assim mais afilita. E no Nascer fiquei com o diálogo, como se forma a criança, como é que se forma o bebé assustou-me mais bocadinho, e a parte das relações sexuais ainda me. Assusta-me porque uma coisa é explicar-lhe a ele, outra coisa é ele vir transmitir cá para fora, e dar-lhe a noção de que não é segredo mas que não é para falar.

19. O que acha que poderia ser melhorado? Temas, perguntas, outro tipo de temas

Acho que desde que nós tenhamos conhecimento, se eu hoje não tivesse vindo aqui à entrevista não teria conhecimento sobre isto. Não ando a procurar questionários de crianças nesta área, mas acho que desde que tivesse conhecimento, temas como a droga.

20. Das TIPS apresentadas, gostou mais da versão digital ou da versão papel  
(Durante a entrevista não foi possível ver os jogos que estavam na página Web)

Acho que a maneira como foi apresentada aqui, não mostra o verdadeiro potencial, e portanto gostei mais do papel, mas acho que é pela circunstância. Quando fosse para fazer. Acho que a internet torna-se mais apelativa para as crianças

Sugestões para o futuro.

Aqui na escola foi divulgada uma revista chamada o nosso amiguinho, é adaptada à idade das crianças, podia ser um sítio engraçado em que as crianças ou os pais liam, e era uma maneira, os senhores tivessem respostas aos questionários, desde que nos dessem para nós respondermos, pondo lá o link ou assim, seria uma forma engraçada.

## **Entrevista Encarregado de Educação B**

### ***I. Identificação do Encarregado de Educação***

1. Sexo

Feminino

2. Idade: 37 anos

3. Residência:

Freguesia:

Concelho: Coimbra

4. Habilitações literárias

Licenciatura

5. Qual a sua relação com as Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC)/Computador

Trabalho com ela. Utilizador regular

6. Têm computador?

Sim

7. Têm Internet em casa

Sim

8. Onde utiliza a Internet

Em casa e no trabalho

9. Quantas horas por semana utiliza a Internet?

Depende do que tenho que fazer, mas mais de uma hora seguramente. Entre 1h00 a 5h00

10. Utiliza a Internet com o seu educando, em casa?

Sim

### ***II. Relação escola***

11. Considera que a relação que se estabelece com a escola/casa, é adequada para perceber o que o seu educando aprende?

Considero.

Porque?

Porque normalmente falo com os professores, e vejo o que ela faz, vou vendo os trabalhos de casa, vou vendo os livros. Portanto sei mais ou menos o que se passa na escola e o que é dado na escola.

12. Considera que deveria haver mais tempos partilhados entre a escola/casa? (Se sim, o que poderia ser feito em conjunto)

Eu acho que isso é uma grande utopia. Eu acho que sim, mas não há tempo. E não há tempo e eu falo por mim.

### **III. Relação casa**

13. Costuma acompanhar os estudos do seu educando?

Costumo

Quando o faz, de que forma o faz

Além de ver aquilo que ela vai fazendo ao longo da semana, todos os dias vejo o que ela vai fazendo. Vou ajudando em tudo aquilo que ela precisa e pergunta daquilo em que ela tem mais dúvidas e menos dúvidas, tanto eu como o meu marido. Ela própria puxa, quando é da parte da língua portuguesa ela vai à mãe e quando é da parte de matemática vai ao pai. Vai-se vendo todos os dias um pouquinho.

14. Costuma discutir com o seu educando assuntos relacionados com o que é ensinado na escola?

Exacto. Ainda ontem ou anteontem, o meu filho está no primeiro ano, e estava a escrever têm, e por vezes nós temos brancas, e eu estava a dizer com é que se escrevia, e ela dizia: oh mãe não é nada assim. E depois eu disse tens razão. Já ela também começa a ensinar.

15. Qual a sua relação em abordar com o seu educando temas como sexualidade, sida, afectos

Não sinto dificuldade em falar com ela. Eu acho que as vezes ela tem vergonha em perguntar. Não me parece que tenha muito mas às vezes poderá ter, não tinha mas vai começando a ter com a idade. Alturas em que uma pessoa fiquem sem saber o que responder, de uma forma simples, rápida e que eles entendem e sem se estar com grandes coisas. Eu nunca me esqueço dela, quando estávamos no carro, e ela devia ter pra ai 5 anitos, estava-me a falar de beijos e de relações sexuais, e eu disse o filha mas quando tu quiseres podes falar com a mamã à vontade. Ai é ? Então diz-me lá o que é sexualidade. E eu fiquei a pensar o que é que eu lhe vou responder a isto, porque ela tinha 5 anos. Mas não é que tenha dificuldade em... Ou tento não ter. Porque tive do lado contrário, e portanto sei o que isso é.



#### **IV. Avaliação das TIPS**

16. Já alguma vez tinha ouvido falar sobre TIPS, este tipo de actividades

Não.

17. Considera que esta forma de interacção poderá trazer aspectos positivos para educação das crianças?

Pode ser que sim. Apesar de que eu acho que vai ser limitativa nas matérias abordar. Eu não estou a ver que seja fácil a uma matemática e a uma língua portuguesa isto ser aplicado. É mais fácil nestas matérias, em que envolve....No primeiro ciclo acho que vai ser um bocado limitativa ao estudo do meio.

18. Dos materiais apresentados o que é que o agradou mais e o que menos agradou?

Honestamente. Eu diria que gosto muito mais o papel. Adoro ver as coisas no papel. Até porque apesar de trabalhar com o computador, eu imprimo e leio tudo aquilo que fiz, e corrijo no papel.

Eu prefiro o papel, mas acredito que há quem não goste.

19. O que acha que poderia ser melhorado? Temas, perguntas, outro tipo de temas

Não sei, rapidamente também não sei o que lhe dizer

20. Das TIPS apresentadas, gostou mais da versão digital ou da versão papel  
(Durante a entrevista não foi possível ver os jogos que estavam na página Web)

Respondeu na pergunta 18

## **Entrevista Encarregado de Educação C**

### ***1. Identificação do Encarregado de Educação***

1. Sexo

Feminino

2. Idade: 35 anos

3. Residência:

Freguesia: Sé Nova

Concelho: Coimbra

4. Habilitações literárias

Ensino Secundário

5. Qual a sua relação com as Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC)/Computador

Utilizador regular. Porque no meu trabalho é tudo computadorizado. Seja horários dos alunos e dos professores, aquilo é tudo por computador. As coisas básicas sei.

6. Têm computador?

Sim

7. Têm Internet em casa

Sim

8. Onde utiliza a Internet

Em casa

9. Quantas horas por semana utiliza a Internet?

Eu mais ou menos durante uma semana 1h00 Assim todos os dias um bocadinho vou ver alguma coisa.

10. Utiliza a Internet com o seu educando, em casa?

Sim.

Se não for eu que esteja ao pé dele, é a irmã que está com ele

## **II. Relação escola**

11. Considera que a relação que se estabelece com a escola/casa, é adequada para perceber o que o seu educando aprende?

Penso que sim.

Porque?

Desde que ele tem esta professora tem sido, enfim, não tenho palavras adjetivos para qualificar a professora. Mas é à custa desta professora que temos tido um bom relacionamento, e uma boa comunicação. Qualquer coisa que aja estou à vontade, e a qualquer hora estamos à vontade, apenas temos que avisar, e vimos cá.

12. Considera que deveria haver mais tempos partilhados entre a escola/casa? (Se sim, o que poderia ser feito em conjunto)

Sim. Eu acho é que poderia existir um gabinete, para fazerem um tipo de horário, e naquele dia e naquela hora haver uma comunicação entre os pais e os professores.

## **III. Relação casa**

13. Costuma acompanhar os estudos do seu educando?

Sempre

Quando o faz, de que forma o faz

Todos os dias faço os trabalhos de casa ou com ele ou quando ele está assim mais aborrecido, eu deixo fazer sozinho e depois vou corrigir

14. Costuma discutir com o seu educando assuntos relacionados com o que é ensinado na escola?

Sim. Desde do ano passado. Quando a professora falou com eles sobre o homem e a mulher, as relações sexuais. E ele as vezes pergunta-me certas coisas, mas eu não lhe minto, eu digo-lhe a verdade

15. Qual a sua relação em abordar com o seu educando temas como sexualidade, sida, afectos

Sim, não tenho problema nenhum. À vontade. Sem tabus, como se costuma dizer.

## **IV. Avaliação das TIPS**

16. Já alguma vez tinha ouvido falar sobre TIPS, este tipo de actividades

Não.

17. Considera que esta forma de interacção poderá trazer aspectos positivos para educação das crianças?

Eu acho que é muito positivo, principalmente, como é que eu hei-de dizer... Tem coisas que chama atenção da criança. E que não a choca, eu acho é que as motiva mais. E principalmente nesta faixa etária, que eu acho que é fundamental.

18. Dos materiais apresentados o que é que o agradou mais e o que menos agradou?

Muito sinceramente não houve nada que não me agradasse. Acho que foi um impacto feliz.

Gostei imenso como está apresentado. Acho que foram felizes na escolha.

Não tenho aspectos negativos apresentar.

19. O que acha que poderia ser melhorado? Temas, perguntas, outro tipo de temas

Não. O que eu acho é assim, eu própria como trabalho num a escola, o que eu acho é que estes temas, como outros, são muito pouco projectados nas escolas, muito pouco. É assim, não... e depois não é só isso, as crianças quando chegam a uma certa idade, depois têm uma ideia errada. Penso que por nós darmos um beijo a uma pessoa que está com SIDA, ou por exemplo beber do mesmo copo, contraímos a doença, e não é isso. Por isso é que eu digo isto, convém ser nesta idade que é para não haver discriminação, porque é aquilo que as pessoas fazem. Mas não é só na Sida, infelizmente é a vários níveis.

20. Das TIPS apresentadas, gostou mais da versão digital ou da versão papel  
(Durante a entrevista não foi possível ver os jogos que estavam na página Web)

Digital. Porque é mais motivador eles andarem a mexer nos botões. E se eles errarem, o jogo dá um apito. Eu acho que isso os motiva.

O papel é mais cansativo. É um alívio para eles não escreverem.

Sugestões para o futuro?

Aquilo que eu gostaria de deixar para sugestão, foi aquilo que eu fui dizendo ao longo da entrevista. Deveria ser muito mais divulgado nas escolas, principalmente. E principalmente neste meninos pequeninos, porque ainda não têm aquela maldade, ainda não têm aquela coisa de discriminar.

## **Entrevista Professor A**

### ***I. Identificação do Professor***

1. Sexo

Feminino

2. Idade: 26 anos

3. Residência:

Freguesia: Santo António dos Olivais

Concelho: Coimbra

4. Habilitações literárias

Mestrado

5. Qual a sua relação com as Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC)/Computador

Utilizo. Não gosto de dizer que sou experiente, porque há tanta coisa para aprender, faço uma utilização minimamente informada, acho que é regular. Acho que o experiente é um bocado inimigo de nós progredirmos, para fazermos bastantes coisas. Sou um utilizador regular

6. Têm computador?

Sim

7. Têm Internet em casa

Sim

8. Onde utiliza a Internet

Em casa, no trabalho, noutros sítios

9. Quantas horas por semana utiliza a Internet?

Normalmente não contabilizo. Depende, se por exemplo for uma actividade para um aluno, utilizo se calhar entre 1h00 a 1h30 diária. mas existem semanas em que isso não é utilizado como estratégia. Entre 1horas a 5horas, a exceder isto também não, não sou uma viciada a tempo inteiro no computador.

### ***II. Relação escola***

10. Considera que a relação que se estabelece com a escola/casa, é adequada para os encarregados de educação, perceberem o que o educando aprende?

Acho que é insuficiente.

Porque?

É insuficiente de acordo com as orientações que são dadas querem em termos das instituições e do funcionamento interno delas e quer um pouco em termos das directrizes que há superiores, em termos da tutela. Eu por exemplo com a minha turma tenho um acompanhamento por parte dos pais, daquilo que eu vou fazendo e das actividades que vão decorrendo, muito grande. Promovo isso, acho que tenho uma mais-valia pelo facto de ser jovem, de ter um certo dinamismo, de me envolver em projectos, de prestar e explicar e dar a conhecer aos pais dos meus alunos sejam eles de qualquer tipologia tento fazer isso sempre, faço uma série de reuniões suplementares, para além daquelas que estão estabelecidas e que são o mínimo exigidas em termos de agrupamento e de estabelecimento em si. Mas depois também não sobra muito tempo para ir além disso, o drama um pouco dos professores, dos alunos e até dos pais é o factor tempo. Portanto é abdicando da minha vida pessoal e fazendo com que os pais abdicuem também um pouco daquilo que é a estabilidade após seis da tarde, por exemplo, de irem para casa e estarem com os miúdos para virem à escola. Os pais trabalham, os professores durante o dia estão ocupados, e é um pouco complicado a gestão de tempo.

No meu caso específico, eu tenho muita de desenvolvimento e sinto e faço muito por ele, e invisto no trabalho nessa parte. Em termos das escolas o funcionamento acho que é insuficiente. Acho que se fizessemos agora uma estatística, de perguntar a queima roupa qual é a matéria que o seu filho está a dar, o que é que vem a seguir, poucos pais saberão. Poderíamos fazer isso ao portão, e eu acho que ficaria muito aquém daquilo de que seria a expectativa e o resultado ideal. É esta a minha opinião.

11. Considera que deveria haver mais tempos partilhados entre a escola/casa

Mais tempos partilhados, sem dúvida. Aliás, eu instaurei aqui uma certa revolução, no início da minha actividade aqui como professora, eu estou cá desde o ano passado nesta escola em particular, foi o facto de ter a minha porta aberta e dizer abertamente aos pais que, a escola para mim é de todos, sobretudo dos alunos e até dos pais, porque a educação primária são os pais que dão aos alunos, portanto toda a formação intelectual com que a criança chega à escola, e até a capacidade de se ter que adaptar a um trabalho dos pais. Portanto eu dou continuidade a esse trabalho, e dou o meu contributo da melhor forma. E então abri a minha sala de aula para que os pais pudessem vir assistir quando quisessem. Porque as vezes, esporadicamente, tenho pais que trabalham por turnos para que isso fosse possível para virem, e de facto nalguns momentos vieram, e há coisas que eu acho que os pais nem supõem que acontecem, há respostas que eles nem supõem que as crianças possam dar, ou o conhecimento que as crianças têm até os surpreende em determinados momentos, e que eles não têm tempo para apreciar isso, e é mau, falta o acto educativo, a parte em que os pais possam apreciar um bocado aquilo que é o decorrer, em contexto mesmo da escola daquilo que acontecesse com os filhos. E pronto e fiz isso, é uma experiência engraçada, e tenho alguns alunos com dificuldades, que alguns pais vem e cooperam um pouco comigo, ou uma actividade que vêm a nível de um outro irmão, e é mais lúdico e estou mais com esses alunos, porque de facto não há recursos, não há professores de apoio, cada vez estão a escassear mais. Não há por exemplo psicólogos, quer dizer há tanta gente formada e depois não temos. Eu por exemplo, tenho aqui meninas que precisavam de acompanhamento, tenho um

problema de dislexia, tenho alguns problemas familiares graves, e depois há falta de técnicos experientes e com conhecimento em determinada área para ajudar essas crianças. E portanto o professor é que tem que assumir um bocado o papel de tudo e pronto vamos fazendo aquilo que conseguimos, que é o meu caso.

Isso foi algumas das estratégias que adoptou para fazerem coisas em conjunto?

Exactamente. Pronto, essa é uma das estratégias. Neste caso é para colmatar um pouco as dificuldades que eu sinto de aprendizagem de pelo menos 2 alunos. Eu tenho uma turma ótima, eu tenho 24 e 2 têm dificuldades. E foi uma forma estratégia que eu encontrei, porque sem ter apoio de ninguém também é complicado haver uma divisão e de facto eu não posso abandonar os alunos que têm dificuldades e que têm o seu ritmo e que levam o seu tempo apreender determinado conteúdo, da mesma forma que também não posso negligenciar aquilo que é ser do conhecimento de aprendizagem de um grande grupo. Pronto esta foi uma estratégia.

Mas depois envolvemo-nos em muitos projectos, até exteriores à escola. Este ano tivemos um projecto que é participar com um Teatro, num programa Nacional de interculturalidade, e portanto a apresentação do Teatro vai ser em Abril, e também é um momento em que trabalhamos com as crianças e fazemos uma sensibilização em comum, muito dentro do tema de interculturalidade e das raças, que é o tema da área do projecto aglutinador, em que participaremos num programa de televisão, e os pais mobilizam-se, lá está eu preciso de, vamos lá, de incomodar, entre aspas, a estabilidade que os pais têm com os miúdos em casa e de os trazer muitas vezes à escola. Também é certo que há sempre uma massa de pais que acham estas ideias positivas, mas é sempre oferecida resistência por um grupo, porque nem todos interpretam as coisas a da mesma maneira, aí é tanta coisa e a escola já dá tanto trabalho e os trabalhos de casa, o acompanhamento dos miúdos e as avaliações. Também tenho pais que ainda não vieram buscar as avaliações dos seus próprios filhos, pronto, aí é o afastamento extremo, não há ideais. Mas ainda assim, a percentagem da minha turma é muito positiva, e o envolvimento e a vinda deles à escola é, se bem que é sobretudo as vezes uma imposição e uma solicitação minha, é provável.

12. Considera que os encarregados de educação continuam a considerar que apenas a escola é apenas um espaço para deixar os filhos, delegando toda a responsabilidade na escola, no que respeita a aprender?

Infelizmente é. Eu acredito e nesta escola, já trabalhei noutras zonas, embora não tenha muita experiência profissional, pelo menos aquilo que se passou comigo à seis anos, dita que esta escola, este sítio, Montes Claros foi o sítio onde eu encontrei mais pessoas que não pensam assim. De facto a escola não é um sítio para deixar as crianças e pronto as coisas vão seguindo o seu rumo, a criança vai aprendendo e não preciso de me meter muito no assunto. Esta não é a postura da maioria dos pais. Se bem que há sempre a excepção à regra, e em cada turma há um grupinho de 4 ou 5 alunos em que isso acontece e que a escola é assim uma forma de despejar a criança o mais cedo possível e de vir buscar o mais tarde. Depende de muitos factores, que eu não entro na dinâmica familiar de cada um, mas o motivo factor tempo, o factor de dar prioridade à carreira profissional, e não terem tempo de facto de se ocuparem dos miúdos, e depois isso reflecte-se muito nas aprendizagens, e na própria motivação, as crianças sentem isso, e está muito associada ao factor dificuldade aprendizagem. As crianças que sofrem mais as consequências desta atitude por parte

dos pais e tanta agitação, são aquelas que estão associadas a maiores dificuldades de aprendizagem e uma instabilidade enorme, acho que é mais o factor desconcentração e motivação do que a própria dificuldade. Porque depois a dificuldade nem se consegue diagnosticar, se houver um ambiente calmo tranquilo, as vezes a própria criança desenvolve processo para trazer o pai ou a mãe à escola, ou está sistematicamente doente, ou sente-se muito mal, ou faz uma tropelia muito no grave intervalo, alguma questão disciplinar para de facto alguém sentir afinal eu tenho que lá ir tratar do assunto, e é uma chamada de atenção que, os próprios miúdos mesmo pequenos as próprias crianças desenvolvem.

### **III. Relação casa**

13. Considera que os pais acompanham, em casa, os estudos dos seus educandos?  
De que forma o fazem.

Alguns. Estes alguns, a meu ver, tem aspectos positivos e negativos. Uma criança em que os pais o acompanham muito de perto, tem uma mais valia, no fundo tenta cooperar e alargar um bocadinho aquilo que é o trabalho do professor na sala de aula, tenta ajudar a criança, esta abranger cada vez, se calhar um grau de dificuldade diferente fase a cada matéria que é tratada, incute muito no aluno, e sinto muito isso em alguns alunos meus, aquele carácter de exploração de assuntos, olha vamos pesquisar sobre isto, vamos ver alguma coisa relacionado com o que tu aprendeste, olha alguma coisa que pró ano já vais falar. Porque há assuntos que despertam mais curiosidade nos alunos.

Também tem factores menos bons, quando o acompanhamento as vezes é em demasia, é criar segurança no aluno de que : eu não preciso de me esforçar porque sei que tenho aqui um braço amigo ao lado que me ajuda, me faz e me orienta. Portanto aquela questão da autonomia que a criança tem que criar nos primeiros anos de escolaridade também é bom que ele entenda, ou que sobretudo os pais se preocupem em criar motivação para aprender, utilidade naquilo que aprendem as crianças na escola. Isso é que é importante os pais trabalharem. É eu não tenho que aprender a ler porque tenho, é eu vou aprender a ler. E onde é que vais aplicar a leitura? Assim já tens em casa um livro, já consegues ler, já consegues ir à Internet, já consegues ver televisão, ver as legendas de um filme.

Portanto no fundo sensibiliza-los para um conjunto de aspectos, e eu acho que este deverá ser o cuidado maior por parte de quem quer dar essa ajuda. Ajuda preciosa a esse nível. Não é propriamente fazer a tarefa, porque depois caímos no ridículo, existem pais que metem uma folhinha ao lado com as tarefas feitas, podem ser 2 algoritmos, podem ir buscar um assunto à internet e nem deixam a criança escrever a palavrinha no Google, já me tem acontecido, e depois os miúdos dizem isso. Imagine, estudar as plantas. Então vamos ver os constituintes de uma planta. Quem quiser pesquisar alguma coisa e uma das formas de pesquisa, e já vulgarizada nos miúdos, é a internet. O Google toda a gente conhece e os miúdos vão. Mas depois ficam tristes : ah eu queria pesquisar, queria lá escrever constituintes da planta, mas o meu pai nem me deu tempo. E pronto lá está a questão do tempo, e o fazer tudo. O mais importante se calhar ali até era escrever as duas palavras, e aquele deslumbre de aparecer a informação. Portanto tento fazer uma reflexão em torno desta forma desta ajuda que é dada dos pais e do envolvimento deles, tem que ser um meio termo assim equilibrado, e sobretudo consciente daquilo que se está a fazer.



14. Considera que em casa são discutidos temas que são abordados na escola?

São, alguns deles são. São.

15. Considera que os pais abordam com o educando temas como sexualidade, sida, afectos

Acho que são muito melindrados fase ao assunto. Não é uma inibição, não é um factor tabu. É um bocadinho às vezes terem dificuldade em criar uma estratégia para abordagem desses assuntos, porque a criança tem uma forma de ir compreendendo e entendendo a realidade que o envolve de uma forma muito peculiar. E é preciso ter alguma calma, é vocabulário que se utiliza, depende da idade das crianças, depende da maturidade que eles tenham, há crianças que nós começamos a tentar abordar um assunto associado a este tema que riem a gargalhada, há outros que ficam muito interessados, alguns que até já sabem algumas coisas, que dizem com algum pudor, mas que até têm um bocado de receio e admitem, eu não sei se deva dizer, mas mostram já muito maduros e querem saber mais, e outros que brincam com a situação.

Acho que os pais têm algum medo, algum receio, e o eu sinto, por exemplo, já tem acontecido, há assuntos que nem são delicados, coisas simples, com a maternidade, o desenvolvimento de um bebé, afinal de onde vêm os bebés, isso no estudo do meio começa logo a surgir desde o primeiro ano de escolaridade. E há muitas crianças que chegam aqui e vêm dos infantários, os bebés são as cegonhas que trazem. E depois entretanto começam a ver que de facto as imagens que aparecem no livro já é do bebé na barriga da mãe, então mas se é da cegonha como é que está na barriga. Mas depois também sentem que desde de pequeninos também já viram muita gente de barriga bastante grande, e portanto aquilo é um facto para eles verídico.

E estas questões, eu acho que é sobretudo algum receio e falta de terem encontrado uma estratégia. Tentam-se socorrer.

A mim, por exemplo, já me pressionaram várias vezes, em relação aos bebés, mas como é que eu explico, como é que eu falo, introduzo logo assim um termo muito específico, uma realidade muito crua, mas não posso fazer isso, porque no infantário não foi bem isso. E depois há aqueles questões, e depois o meu filho até vai à catequese, e é um tema que na catequese ainda é outra forma de ser abordado. E portanto as coisas ficam assim numa mistura complicada. Quer dizer eu também não tenho a receita ideal, longe de mim. Às vezes dou aconselhamento sobre algum livro que posso considerar muito engraçado, ou de um vídeo, ou de algum material que eu conheça. E pronto vou sensibilizando, mas é uma curiosidade muito grande, os miúdos têm mais a vontade, eu acho, de falarem desses assuntos na escola no que em casa, porque entendem que correndo o risco, aqui correm mas a professora fica na escola, até com um bocadinho de sorte não se cruza com os pais ou com o encarregado de educação todos os dias, e aquilo fica em sigilo. Alguns pedem sigilo. Por exemplo eu tenho alunos, muito engraçados que me fazem perguntas fantásticas, por exemplo, em torno da sexualidade: eu sei o meu pai diz-me, o meu pai até é médico, e diz-me por exemplo que os bebés vêm da cegonha. Eu sei muito bem que vem de uma sementinha, e que está no pai e outra na mãe, e pronto eles têm que dormir na mesma cama.

Os miúdos fogem aos termos, mas no fundo os processos já têm muito incutidos, depois até me disse mais: vi uns comprimidos muito pequeninos, e perguntei à minha mãe, porque pensei que ela estava doente. E depois ela disse-me que era para não ter bebés. Ai está têm alguma coisa a ver com as sementes.

Pronto os miúdos são muito pitorescos, fazem uma associação entre as coisas enorme e chegam lá muito rapidamente. Portanto eu acho que com alguma calma dá para explicar bem tudo. Eu sou muito aberta, e eles fazem-me muitas perguntas, e as vezes ficam escandalizados: oh professora também tomas desses comprimidos? Fazem perguntas às vezes até um bocado íntimas. Eu não tenho receio nenhum em responder, e tento chamar as coisas pelo nome, é uma pílula, de facto é para evitar as pessoas, e neste caso as meninas, porque só as meninas é que têm bebés, só elas é que têm capacidade, têm um ovozinho que permite que a barriga cresça, os homens não.

E pronto e vou tentando levar as coisas com alguma calma, mas muito dentro da realidade. O meu âmbito de trabalho é muito esse. Eu não gosto de iludir as crianças nem ninguém, aliás se a educação fosse toda as luzes as coisas eram mais fáceis. Eu acho por exemplo que em torno dos afectos, da sexualidade. Mesmo na adolescência há grandes problemas, porque de facto na base de formação das crianças, mesmo quando são crianças, os assuntos não são trabalhados como deve ser, as coisas não são chamadas pelos nomes, e depois as coisas acontecem.

Eu acho que não há problema nenhum, por exemplo, tenho alunos do 2º ano, é uma abordagem que faço cuidadosamente, tento sondar um pouco a disponibilidade dos pais, porque isto pode entrar aqui num choque, eu sou muito jovem, por exemplo, depois até tenho uma madeixa azul, todos estes critérios entram numa escola, são factores de ordem social, e portanto também não posso ser a professora extravagante, porque é jovem, porque é muito inovadora e vai dizendo tudo de uma vez, não é com calma. Por exemplo, comecei a trabalhar um bocadinho mais a parte da área de projecto, falava muito das raças, depois calmamente até já falamos na questão dos bebés, começa aparecer, os adolescentes, sistema reprodutor, donde é que eles vem, não vem, e com calma sondei, posso avançar ou não, as barrigas, não são as tais cegonhas que trazem. Vou sondando também um pouco a opinião dos pais. Não tendo no entanto medo, e não regendo a minha actuação de acordo com aquilo que é a vontade ou aquilo que acham ideal. Pronto tento sensibilizá-los e dizer que de facto que tratarei este assunto e aquele, que utilizei determinado material e que se eles quiserem consultar. Alguns consultam, outros até compram alguns livro que eu falo, por exemplo. Mas na minha actuação sou eu que no fundo a vou dirigindo e que determino aquilo que eu acho mais adequado. Nunca num conformismo total que pode ser o grande choque para um encarregado de educação, que eu sei que para alguns é, e sei que para alguns podem não achar correcto, mas eu entendo que futuramente é o melhor para eles. E pronto vou actuando assim.

16. Considera que os pais não os abordam por:

(Esta pergunta foi respondida na pergunta 15)

#### **IV. Avaliação das TIPS**

17. Já alguma vez tinha ouvido falar sobre TIPS

Para mim TIPS, confesso que eram dicas, nem fui ver ao dicionário.

Eu em relação, sendo-me dada um TIPS e não sendo dado como a indicação, olhe isto são as siglas de alguma coisa, de facto francamente desconhecia. Depois puxando e pensando isto são siglas e aí com alguma indução da minha parte lá cheguei.

Mas não de todo e sendo dado assim de repente não, não tinha conhecimento

18. Considera que esta forma de interacção poderá trazer aspectos positivos para educação das crianças? (De que forma)

Aí sem dúvida. Sou uma defensora delas. Aliás eu, de forma diferente, e lá está não foi tanto, e não desenvolvi o estudo tanto deste âmbito, também já produzi algum material, mas material mais na área das artes. Eu acho fundamental para as crianças manipularem e terem uma forma de aprenderem conteúdos, por exemplo conteúdos de geometria, cálculos de áreas, de perímetros, de conceitos da matemática. Há muito material interessante, que de facto se tiverem e se for manipulado pelas crianças em casa na escola é muito útil. E pronto e tudo o que está no mundo da Web no grande universo seria óptimo. Aliás seria uma óptima estratégia, e isso seria a verdadeira reforma do ensino, era de facto haver assim um trabalho que seria demorado mas cuidado e de estabelecermos de facto directrizes para que as coisas evoluíssem para a modernidade, pode assim dizer-se. Porque de facto eu sou obrigada neste momento a trabalhar com manuais que para mim são completamente obsoletos, e que não esclarecem minimamente os alunos, e que não fazem a mínima falta na sala de aula e que lá está, é o regime que me impõem que eu tenho que obrigatoriamente de assumir a adopção daquele manual e de o trabalhar, porque os pais adquirem os materiais, não há nada que me permita dizer, eu de todo não quero e não vou nunca pegar no manual, pronto é o que eu faço quase sempre, porque não é bom, mas seria óptimo, se houvesse assim esta modalidade das TIPS para fazermos assim uma exploração não só de assuntos delicados, mas que facilita muito, porque os assuntos mais delicados teriam uma forma e uma estratégia engraçada para pais e professores conseguirem assim terem um diálogo muito porreiro, a conseguir levar a coisa a bom porto, acho que era interessante.

19. Dos materiais apresentados o que é que o agradou mais e o que menos agradou?

É sempre complicado tentar fazer assim a avaliação de um material. Eu nem sequer pensei ainda muito bem sobre o assunto.

Acho sempre, por exemplo, eu sou bastante da opinião, e embora também tenha assim alguma associação aos computadores, sou sempre um bocadinho defensora de que este tipo de material é importante que, depois acha sempre a possibilidade de se for necessário estar materializado em papel, porque eu continuo achar que versatilidade do papel também é útil e pronto depende da faixa etária. Mas por exemplo com crianças alunos do 5º 6º ano acho importante ainda haver assim uma coisa em papel. E de facto acho que o papel não anula a utilização do computador, como o computador não anulará o papel. Portanto o facto de haver a possibilidade

de ter acesso ou de um meio ou de outro é importante, é um factor positivo. Acho que na sua aplicação e a experienciar todo este tipo de material é uma boa estratégia, se calhar sempre um pouco das duas modalidades. E depois o aluno, ou a pessoa até ter em papel, acho que é depurado de informação, tem uma organização sequencial depurada simples, com uma letra adequada, esteticamente funciona, não é sobrecarregado, não é assustador, cheia de imagens muito engraçadas, com uma ilustração simples e muito eficiente para o objectivo que se pretende, minimamente comprido com a exploração do material. E estes são os aspectos positivos.

Negativos, lá está talvez experienciando isto com um grande grupo de alunos, fosse mais fácil depois enumerar : olha não foi muito perceptível isto, de facto tempos que melhorar este aspecto ou aquele, porque as crianças não entendem.

Assim quer dizer, depois apresenta algumas questões que são para reflectir, não sei se seria uma mais-valia ou se iria complicar, aparecer frases para preencher logo opinião, frases para preencher em vez de ser dado um conjunto de dicas para o diálogo e apenas um quadrado, mas depende também da pessoa que está a explorar isto. Há pessoas que na generalidade resumem bem uma ideia e há outras que têm mais necessidade de ver ponto a ponto para conseguirem assimilarem alguma coisa. Pronto acho que há um conjunto de factores externos que não conseguimos muito bem apurar.

Talvez fosse das minhas sugestões dividir mais estes quadros, estas questões de debate, talvez intercalar afirmação espacinho para escreverem aquilo que foi a reflexão.

Excepção disso acho que está simples, o verdadeiro falso funciona sempre muito bem, é uma forma de sistematizar e que normalmente nós conseguimos reter, é uma afirmação que nós lemos. Se houver a verificação é fácil e as crianças conseguem reter, gostam muito. Não há aquele problema de terem que escreverem muito, do material de muita escrita, de muita tarefa, muita actividade, não é simples e começa logo a ser uma primeira barreira, não é o caso. Acho que vai intercalando um bocado aquilo que será a necessidade de informação escrita com aquilo que é apontar uma cruz, carregar num botãozinho, acho que de todo é apelativo e que funciona. É a minha opinião.

20. O que acha que poderia ser melhorado?

(Foi respondida na pergunta 19)

21. Das TIPS apresentadas, gostou mais da versão digital ou da versão papel

É o que eu digo, para mim é sempre um complemento. Quanto mais não seja sistematização. Porque o computador vai a todo o lado nós temos acesso, se tivermos, a internet, o portátil está sempre à mão, mas eu continuo achar que nem sempre é a mesma imediato, a sempre aquele momento em que nós queremos uma informação e que não estamos com a predisposição de abrir o computador, e que também é bom as vezes puxarmos de um papel. É por isso que continuamos andar com pastas e papéis e agendas e anotações, nem que seja na carteira uma folha dobrada, um postal qualquer ou uma conta do supermercado que tem uma anotação.

Portanto o papel e a caneta é sempre uma coisa muito eficaz, e muito versátil, foi para mim e será. É a minha opinião pessoal.

É claro que efectivamente gostar, gostar, quer dizer para trabalhar, para apresentar a um grupo de alunos em termos de interactividade de vontade de captar de chamar atenção, acho que sem dúvida muito provavelmente funcionará sempre melhor o computador. Não explorei isto ainda com os meus alunos, e até o poderei fazer, e acho que é muito pertinente, mas terá sempre um impacto diferente, e de facto a manipulação do computador para os miúdos é fascinante e para os adultos também, porque toda a gente gosta nem que seja para descontrair ir buscar um jogo que é rotineiro, e que até já podemos ter jogado aqueles dos acessórios do computador e que voltamos a ir, porque há momentos em que nos apetece muito, e portanto acho que de todo é sempre mais apelativo no computador, há um bonequinho que mexe, há uma seta que volta para trás, é um poupar de trabalho e uma economia até de esforço acho eu, e pronto a prioridade será se calhar para o computador, não anulando de todo a vertente do papel. Acho que depois de fazer a actividade, sinto-me bem se tiver de facto as actividades impressas, se as poder voltar a consultar e guardá-las.

## **Entrevista Professor B**

### ***I. Identificação do Professor***

1. Sexo

Feminino

2. Idade: 51 anos

3. Residência:

Freguesia:

Concelho: Coimbra

4. Habilitações literárias

Bacharelato

5. Qual a sua relação com as Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC)/Computador

Utilizador inexperiente.

6. Têm computador?

Sim

7. Têm Internet em casa

Sim

8. Onde utiliza a Internet

Em casa, no trabalho quando é preciso

9. Quantas horas por semana utiliza a Internet?

Entre 1horas a 5horas, mais do que isso não

### ***II. Relação escola***

10. Considera que a relação que se estabelece com a escola/casa, é adequada para os encarregados de educação, perceberem o que o educando aprende?

Eu penso que sim

Porque?

É assim. No meu caso eu tenho uma turma que tanto os alunos como os pais são extremamente envolvidos na escola, e participativos e tentam sempre perceber o que

é que nós estamos a fazer, para ajudarem os filhos em casa. E mesmo eu muitas vezes solicito a ajuda deles, porque tenho uma turma de 24 alunos, onde não estão todos ao mesmo nível, não é. É uma turma boa, com alunos mesmo muito bons e por isso, mas há outros que não é... E faço sempre com que os pais em casa tentem dialogar com os filhos e conversarem sobre os trabalhos. Eles sabem quais são os trabalhos de casa. Normalmente os meus pais corrigem, ou vê os trabalhos de casa. Não quer dizer que corrigem, mas vê os trabalhos de casa, para verem se vêm bem ou mal apresentados. Nesse aspecto eu sou um bocado suspeita a falar.

11. Considera que deveria haver mais tempos partilhados entre a escola/casa

É assim, eu acho que todo o tempo partilhado entre a escola casa é importante. No meu caso, no caso da minha turma eu tenho esse espaço. Mas isto não quer dizer que para o ano ou daqui a 2 anos tenha, porque tudo depende também dos professores mas também dos pais. Do envolvimento dos pais na escola.

No caso da minha turma, de facto os pais são extremamente empenhado e envolvidos

12. Considera que os encarregados de educação continuam a considerar que apenas a escola é apenas um espaço para deixar os filhos, delegando toda a responsabilidade na escola, no que respeita a aprender?

Na minha turma não, mas nos outros sim.

Porque?

Porque eu acho que há muitos pais que de facto vem para aqui, os filhos aqui é a gente que eduque, que faça tudo e mais alguma coisa. É um depósito de crianças. Mas não é o caso dos alunos da minha turma, na grande maioria deles. Não quer dizer que não exista um caso pontual. Sou uma privilegiada. Neste aspecto tive muita sorte.

### **III. Relação casa**

13. Considera que os pais acompanham, em casa, os estudos dos seus educandos?  
De que forma o fazem.

Sim, sim.

14. Considera que em casa são discutidos temas que são abordados na escola?

Sim. Mas isto é excepção há regra. Porque de facto estou a trabalhar com pais que são muito empenhados. E na minha carreira que já é longa não apanhei muitas turmas assim.

15. Considera que os pais abordam com o educando temas como sexualidade, sida, afectos

Sim.

#### **IV. Avaliação das TIPS**

16. Já alguma vez tinha ouvido falar sobre TIPS

Não, não

17. Considera que esta forma de interacção poderá trazer aspectos positivos para educação das crianças? (De que forma)

Sim. Porque os miúdos a partir daqui, aqueles que não têm de facto em casa os pais a puxarem por eles, começam a despertar e a tentar fazerem perguntas e dar respostas. E acho que sim, que é muito positivo

18. Dos materiais apresentados o que é que o agradou mais e o que menos agradou?

Tanto me agradou uns como me agradaram os outros. Acho que para a faixa etária que temos acho que estão bem conseguidos.

19. O que acha que poderia ser melhorado?

Em relação ao da Sida eu acho que os miúdos precisavam devido à faixa etária... há muitos alunos, por exemplo os meus alunos, sabem o que é a Sida porque falam com os pais em casa. Mas eu estou-me a ver noutra turma que está aí, em que não é muito fácil uma pessoa dar uma coisa destas e pedir aos meninos não é, pronto. E tudo isto tem que ser se calhar explicado com bastante imagens para eles conseguirem perceberem de facto o que é que é a Sida. Para não meterem na cabeça deles algum bicho de sete cabeças.

20. Das TIPS apresentadas, gostou mais da versão digital ou da versão papel

Acho a versão digital mais gira porque, os miúdos gostam muito, e aprendem muito mais. Por exemplo, na actividade no nascer, se eles poderem trocar as imagens, ao visualizarem aprendem mais, eu tenho essa sensação.



## **Entrevista Professor C**

### ***I. Identificação do Professor***

1. Sexo

Feminino

2. Idade: 31 anos

3. Residência:

Freguesia: Oliveira do Mondego

Concelho: Penacova

4. Habilitações literárias

Mestrado

5. Qual a sua relação com as Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC)/Computador

Eu utilizo não tanto como deveria. Mas utilizo. Não sou regular. Eu utilizo

6. Têm computador?

Sim

7. Têm Internet em casa

Não. Por isso é que não utilizo regularmente, se não utilizava.

8. Onde utiliza a Internet

No trabalho

9. Quantas horas por semana utiliza a Internet?

Menos de 1h00

### ***II. Relação escola***

10. Considera que a relação que se estabelece com a escola/casa, é adequada para os encarregados de educação, perceberem o que o educando aprende?

Não era a mais desejada, mas é adequada

Porque?

Não é a mais desejada, era preferível...Pelo menos eu peço muito, solicito muito a intervenção dos pais, e gostava que eles participassem mesmo. Não é só vir à escola

saber as notas, ou saber como é que anda o seu filho, mas que participassem também na vida activa da escola, que contasse um conto, ou falasse sobre a sua profissão, ou que fosse uma visita de estudo também...para eles saberem mesmo o que é o dia-a-dia dos meninos.

11. Considera que deveria haver mais tempos partilhados entre a escola/casa

Acho, sem dúvidas acho.

Porquê?

Porque penso que é fundamental. Os pais são os principais educadores, e nós somos um grande contributo para a formação dos meninos. Portanto só trabalhando os 2 em conjunto é que se pode promover o sucesso dos alunos.

12. Considera que os encarregados de educação continuam a considerar que apenas a escola é apenas um espaço para deixar os filhos, delegando toda a responsabilidade na escola, no que respeita a aprender?

Já nem tanto, mas depende das escolas.

Se eu trabalhar, como já trabalhei no interior, na Arrifana por exemplo, os pais depositam os filhos. Aqui em Coimbra, na cidade, já existe mais a preocupação dos pais de virem acompanhar, e muitos dos trabalhos que fazemos aqui, são depois acompanhados em casa e até acrescentados.

### **III. Relação casa**

13. Considera que os pais acompanham, em casa, os estudos dos seus educandos?  
De que forma o fazem.

Nesta escola, a maioria sim.

Primeiro eu tenho um caderno de diário, ou melhor, os meninos têm um caderno diário, no qual fazem vários trabalhos e vai para casa assinar. Portanto os pais têm conhecimento dos trabalhos que os meninos fazem. Fazem ditados e os pais assinam. Para existir sempre um controlo dos pais também.

Os trabalhos de casa, eu faço questão de dizer em todas as reuniões que são para serem acompanhados pelos pais. Não é para serem os pais a fazerem, mas não é para virem com desleixo sem serem visionados pelos pais.

14. Considera que em casa são discutidos temas que são abordados na escola?

Sim.

15. Considera que os pais abordam com o educando temas como sexualidade, sida, afectos

Eu espero que sim. Porque se não forem eles a escola não tem tempo. Assim tanto tempo que deveria ter para que os meninos sejam totalmente informados.

Por isso se calhar é que temos algumas situações muito chatas, não é.

Porque é que os pais não abordam estes assuntos?

Acho que a maioria dos pais continuam, apesar de já estarmos nesta época tão moderna, e de existirem tantos problemas, eu acho que os pais continuam a... este tema continua a ser um tema tabu. Continua a ser difícil de explicar.

Embora eu ache que esta nova geração tem mais preocupação, são mais abertos, têm uma relação tu cá tu lá, e portanto já conseguem estabelecer um contacto mais directo, e falar sobre estes temas. Na minha época se calhar não era bem assim, os meus pais por e simplesmente compraram uns livros, tiveram a preocupação, mostraram-me os livros, mas sentarem-se ao meu lado não. Penso que hoje alguns pais já o conseguem fazer.

#### **IV. Avaliação das TIPS**

16. Já alguma vez tinha ouvido falar sobre TIPS

Não

17. Considera que esta forma de interacção poderá trazer aspectos positivos para educação das crianças? (De que forma)

Penso que sim.

Primeiro é um jogo, e as crianças aprendem muito com os jogos. Envolve os pais e é muito interessante quando envolve os pais, porque os meninos dizem que se inclusivamente se sentem muito mais motivados, e porque existe discussão.

18. Dos materiais apresentados o que é que o agradou mais e o que menos agradou?

O que me agradou mais foram os desenhos. Foi a parte interactiva, eles poderem trabalhar.

O que me agradou menos, a excepção de não se poder testar. É depois desta discussão, diz lá só que se deve discutir. Excepção da Sida, eles têm que responder algumas perguntas, nos outros também seria interessante eles terem que responder algumas perguntas. Porque vem a discussão e nós depois não temos p feedback.

19. O que acha que poderia ser melhorado?

Se eu tivesse que acrescentar, eu só acrescentaria aquilo que puseram na Sida nos outros, só isso.

20. Das TIPS apresentadas, gostou mais da versão digital ou da versão papel

Versão digital. Porque é mais gira, é um jogo.

Sugestões para o futuro?

Era engraçado fazer um projecto deste não só com os pais, mas também com os professores. Assim na escola, deles fazerem jogos a pares e discutirem a pares. Isso também se calhar era um trabalho interessante. E os pais depois poderem ir ver, quais as discussões que os filhos tiveram.



# SEXUALIDADE E AFECTOS

Nome do aluno:


Número:

Turma



SIDA

**Objectivos:** Estamos a aprender as diferentes formas de transmissão da SIDA e quais os cuidados que deverão ser tidos em conta para a doença não ser transmitir. Esta actividade vai-nos ajudar a desconstruir ideias erradas sobre transmissão da doença e saber acolher os doentes com SIDA.

 Consultem o site *AIDS Portugal* para poderem tirar dúvidas e fiquem a saber mais.

<http://www.aidsportugal.com/article.php?sid=3318>

 **Com os teus pais indica o significado da palavra SIDA.**

 **Identifica as diferentes formas de transmissão do HIV.**

 **Das afirmações abaixo identifica as que são Verdadeiras e as que são Falsas:**

Afirmações	Verdadeiro	Falso
A SIDA pode ser transmitida através do contacto sanguíneo?		
Podes contrair SIDA se deres um aperto de mão ou um beijo a uma pessoa que tenha a doença?		
Se um mosquito te picar podes contrair a doença?		
A SIDA pode ser transmitida através de relações sexuais?		
Se beberes pelo o copo de uma pessoa que tenha SIDA, podes contrair a doença?		
Uma pessoa pode contrair a doença se usar a mesma seringa de uma pessoa que tenha SIDA?		
Uma criança que tenha SIDA não pode brincar com as outras crianças?		
Alguns bebés podem nascer com a doença, caso a mãe esteja infectada?		



## **Diálogo**

Com os teus pais tenta compreender, das afirmações acima descritas, aquelas que correspondem a mitos, e o que poderá ser feito para se mudar a maneira de pensar das pessoas em relação a esta doença.

Dicas para conversa:

- Que cuidados deve ter quando se brinca com uma criança que tenha SIDA (colocar os cuidados aqui)
- Cuidados a ter ao brincar na rua (não apanhar seringas)
- Cuidados de higiene (não utilizar escovas de outros colegas)
- ...

## Comunicação Escola-Família

### A preencher pelo Encarregado de Educação

Caro Pai/Mãe ou Encarregado de Educação

Gostaria que me dissesse como correram as actividades com o seu filho(a) ou educando(a).

	1	2	3	4	5
O meu filho(a) compreendeu o trabalho de casa e conseguiu discutir comigo					
O meu filho(a) gostou da actividade					
Esta actividade ajudou-me a compreender o que o meu filho(a), aprende na escola sobre SIDA.					

1 - Muito pouco

2 - Pouco

3 - Satisfaz

4 - Bom

5 - Muito bom



# SEXUALIDADE E AFECTOS

Nome do aluno:

Número:

Turma

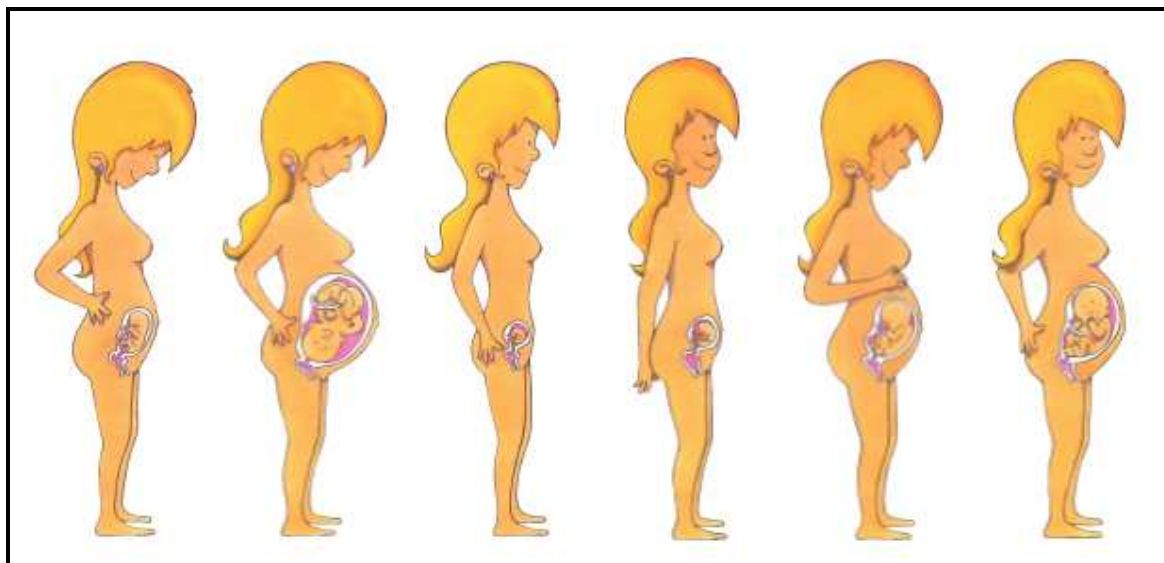


ATÉ NASCER!!!

**Objectivo: Identificar as diferentes etapas do desenvolvimento do embrião.**

**? Ordena as diferentes etapas do desenvolvimento do embrião na barriga da mãe.**

Recorta cada uma das imagens e cola-as numa folha por ordem.







## **Diálogo**

Com os teus pais conversa sobre:

- Quanto tempo demora um bebé a desenvolver-se dentro da barriga da mãe.
- Como é que se forma o bebé.
- Que cuidados deverá ter a mãe, durante o período da gravidez, para o bebé crescer saudável.
- Quando chega um bebé novo à família, como é que esta se pode organizar para cuidar do novo membro da família?
- Discutir em conjunto a frase "*um bebé que vai nascer tem muito a ver com amor*".

## Comunicação Escola-Família

### A preencher pelo Encarregado de Educação

Caro Pai/Mãe ou Encarregado de Educação

Gostaria que me dissesse como correram as actividades com o seu filho(a) ou educando(a).

	1	2	3	4	5
O meu filho(a) compreendeu o trabalho de casa e conseguiu discutir comigo					
O meu filho(a) gostou da actividade					
Esta actividade ajudou-me a compreender o que o meu filho(a), aprende na escola sobre educação para a sexualidade.					

- 1 - Muito pouco
- 2 - Pouco
- 3 - Satisfaz
- 4 - Bom
- 5 - Muito bom



# SEXUALIDADE E AFECTOS

Nome do aluno:

Número:

Turma



## DIFERENÇAS E SEMELHANÇAS

### Objectivos:

Identificar as diferenças e semelhanças entre o sexo masculino e feminino.

Organizar e valorizar afectivamente as diferenças sexuais.

**?** *Liga cada um dos órgãos do corpo humano ao menino e à menina. O mesmo órgão pode pertencer tanto ao menino como à menina.*



## **Diálogo**

Com os teus pais conversa sobre:

- Identifica outras partes do corpo humano, que não estão representadas no jogo.
- Quais as semelhanças e diferenças entre os meninos e as meninas.
- Que diferenças existem, não só no corpo, mas noutros aspectos, entre meninos e meninas (comportamentos, gostos, ...).
- Completa, conforme os casos:

*"Gosto de ser menino (homem) porque..."*

*"Gosto de ser menina (mulher) porque..."*

## Comunicação Escola-Família

### A preencher pelo Encarregado de Educação

Caro Pai/Mãe ou Encarregado de Educação

Gostaria que me dissesse como correram as actividades com o seu filho(a) ou educando(a).

	1	2	3	4	5
O meu filho(a) compreendeu o trabalho de casa e conseguiu discutir comigo					
O meu filho(a) gostou da actividade					
Esta actividade ajudou-me a compreender o que o meu filho(a), aprende na escola sobre educação para a sexualidade.					

- 1 - Muito pouco
- 2 - Pouco
- 3 - Satisfaz
- 4 - Bom
- 5 - Muito bom